

ELEMENTOS PARA A HISTÓRIA DO BARROCO NO NOROESTE PORTUGUÊS

Por Aurélio de Oliveira

A) A IGREJA BENEDITINA DE TIBÃES. PERSPECTIVA DO CONJUNTO ARQUITECTÓNICO DO SÉCULO XVII *

Quando ainda no ano lectivo de 1966-67 começámos a recolher elementos para a dissertação de licenciatura, visávamos, primariamente, elaborar parte da História da Abadia que incluiria referências ao aspecto artístico, sobre o qual pouco ou nada se conhecia¹. À medida, porém, que íamos devassando o grandioso recheio documental que dizia respeito a S. Bento e a Tibães outra prioridade acabou por se impor ao nosso espírito². Em vez daquele, surgiu: *Tibães*.

* A ilustração fotográfica deste trabalho fica-se devendo, quase por inteiro, a uma equipa de amigos. O seu entusiasmo foi contagiante e para nós exemplo e incentivo.

A D. Ilda e Edgar Rei e ao Amândio, ficamos, por isso, gratamente reconhecidos.

¹ Desde 1968 que Robert Smith vem também tratando o Barroco no Norte muito particularmente de Tibães. Cfr. nota 7.

² Tarefa sobremodo facilitada, pelo Ex.^{mo} Director da Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Braga, Sr. Dr. Egídio Guimarães. Daqui lhe endereçamos o mais grato reconhecimento, pelas facilidades concedidas no acesso ao Arquivo.

1630-1680. Estudo Socio-económico de uma Abadia Beneditina do Noroeste Português, apresentada em 1970. Pensávamos que o conhecimento de tais condicionalismos, e desse importantíssimo sector da vida da Abadia, se impunha a todos os outros e ajudaria a uma melhor compreensão das demais realizações. Da parte artística, logo fizemos propósito de tratar em primeira oportunidade³.

A quantidade e o ineditismo (autênticas revelações nos foram surgindo) dos informes que no decorrer dos trabalhos se depararam, foram tais e de tal monta, respeitando a alguns dos seus filhos, e a outros artistas nortenhos, que ali deixaram o labor das suas mãos e o selo do seu engenho, que ainda alimentámos a esperança de incluir tais novidades num capítulo final da dissertação. As circunstâncias do tempo tornaram isso impraticável, saltando, também fora da linha de exposição e do assunto a apresentar.

Reservámo-nos, então, para com outras disponibilidades iniciarmos uma publicação que funcionaria como um complemento ao primeiro trabalho. Traçaríamos o roteiro artístico da grande Abadia, dando conta dos pormenores interessantes a que descia a notícia documental que nos ia passando sob os olhos e que fomos recolhendo.

Só agora, portanto, nos foi possível trazer ao leitor e ao curioso da arte Portuguesa o conhecimento de parte da riqueza artística de Tibães. Com ele repetimos um apelo veemente, a quem de direito, no sentido de salvar-se o que ainda resta da maior casa beneditina portuguesa, e um dos monumentos mais ricos para o estudo do barroco, que Braga conserva fora de portas.

A Abadia, sentada na margem esquerda do Cávado e olhando, de soslaio, o colear do dorso prateado do rio, onde

³ Aurélio de Araújo Oliveira. *Tibães. 1630-1680. Estudo Sócio--económico de uma Abadia Beneditina do Noroeste Português*, Porto, 1970 (Dissertação Dactilografada). Introdução.

o vale mais se espraia, para ali está, parecendo dormir, qual monstro de pedra e cal prestes a sumir-se nas cinzas do esquecimento, ao mesmo passo que o tempo lhe vai arregoando as faces de rasgões escuros e gretas musgosas semeando-lhe o corpo de ruínas. Sobressaindo ao vergai do vale, acolhida no remanso da mata que a aconchega, para ali vai, silenciosa, recordando tempos antigos de grandeza e de deslumbrante esplendor, parecendo lançar um último olhar de nostalgia sobre as terras circunvizinhas que durante tanto tempo dominou. O esquecimento e a incúria dos homens parece condená-la desse passado, persistindo numa continua recusa do restauro de tanta riqueza que ainda encerra — documentação ímpar do que foi a esplêndida floração e entusiasmo do Barroco no Noroeste do País. Até quando?

Desconhecia-se exactamente o alcance da influência de Tibães nesta região mas ficou bem evidente, mormente a partir de 1630 — crescendo sucessivamente até 1680 e prosseguindo com maior brilho e esplendor do decorrer do séc. XVIII⁴ — .As suas terras instalavam-se em toda esta vasta região⁵ e a par da presença económica o contágio da sua influência estendeu-se a outros domínios, mormente o artístico. Os outros mosteiros copiavam em muito a casa--mãe tal como as Igrejas Anexas⁶. Muitas delas devem o seu recheio e o seu gosto às directrizes que saíam da Abadia. Também nas Igrejas paroquiais mais próximas e naquelas em que possuía mais terras o contágio se fez sentir.

Para essa presença vem chamando recentemente a atenção Robert Smith, cujo contributo para o estudo do Barroco

⁴ Aurélio de Araújo Oliveira, ob. cit. págs. 81-94.

⁵ Desde Monção e Caminha, a Viana, Ponte da Barca, Braga, Guimarães, Barcelos e Esposende, chegando mesmo à Vila da Feira (entre 1630 e 1680).

⁶ Aurélio de Araújo Oliveira, ob. cit. págs. 87, 88.

em Portugal, tem sido, de facto, notável⁷. Mas há ainda outros campos que urge conhecer para melhor ajuizarmos da irradiação saída de Tibães e outras casas para conveniente apreciação da presença beneditina no Norte. Aguardam ainda a audácia dos investigadores o tratamento da espiritualidade, da parenética, da literatura e até da música.

A nossa pretensão de hoje é modesta. Limitar-nos-emos a uma recolha de elementos e a chamar a atenção para a parte artística do conjunto, deixando um apontamento descritivo de cada um deles. Depois os analizaremos no contexto de outras realizações que oportunamente trataremos.

A recolha de elementos sobre o barroco no Noroeste, principiará por Tibães, mas em próximas oportunidades — que esperamos seja o mais breve possível — iremos dando conta de outros informes que julgamos de interesse.

Na parte que diz respeito a Tibães o tratamento do conjunto far-se-á por partes, deste modo distribuídas, mas sem obrigatoriedade de obedecer à ordem por que são expostas.

I — *A Igreja*. (Capelas, Sacristia, Coro, Órgão);

II — *A Abadia propriamente dita*. (Claustros, Refeitório, Salas de Capítulo, Livraria etc.);

III — *A Capela de S. Bento*;

IV — *Os Jardins*. (Fontes, Chafarizes e outros elementos decorativos);

V — *As Artes decorativas*;

5.1. — O Azulejo.

⁷ Além de «*A Talha em Portugal*», Lisboa, 1962. Os mais recentes: *Frei Cipriano da Cruz, Escultor de Tibães*, Porto 1968; *S. Bento da Vitória do Porto à Luz dos «Estados» de Tibães*, Liv. Fernando Machado, Porto, s/d., *Santo André de Rendufe. Subsídios para a História da sua Igreja durante o Século XVIII*, na Revista «Bracara Augusta», vol. XXIII, Julho-Dezembro de 1969, n.ºs 56 (68), Braga, 1969, págs. 7-44. *Marceliano de Araújo. Escultor Bracarense*, Porto, 1970; Quando já este artigo entrava para o prelo veio à luz um novo trabalho do autor: *Frei José de Santo António Ferreira Vilaça Escultor beneditino do século XVIII*. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1972, 2 vols. além doutros mais recentemente vindos a lume.



Fig. 1 — Um aspecto do frontispício e flanco Norte da Igreja da Abadia de Tibães

Dando começo a esta série de apontamentos começamos por trazer a lume alguns elementos que desde já se nos afiguram importantes.

Vamos deter-nos nas duas primeiras capelas, junto às do Cruzeiro, lados esquerdo e direito: a de Santa Gertrudes, (lado do Evangelho) e a que lhe fica defronte — mais tarde chamada Capela do Descendimento—(lado da Epístola).

Pretendemos com o presente trabalho chamar a atenção para o escultor que modelou a primeira talha que recebeu a Igreja da grande Abadia beneditina do Norte: provavelmente, o retábulo do altar-mor e o rico conjunto do coro; ao certo: a capela de Santa Gerturdes e a do Descendimento; o Sacrário da Tribuna e uma peanha para um Cristo da sacristia do Convento.

Vários foram os architectos que deixaram risco para o conjunto architectónico da Abadia, vários os mestres de pedraria que dirigiram a sua execução e vários os artistas que trataram do revestimento dos seus interiores, sacristia e outras dependências, desde os claustros à sala do capítulo, com a respectiva decoração: painéis e azulejo, incluso as pinturas que emolduraram as talhas da Igreja, capítulo e outras salas.



Principiava a construção da actual Igreja no primeiro triénio do Geral Frei Leão de S. Tomás, em 1628⁸, tendo este feito a encomenda da traça ao Architecto Manuel Álvares, conforme notícia que surpreendemos no Arquivo Beneditino de Singeverga no «Liuro de Obras deste Most.^{ro} de Tibaes q começou aos sete de Março do prim.^{ro} anno de nosso R.^{mo} P.^e M. Fr. Ant.^o de San B. ¹⁰ Lente Jubilado E geral de nossa Sagrada Religião, ano de 654»⁹, (que

⁸ Exerceu, pela primeira vez, o cargo de Geral de S. Bento entre 1627 e 1629, voltando a ocupar o mesmo lugar, pela segunda vez, de 1638 a 1641.

⁹ Hoje no Arq. Bened. de Singeverga.

é a continuação do Livro das Obras n.º 458 que se acha catalogado no Arquivo Distrital de Braga ¹⁰). A página 9v. do referido códice, à margem, dá-se conta da «Traça da Igreja noua» e no corpo da página: «Aos 6 de Agosto paguei mil e duzentos rs q se derão a hum f.º de m.º Alz/mestre, q foi destas obras/pella traça da Igreja noua... 1.200»¹¹. É pois, a traça que ainda hoje conserva (salvo algumas alterações na capela-mor e frontispício), e cuja responsabilidade de encomenda se deve a um dos grandes gerais da Congregação Beneditina em Portugal. Dele escreveu um cronista da Ordem (sem contudo referir o autor do risco), que para além doutras preocupações «Nao menos cuidava o R.º no seo Mostr.º de Tibaes... e por esta rezão deo principio a Igreja pela planta q mandou fazer e he a q hoje vemos»¹². Fr. Leão de S. Tomás efectivava, deste modo, em Tibães o programa de renovação das casas beneditinas, iniciado com esse apaixonado pelo temporal dos mosteiros que foi Fr. Tomás de Braga. Por outro lado, tal programa vem atestar um certo bem-estar na economia das casas beneditinas (algumas, pelo menos) essencialmente espalhadas no Noroeste português, e que agora parece tornar-se palpável. É igualmente certo que só a partir de então assistimos ao grande surto espiritual e intelectual da Ordem, com uma política bem orientada para os estudos. O número de membros que passa a ocupar cátedras em Coimbra cresce a partir de

¹⁰ José Mattoso, *Inventário dos Fundos de Antigos Mosteiros Beneditinos existentes no Arquivo Distrital de Braga*, Sep. da Revista «Bracara Augusta», vol. XX, Fascs. 45-46 (57-58), Braga, 1967, pág. 29. Cfr. A. D. B., Conv. e Most., C. S. B. Tib., L. das Obras, n.º 456.

¹¹ Arq. Bened. de Singeverga, «Livro das Obras deste Most. de Tibães, ano de 654, pág. 9 v.»; Robert Smith, *Frei Cipriano da Cruz Escultor de Tibães*, cit. pág. 21.

¹² Frei Marcelino da Ascensão, *Coronica do Antigo, Real e Palatino Mostr. de S. Martinho de Tibaes desde a sua primr.ª fundação athe o presente*, Cód. n.º 2, Ms., do Arq. Bened. de Singeverga, págs. 380-381, 389.

Fr. Thomas de Aquino, *Elogios dos Reverendísimos D. D. Abades Geraes da Congregação Benedictina*, Porto. 1967, págs. 167-168.

então, sendo, quanto a nós, um correlato do que no campo material se vinha operando¹³.

Esse programa de renovação delinear-se-á Fr. Tomás do Socorro, particularmente no seu primeiro generalato principiado em 1611.

A quando do desempenho das funções de geral, lançou as bases da renovação arquitectónica e artística de muitas casas: Na junta de 25 de Agosto de 1611, realizada em Rendufe, decidiu-se mandar executar plantas para a reedificação de Pombeiro. (Posteriormente, em 5 de Fevereiro de 1612, e em 3 de Julho de 1613, em juntas realizadas em Pombeiro, se tomou «formal Resolução Sobre a dita favrica q he a q hoje dura»¹⁴). Nessa mesma junta de Rendufe se delibera sobre outros riscos: para o próprio mosteiro de Santo André de Rendufe, saído do punho de Domingos Vieira que é também a planta «porq hoje o vemos feito/menos huma galaria q ha poucos annos Se lhe acrecentou ea Igreja q se fes de nouo / a qual planta fes Domingos Vieira, menos a Sacrestia Cap.¹⁰ e nouiciado porq esto Se dispos por outra traça Sem se lhe dizer o Architecto»¹⁶. Era então abade de Rendufe, Fr. António da Ascensão¹⁶; (Estes acréscimos e modificações foram ali introduzidos no primeiro quarto do século XVIII¹⁷)- Naquela mesma junta se discorreu sobre as reedificações de Paço de Sousa, deliberando ainda sobre os riscos do Colégio de Coimbra¹⁸» q Se Rezolveo seguisse a planta apresentada Com as emendas q já tinha; eu

¹³ O que pode vir corroborar afirmações que noutro lado e a outro propósito já expressámos. Cfr. Aurólio de Oliveira, *A Abadia de Tibães e o seu domínio (1630-1680). Estudo Social e Económico no Noroeste Português*, no prelo.

¹⁴ Fr. Marcelino da Ascensão, ob. cit., pág. 334.

¹⁵ Fr. Marcelino da Ascensão, ob. cit., pág. 234.

¹⁶ Fr. Tomás de Aquino, ob. cit., pág. 408.

¹⁷ Robert Smith, *Santo André de Rendufe*, cit., págs. 14-15. Atribuiu-as este autor ao mestre arquitecto Manuel Fernandes da Silva (idem, pág. 15). Terá sido o mesmo, portanto, que contratou a obra do Frontispício de Tibães, como teremos ocasião de mais amplamente dar notícia ao tratarmos de «A Igreja».

¹⁸ De provável autoria de Baltazar Alvares, Cfr. Robert Smith, *Frei Cipriano da Cruz*, cit. pág. 77.

prezumo Serem de Fr. João Turriano Monge nosso»¹⁹. (Se pode ter algum fundamento a suposição de Fr. Marceliano da Ascensão, sobre o concurso de Fr. João Turriano nestas alterações, elas não podem, todavia, coincidir com a data aludida, pois Fr. João Turriano só ingressou na Ordem em 1629²⁰, e sendo lente de Matemática em Coimbra por morte de Fr. Pedro de Meneses). A sua actividade «não pode ser anterior a 1630 ou mesmo 1640» (opina Reinaldo dos Santos) e é mais que provável que a sua intervenção na alteração dos riscos para o colégio de Coimbra só poderá ser de época posterior à indicada por Fr. Marceliano da Ascensão²¹. A Igreja do colégio de Coimbra era sagrada em Março de 1634²².

¹⁹ Fr. Marcelino da Ascensão, ob. cit., págs. 334-335.

²⁰ Cardeal Saraiva, *Apontamentos Beneditinos*, Ms., Arq. Bened. de Singeverga, pág. 30. Tomava hábito a 29 de Novembro de 1629 quando contava de 18 para 19 anos. Cfr. Reynaldo dos Santos, *Oito Séculos de Arte Portuguesa, Espírito e História*, Empresa Nacional de Publicidade, Lisboa, 2.º vol. s/d., pág. 224; *História da Arte em Portugal*, Portucalense Edit., Porto, 1953, III, vol., págs. 12-46.

Ayres de Carvalho, *D. João V e a Arte do seu Tempo*, Edição do Autor, 2.º vol. Mafra, 1962, págs. 68, 80, 82 (desdobrável da pág. 109) 129.

²¹ Será, assim, de atribuir-lhe (ainda que para época diferente o risco ou as alterações ao risco para o Colégio de Coimbra? Será de considerar. É certo que andando sempre «mui occupado no estudo no debuxo e risco de obras de architectura» nem o Cardeal Saraiva nem ninguém lhe atribui tal obra. (Cfr. Cardeal Saraiva, *Apontamentos Beneditinos*, cit. págs. 30 e 159; e Reinaldo dos Santos, obs. cit.) Todavia nem o primeiro é exaustivo na nomeação das obras em que participou, Fr. João Turriano — desconhece a sua participação em Tibães, por exemplo —, nem os outros, são explícitos em relação às obras, ou parte das obras (quase todos seguem a informação do Cardeal Saraiva. Cfr. Sousa Viterbo, *Diccionario Historico e Documental dos Architectos, Engenheiros e Construtores Portugueses ao Serviço de Portugal*, Lisboa, 1922, vol. IV, págs. 144-145) que contaram com a sua presença — é o caso de Tibães, como frisámos (Cfr. Arq. Bened. de Singeverga, Livro das obras, ano de 654, cit., pág. 53 v.: à margem: «Gastos de P^e mestre fr. João Turriano» no corpo da página: «Mandou o nosso R.^{mo} dar ao P^e Mestre fr. João Turriano p^a gastos do Caminho q.^{do} ueo uer as obras; quatro mil rs ... 4.000» e na pág. 76 v, à margem: «Vestoria do P^e mestre fr. João Turriano»; no corpo da página: «Mandou dar nosso R.^{mo} dar ao P^e m.^{stre} Fr. João Turriano, q.^{do} ueio uer as obras outo mil rs ... 8.000».

²² Frei Tomás de Aquino, ob. cit. pág. 167. Sagrada com solenidade por Fr. Leão de Santo Tomás em 19 de Março.

A este homem de extraordinário dinamismo se ficou devendo o início da reconversão material destas casas: «Demodo q ao R.^{mo} fr. Thomas devem estes Mostr.^{os} a sua Reedificação pois não So Coidou nas Suas plantas mas a Sua activid.^e fes Coidar nas obras»²³, Tibães só viria a sentir o sopro dessa renovação mais tarde. Todavia, parecemos de imputar a este geral muitas das responsabilidades do rejuvenescimento dentro da Ordem de S. Bento.

Encomendado o risco por Fr. Leão de S. Tomás, para Tibães, os trabalhos da reconstrução, principiaram em 1628, conforme se encontra exarado em inscrição na primeira pilastra junto ao arco do Coro, logo ao entrar da Igreja do lado esquerdo. O primeiro «Estado»²⁴ que nos ficou

²³ Fr. Marceliano da Ascensão, ob. cit., pág. 335.

²⁴ «Estado» assim se passaram a denominar os relatórios que todas as casas tinham de apresentar referentes às suas actividades económicas, artísticas e outras, quando de três em três anos se realizavam as eleições do D. Abade Geral e das outras equipas directivas das diversas comunidades. A sua importância é fundamental para o estudo dos mais diversos aspectos dessas comunidades beneditinas. Para essa importância chamou já também a atenção R. Smith (*S. Bento da Vitória do Porto, à Luz dos «Estados» de Tibães*, cit., págs. 8-9).

É interessante verificar, que o início destes «Estados» vem a coincidir com o segundo triénio de Fr. Tomás de Socorro, que inicia a série de Abades que ao aspecto económico das diversas casas passaram a dedicar o maior interesse, e não obstante a observação que sobre o mesmo faz Fr. Tomás de Aquino (*Elogios dos Reverendíssimos D. D. Abba-des*, cit., pág. 129). Fr. Tomás de Socorro, foi um bom organizador do material não só de Tibães como de outras casas (Cfr. Fr. Marceliano da Ascensão, ob. cit., págs. 389-390; Aurélio de Araújo Oliveira, ob. cit., pág. 203). Esta nova orientação teve um excelente continuador em Fr. António dos Reis (Cfr. Fr. Tomás de Aquino, ob. cit., págs. 131-132; Fr. Marceliano da Ascensão, ob. cit., pág. 397) que desempenhou três generalatos. Não nos repugna, por isso, responsabilizá-lo por este novo controle de gerência, que trouxe inevitavelmente consigo uma melhor administração às várias casas «porq queria tudo fose com a Serto, sabendo q hum erro em obra g.^{de} não So he irremediavel mas acuzo emq.^{to} dura a q.^m o não evitou» (Fr. Marcelino, ob. cit., pág. 334).

(o de 1632 — fim do segundo generalato de Fr. Tomás do Socorro), refere a actividade das obras que cobriam os três anos precedentes, nos quais se dispendeu «hu Conto quinhentos e desanoue mil dusesos E desanoue rs»²⁵, o que bem mostra o empenho que nesse triénio se pôs no andamento dos trabalhos²⁶. Prosseguiu-os Pr. António dos Reis, outro dos grandes organizadores do material das casas beneditinas e, sem dúvida, o grande administrador da Ordem²⁷. Empe-nhou-se sobremodo nas obras da Abadia o seu sucessor Fr. Manuel de Santa Cruz (1635-38)²⁸.

Com ele se iniciou já, no interior, a construção das capelas, tendo-se levantado a primeira da parte esquerda²⁹. Incrementava ainda outras obras: na Igreja, no claustro, nas águas da portaria, embelezando já no exterior os jardins³⁰. Os anos que se seguiram foram um pouco conturbados para a vida interna da congregação, mas as obras prosseguiram. O Estado que nos dá conta da actividade do triénio de Fr. António Carneiro (1644-1647) elucidanos quanto ao seguimento das obras na Igreja: concluíram-se as capelas: mais duas do lado esquerdo e as três correspondentes do lado oposto, ultimando-se, deste modo, a maior parte do corpo da Igreja:

²⁵ A. D. B., Conv. e Most., C. S. B., n.º 112, Tib., E. 1632, págs. 3 v. e 10v. n/numeradas.

²⁶ Fr. Tomás de Aquino, ob. cit., pág. 171.

Fr. Marceliano da Ascensão, ob. cit., págs. 389-390, com mais lata referência a outras obras.

²⁷ Fr. Tomás de Aquino, ob. cit., págs. 134-135; pág. 132: «mostrou especial talento que Deos lhe dava para o governo económico da Religião...».

Fr. Leão de S. Tomás, ob. cit., T. I, pág. 395.

Fr. Marceliano da Ascensão, ob. cit., págs. 341, 366 e 397.

A. D. B., Conv. e Most, C. S. B., Tib., Liv. do Dep., n." 540, pág. 95v.

²⁸ Fr. Tomás de Aquino, ob. cit., pág. 171.

²⁹ A. D. B., Conv. e Most., C. S. B., n.º 112, Tib., E 1638, pág. 7, n/n. Cfr. Apêndice Documental.

Fr. Marceliano da Ascensão, ob. cit., pág. 399 «... e fes hua Capella das do Corpo da Igreja da p.^{te} esquerda».

³⁰ A. D. B.. Conv. e Most. C. S. B., n. ° 112, Tib. E. 1638, págs. 7 e 7 v. n/n.

até aos arcos cruzeiros, tendo-se iniciado já ali, também, os trabalhos³¹. Só volvidos catorze anos, porém, é que terminava esta parte moderna da Igreja.

Concluía-se esta com Fr. Vicente Rangel, um ano antes de terminado o seu mandato como geral, e conforme se pode ler na base da mesma pilastra, onde está gravado o ano do começo³². Estava-se nos princípios do Outono de 1661, segundo refere Fr. Marceliano da Ascensão³³.

Trinta e três anos demorou a construção desta Igreja onde trabalharam arquitectos como Manuel Álvares e Fr. João Turriano, mestres de obras que se encarregaram da execução dos planos como os «mestres de pedraria» Bento Correia, que provavelmente dirigiu a construção até 1650. Tudo nos leva a crer ser esse o «mestre» que vem sempre na cabeça das listas de pagamento, sem uma especificação, com uma diária de 180 reis (os restantes oficiais ganhavam menos) e que nos aparece especificado na fêria de 18 de Setembro de 1649 e em 27 de Julho de 1650, altura a partir da qual o montante da diária do indivíduo que vem à cabeça da lista nunca atinge os 180 reis³⁴. É natural pois que até 1650 Bento Correia tivesse estado à frente das obras.

Outro mestre, António Correia, aí deixou, também, as marcas do seu labor pelo menos desde aquela data até ao Verão de 1657³⁵. A partir de então superintendeu nas obras,

³¹ A. D. B., Conv. e Most., C. S. B., n.º 112, Tib., E. 1647, pág. 7 v. n/n. Cfr. Ap. Doc.

Fr. Tomás de Aquino, ob. cit., pág. 187.

Fr. Marceliano da Ascensão, ob. cit., pág. 425 «No Seo Mostr.º de Tibães fes m.^{to} porq.º na Igreja noua fes Sinco Capelas e hum arco Colateral».

³² Fr. Tomás de Aquino, ob. cit., págs. 209-210.

³³ Fr. Marceliano da Ascensão, ob. cit., pág. 445. «No Fron-tespicio pos em outra tarja q fica sobre as frestas Fr. Vicente Ranger Sendo Seg.^{da} ves g.^{al} an. de 1661 e em a base de hua piramide do tal frontespicio, q fica p^a a parte do meyo dia, esta este Letreiro Acabouce este edeficio em o mes de Outubro de 1661». Ainda hoje se nota, cá do fundo, essa inscrição na fase da pirâmide.

³⁴ A. D. B., Conv. e Most., C. S. B., Tib., Liv. das Obras, n.º 458 págs. 1-104.

³⁵ Não só na Igreja como noutras partes.

logo abaixo da supervisão de arquitecto beneditino Fr. João Turriano—que ainda nesta data continuava acompanhando trabalhos³⁶ — outro «mestre das obras» — Pedro Machado. Na verdade, no decurso de Maio a Setembro de 1657 encontrámos pagamentos, benesses ou subvenções feitos a favor deste «mestre das obras» incluindo o subsídio para uma viagem a S. João da Foz para «uer as obras»³⁷. Ainda em 1659 (Abril) se volta a dar conta de honorários feitos ao mesmo Pedro Machado. Uma vez ultimadas as obras da Igreja, é natural que dirigisse as do exterior, sobretudo dos claustros, para onde foram transferidos os «officiaes» pedreiros e trabalhadores ainda antes 1657³⁸, tendo-se trabalhado ali, também, desde então, ao mesmo tempo que se acabava a Igreja³⁹. Confirma-o ainda um pagamento do mês de Abril de 1659 na importância de vinte e cinco mil reis «pello tempo q assistio nas obras de aparelhador q foi cazj dous annos»⁴⁰.

Para além destes, outros artistas ali difundiram, nos meados e fins do século XVII e até meados do século XVIII, uma tradição que não pode esquecer-se ao estudarem-se os maiores vultos. É o caso de mestres de pedraria como Bento

³⁶ Arq. Bened. de Singeverga, Liv. das Obras, ano 654, pág. 114 v.: «Custou o nauio de Cal q comprou o P^o M^e fr. João Turriano em Mondego no principio do trienio com os gastos athe o meter dentro no nauio oytenta e dous mil rs. ... 82 000\$00 — isto é incluído na fêria 4 de Janeiro de 1659.

³⁷ A. B. S.—Liv. das Obras, ano 654, pág. 72 v.: antes de Setembro desse ano «mandou dar o P^o prezidente ao p^e p^o machado mestre das obras p.^a hus sapattos Coatro Centos Reis ... 400»; e entre 15 e 22 de Setembro: «gastou o p^e p^o machado indo a São João da fos uer as obras mil e trezentos e sincoenta rs ... 1350» pág. 73. Estas obras da Foz principiaram no triénio de Fr. António de S. Bento (1653-1656). Cfr. Marceliano da Ascensão, ob. cit., pág. 435.

³⁸ A. B. S. — Liv. das obras, ano 654, pág. 42.

³⁹ Este mestre continuou até ao fim destas obras: A. B. S., Liv. das Obras, ano 654, pág. 149 «mandou nosso R.^{mo} dar a P^e P^o machado dez mil rs ... 10.000» (Charidaide). Até 1661 ali continuou conforme se infere de uma folha solta que anda no meio deste livro. Cfr. Apêndice Documental.

⁴⁰ A. B. S., Liv. das Obras ano 654, pág. 115.

Ribeiro, Gregório Ribeiro, Manuel Fernandes da Silva, Domingos Gonçalves, o já aludido António Correia, Estêvão Moreira e outros, alguns dos quais trabalharam lado a lado com aqueles mestres ou com André Soares, e depois deste, com Diogo Soares⁴¹. Verdadeiros criadores e executores de um gosto e uma tradição muito próprios na arte de talhar, modelar e dar vida ao granito àspero da região. Parte deles deixou em Tibães, em Braga e nos arredores os testemunhos dessa arte tão singular de passar ao granito íngreme e nele gravar o selo da devoção tenra e às vezes exuberante da grei no seio da qual viviam. Isto é verdade no que concerne ao tratamento da pedra mas na arte de lidar com a madeira o mesmo aconteceu e com uma pujança ainda maior. A década de 1660 a 1670 assistiu, neste particular, a uma efervescência notável. Aqui em Tibães deixou, talvez, o maior testemunho com o preenchimento dos interiores da Igreja.

Estes principiaram logo que ficou concluída a estrutura fundamental da mesma e logo pelas capelas: Mor e Colaterais, sem que tal impedisse os trabalhos que se desenvolviam no exterior⁴².

Antes de 1661 já se trabalhava nesse preenchimento. Em fins de Novembro de 1646 rebocaram-se algumas capelas⁴³ e em 1651 lavrou-se contrato com o pintor Diogo Vaz e fez-se-lhe pagamento «a conta das pinturas q hade fazer nesta Caza»⁴⁴, onde também deixaram obra outros pintores bracarenses.⁴⁵

As obras da Igreja deviam ir muito adiantadas para justificar, já em Abril (23) de 1653, ao tocar o fim do triénio de Fr. Francisco dos Reis, (1650-1653), a compra de ricas alfaias para a nova Igreja a avaliar pelo montante dispendido,

⁴¹ A. D. B., Conv. e Most., C.S.B., Fil.. Liv. das Obras n.º 463, págs. 55, 57 v., 60 v. Idem, Liv. n.º 464, 465, págs. 1-3, 16 v. etc.

⁴² A. D. B., Conv. e Most., C. S. B., n.º 112, Tib., E. 1662.

⁴³ A. D. B., Conv. e most., C. S. B., tib. Liv. das Obras, n.º 458, pág. 35.

⁴⁴ Painéis para o hospício e outros. Cfr. A. D. B.; Conv. e Most., C. S. B., Tib., Liv. das Ob., n.º 458, pág. 130.

⁴⁵ Idem, pág. 136.

verdadeiramente notável: um conto quarenta e um mil trezentos e vinte reis⁴⁶. Este Geral imprimiu considerável avanço às obras do corpo da Igreja⁴⁷ que Fr. Marceliano relata com agrado «No seo Most.^{ro} de Tibaes fes g.^{des} obras, estaua a Igreja noua no arco Cruzeiro. Correo com a obradalli p.^a cima e se fes toda a impena athe o remate da Cruz e pirâmides, fes tambem o pedaco da costam q vai fechar na torre e *se fes a abobada de ametade da Igreja, e a outra ametade cobrio de Madr.^a com talha p.^a com decensia poder seruir*. Fes a escada de pedra q vai p.^a o Coro da Igreja Fes a casa do hospicio *Com Retabolo e mais adorno*⁴⁸. No interior prosseguiam as obras e asseios: chaparias nos frontais, retoques nos painéis que ornavam o claustro etc.⁴⁹.

Foi particularmente nos anos que se seguiram que o interior da Igreja começou a receber os ricos recheios: talhas do altar-mor e capelas, cadeirais e outros adornos⁵⁰; gradeamentos para grande parte das capelas e para as janelas da capela-mor, grades do coro, além de todo o rico revestimento deste em talha com sua imaginária e painéis⁵¹.

As obras de pedraria na Igreja diminuía logo a partir de Março de 1656, e os trabalhadores e «officiaes» que ali

⁴⁶ Idem, págs. 173 V.-175 v.; «Aos 23 de Abril dei pera hum ornamento de tela bordado q se fes fera seruir na igreia noua noue centos e dezouto mil e sete centos rs. ... 918.700.

...Dei mais p.^a hu veo do calix grande q ha de seruir com o dito ornamento, dezouto mil cento e vinte rs. ... 18.120.

...Mais dei pera dous volumes do psalteiro, q hão de seruir na dita igreia noua cento e quatro mil e quinhentos rs. ... 104.500».

⁴⁷ A. D. B., Conv. e Most., C. S. B., n.º 112, Tib., E. 1653, págs. 11 V.-12, m/n.

Fr. Tomás de Aquino, ob. cit., pág. 201.

⁴⁸ Pr. Marceliano da Ascensão, ob. cit., pág. 433.

⁴⁹ A. D. B., Conv. e Most., C. S. B., Tib. Liv. das Ob., n.º 458, págs. 172v.-173 v.

⁵⁰ A. B. S., Liv. das Obras, ano 654, pág. 136 v.: Custou hua pouca de madeira q se comprou p.^a a Capella mor sete mil e sete centos e Sincoenta rs. ... 7.750.

⁵¹ Idem, págs. 96, 109 v., 136 v.

A. D. B., Conv. e Most., C. S. B., n.º 112, Tib., E. 1656. Cfr. Ap. Documental.

andavam eram transferidos para os exteriores, para as obras do claustro, contíguo à Igreja para nesta se iniciarem os revestimentos de madeira⁵². Aqui os trabalhos de pedraria terminavam efectivamente nos primeiros dias de Junho de 1660, altura em que se deu molhadura aos pedreiros que acabaram os últimos preparativos na capela-mor⁵³ já no triénio de Fr. Vicente Rangel (1659-1662) que dedicou a maior atenção aos interiores deixando praticamente delineado o seu revestimento⁵⁴.

Como vemos, as obras não foram executadas de um só jacto e vários foram os gerais e vários os artistas nortenhos que ali deixaram o labor das suas mãos. O mesmo irá suceder agora com o revestimento dos interiores⁵⁵, enchendo uns e outros com a pujança do sentimento barroco o ambiente da Igreja entumecendo-o com o viço estonteante do castanho modelado, ora contido ora desordenado nos labores da talha.

Os preparativos dessa decoração estavam em andamento no generalato de Fr. Vicente Rangel altura desde que se vêm fazendo aquisições de madeiras de castanho para as capelas colaterais e capela-mor, mormente a partir de 1659 e 1660⁵⁶.

Em Janeiro de 1662 fazia-se pagamento a pintores «de fazer a pintura do Retabolo da Capella mor de ocre e cola»⁵⁷, compunham-se os gradeamentos da capela-mor e colaterais, dourando-se⁵⁸, encomendava-se e fazia-se a compra de madeiras

⁵² A. B. S., Liv. das Ob., ano 654, pág. 42, pág. 66 v. (Féria de 24 de Março de 1656). «Nesta feria não andarão pedreiros na Igreja porq. todos trabalharão na obra dos quant.^{ros} do Claustro, q corre por conta de nosso R.^{mo} P^e G.^{al} E som.^{te} andarão os Carpint.^{ros} na mad.^{ra} da Igreja».

⁵³ Idem, (féria de 5 de Junho) «Dei p^a hua merenda dos pedreiros q.^{do} acabarão a Capella dous tostões».

⁵⁴ Idem, págs. 117-182.

A. D. B., Conv. e Most., C. S. B., n.º 112, Tib., E. 1662.

Idem, C. S. B., Tib., Liv. das Ob. n.º 459, págs. 1-21.

Fr. Marceliano da Ascensão, ob. cit., págs. 443, 445.

⁵⁵ E mesmo dos jardins.

⁵⁶ A. B. S., Liv. das Ob. ano 654, págs. 117 e 136 v.

⁵⁷ A. D. B., Conv. e Most., C. S. B., Tib., Liv. das Obr. n.º 459 L. 6 v.

⁵⁸ idem, págs. 14 v., 16, 19 v.

para os guardanapos do púlpito⁵⁹. Por conseguinte, a tarefa do grande embelezamento do interior veio a cair nos dois triénios seguintes, o primeiro dos quais de Fr. Gregório de Magalhães (1662-1665).

Foi ao Brasil, na qualidade de reformador e ali levantou a Igreja e o mosteiro de S. Paulo em substituição dos antigos edifícios, bem como um hospício que «hoje he hua Prezi-dencia a melhor q a Província tem»⁶⁰ e sob risco de seu próprio punho, segundo tudo leva a crer⁶¹.

Segundo informação de Fr. Tomás de Aquino, «Passou a S. Paulo, aí fundou uma Igreja digna com a ajuda de um nobre com a promessa de sepultura na Capela mor». Passou depois à Baía onde «traçou um collegio q mandou fazer em Villa Velha»⁶². Cremos que, uma vez em Tibães, aqui terá deixado algum contributo seu. De 1659 a 1662 exerceu o cargo de Definidor e Visitador mor⁶³ e de 1662 a 1665 ali desempenhou o cargo de geral. Foi neste período que «mandou executar naquella Igreja hum retábulo da Capella-mor, que se fez estimavel até o tempo do R.^{mo} Fr. António de Santa Clara»⁶⁴ que com o outro mais precioso e de melhor risco usurpou àquella a Veneração que tivera no tempo passado»⁶⁵. Informação esta, preciosa, segundo cremos. Os «Estados», bem como os livros das Obras, Livros dos Gastos da Casa e outros são mudos quanto à realização de qualquer pagamento, pelo risco de qualquer retábulo. A única referência diz respeito ao pagamento de uma «pintura do Retabolo da Copella-mor»⁶⁶, que nós supomos feito a favor do escultor António de Andrade, que o teria delineado sob orientação de Fr. Gregório de Magalhães — isto em 7 de Janeiro 1662. (Hipótese a considerar

⁵⁹ Idem, pág. 21 v.

⁶⁰ Fr. Marceliano da Ascensão, ob. cit., pág. 450.

⁶¹ Fr. Tomás de Aquino, ob. cit., pág. 223.

⁶² Idem pág. 221. Sublinhado nosso. Depois sem efeito.

⁶³ Além de Abade de Pombeiro. Cfr. Fr. Marceliano da Ascensão, ob. cit., pág. 4:50.

⁶⁴ Geral de 1756-1758. Cfr. A. D. B., Conv. c Most., C. S. B., n.^o 112, Tib., E. 1758.

⁶⁵ Fr. Tomás de Aquino, ob. cit., pág. 223.

⁶⁶ A. D. B., Conv. e Most., C. S. B., Til., Liv. das Obr., 459, pág. 6 v.

suposta a informação preciosa e até hoje desatendida de Fr. Tomás de Aquino, que nos informa ter andado o Geral sempre mui «ocupado no desenho de muitas obras no Mosteiro de Tibães»⁶⁷).

Algumas das peças menores já ali se encontravam: grades de ferro da tribuna⁶⁸, vidraças para a mesma, bancos da capela-mor já dourados, grades colaterais⁶⁹. É natural que já então se encomendara o conjunto em talha para o coro⁷⁰, além do azulejo para a Igreja⁷¹. Tudo isto nos leva a concluir que o grande obreiro do recheio dos interiores da Igreja foi esse geral que sentia correr-lhe nas veias o gosto pelas coisas da arte. Fr. Bento da Glória foi o seu grande continuador (1665-1668).

Na verdade, passado que foi um mês que Fr. Bento da Glória assumiu o cargo de geral, acabava-se e assentava-se o retábulo: a 27 de Junho de 1665⁷². Todavia, é de presumir que nele se trabalhasse afanosamente visando ultimá-lo ainda no triénio de Fr. Gregório de Magalhães⁷³.

Fr. Bento da Glória continuou as obras. Encomendou o retábulo da capela de Santa Gertrudes, assistindo provavelmente ao seu assentamento. O seu autor era desconhecido, e é dele que hoje, pela primeira vez, vimos dar notícia.

⁶⁷ Fr. Tomás de Aquino, ob. cit, pág. 223.

⁶⁸ idem, pág. 9v.

⁶⁹ Idem, pág. 13.

⁷⁰ Idem, págs. 18-21. Cfr. à frente: obras prováveis: o Coro.

⁷¹ Idem, pág. 17. Que revestiu a Capela-mor.

⁷² Dei p.^a seis centos pregos p.^a o Retabolo ... 400.

Dei mais aos officiais do Retabolo ... 30.000».

Idem, pág. 31: Dei aos maginarios Sincoenta mil rs cõ q se lhe acabou de pagar o Retabolo: q custou c.^{to} e nouenta mil rs hoje 27 de Junho de 665 q foy o dia em q se acabou ... 50 000».

Dei re pitanga do Retabolo quinze mil rs ... 15.000».

⁷³ Assim ainda em Abril desse ano:

Cfr. A. D. B., Conv. e Most., C. S. B., Tib., Liv. das Obr., 459, pág. 29.

«Dei ao officiaes do Retabolo a conta cento e des mil rs ... 110.000».

«Dei ao ferreiro de vinte tres arrateis E m.^o de ferro laurado p.^a hus ferros que fes p.^a o Retabolo E pregos p.^a os mesmos ferros ... 1.160».

Foi o mesmo que lavrou o conjunto em talha da capela que fica defronte da de Santa Gertrudes. Mas sigamos o revestimento da Igreja até 1670, data limite em que o escultor António de Andrade assenta ali uma peça sua.

Fr. Marceliano da Ascensão faz referência às obras levadas a cabo por Fr. Bento da Glória (além do lageamento da Igreja)⁷⁴ «deixou feito o Retabulo da Capela mor, na 2.^a Capela do lado do norte na Igreja mandoulhe por Retabolo as imagès de S.^{ta} getrudes e S. Miguel, e a composição Com q se ve o Coro»⁷⁵ O autor segue de perto aqui (como aliás quase sempre) as fontes documentais⁷⁶.

Com efeito, as obras de talha no coro principiaram a 23 de Março de 1666, terminando dois anos depois, a 29 de Março de 1668, altura em que se deram nove mil reis de propinas aos oficiais que ali trabalharam⁷⁷. Nesse entretanto, o coro recebia todo o recheio: os opulentos cadeirais⁷⁸ e os «painéis» do espaldar, pelos quais se pagou a um tal «Souza» a importância de quarenta mil reis e um carro de pão. Ficámos, assim sabendo, segundo Robert Smith, o nome de um dos entalhadores do cadeiral⁷⁹.

⁷⁴ Pr. Marceliano da Ascensão, ob. cit., pág. 453. Esse lageado havia já sido principiado no tempo do seu predecessor. Cfr. A. D. B., Conv. Most., CS. B., Til., n.º 459, pág. 29.

⁷⁵ Pr. Marceliano da Ascensão, ob. cit., pág. 454.

Cfr. R. Smith, *Frei Cipriano da Cruz, Escultor de Tibães*, cit., pág. 21.

⁷⁶ A. D. B., Conv. e Most., C. S. B., Til., Liv. das Obr., n.º 459. pág. 31 v.-44 v.; Cfr. Apêndice Documental.

⁷⁷ Idem, pág. 35 v. «Começarão os M.^{es} do Choro a 23 de Março de 666 fesselhe a Feria a 29 de Abril de 666. em q se mantarão vinte e seis mil e sette c.^{tos} e sessenta rs ... 26\$760 (N. B.: todas as contas referentes à talha do coro se encontram riscadas e à margem a nota: «p.^a a Caza» (ver à frente texto); pág. 42 v.: Dei aos M.^{es} do Choro desde janeiro athe 29 de Março de 1668, quarenta e sette mil outo c.^{tos} e outeta rs ... 47\$880». «Dei de propinas aos officiaes noue mil rs ... 9\$000».

⁷⁸ Robert Smith, *Frei Cipriano da Cruz*, cit., pág. 21.

⁷⁹ A. D. B. Conv. e Most., C. S. B., Tib., Liv. das Obr., n.º 459, pág. 42 v. Dei ao Souza dos Paineis do Choro: por todos quarêta mil ris, e hu carro de Pão ... 40\$000». Cfr. R. Smith, *Cadeiras de Portugal*, Lisboa, 1968, pág. 42.

Na mesma altura se colocou no centro uma formosa e grande estante ⁸⁰. O conjunto de coro ficava, deste modo, prática e definitivamente concluído: na parte central, já havia recebido um Cristo ⁸¹ e do lado esquerdo se assentava, «a fundamentos», pode dizer-se, um novo órgão ⁸² a expensas de Fr. Pedro de Sousa ⁸³. No corpo da Igreja a capela de Santa Gertrudes ficava, também, concluída: talha, imagens, candelabros e grades ⁸⁴, se bem que ainda posteriormente ali fossem

⁸⁰ Idem, pág. 44 v.: «Dej p^a a estãte do Choro duzêtos mil rs ... 200.000».

⁸¹ E as grades. Idem, pág. 19 v.

Mais tarde substituído por outro com o seu elegante oratório, de Fr. José de Santo António Vilaça, bem como a cabeça do Cristo segundo o próprio autor declara no «Livro da Rezam» — como Robert Smith refere amplamente. (Cfr. *Frei José de Santo António Ferreira Vilaça*, cit, vol. II, p. 522, vol. I, pág. 152.

⁸² Também, posteriormente modificado. Do primeiro ficou-nos notícia, A. D. B., Conv. e Most., C. S. B., Til., Liv. das Obr. n.º 459, págs. 40-40 v.: «Dei ao Pintor de dourar os Orgãos ... 6.000».

«Dei por nua dúzia de Pelles p.^a os folies dos Orgãos tres cruzados ... 1.200».

«Dei por todas as ferragens do Orgão Grande ... 7.320».

«Dei de Pitanga ao M^o dos Orgãos vinte mil rs ... 20.000».

«...p^a ferragens do orgão ... 1.900».

«... p^a as grades do orgão ... 5.200».

«...p^o 20 dias dous carpinteiros do Orgão ... 2.000».

⁸³ Fr. Tomás de Aquino, ob. cit., pág. 182, no ano de 1667.

Fr. Marceliano da Ascensão, ob. cit., pág. 415: «Soube a rruzica e Orgão Com perfeição ... Deo ao Mostr.^o de Lx.^a o q hoje tem, e tambem o Realejo ao Mostr.^o de Tibaes também deo oq ainda tem, ainda q depois Se lhe acrecentarão alguns rezistos.

⁸⁴ A. D. B., Conv. e Most., C. S. B., Liv. das Obr. n.º 459, págs. 41-44 v.

Dei pellas grades de S.^{ta} getrudes q pezou hu quintal sette mil seis c^{tos} e outenta rs ... 7\$680».

Dei pella vidraça de S. getrudes doze mil e duzêtos rs ... 12\$200».

Dei de hua arroba de ferro p.^a cunhas e ferros p.^a a rede de S.^{ta} getrudes mil e outo c.^{tos} rs ... 1\$800».

Dei pera o Retabolo de S.^{ta} getrudes Cento e vinte mil rs ... 120\$000.

Dej de pitaça três mil e quinhêtos rs ... 3\$500».

«Dej p.^a brunhir as Vnhas dous mil e outo c^{tos} rs ... 2\$800».

Deuo de jornaes de An.^{to} João das grades de S.^{ta} getrudes três mil rs ... 3\$000».

«Dej por a Image de S.^{ta} Getrudes sette mil rs ..7\$000.»

colocados mais candelabros⁸⁵. Prosseguiram, entretanto, os lageamentos da Igreja e outras partes, e o assentamento do azulejo⁸⁶. Foi no triénio de Fr. Dâmaso da Silva, grande amigo do seu predecessor e muito naturalmente continuador da sua obra e dos compromissos assumidos⁸⁷, que nós temos hoje conhecimento da colocação das obras em talha do escultor vimaranense, António de Andrade. As fontes até hoje conhecidas têm sido mudas quanto à celebração de contratos, ou até, quanto às obras dos interiores levadas a cabo por Frei Dâmaso da Silva (1668-1671), a não ser para a casa de Santo Tirso⁸⁸, referidas estas por Fr. Marceliano da Ascensão. Os *Ellogios* são igualmente mudos, e os livros das obras quase. Só a descoberta por nós feita da celebração

⁸⁵ Idem, pág. 66 n/numerado, já no triénio de Fr. Dâmaso da Silva.

«Dej p.^a treze arrates de cordas p.^a o lampadayro de S.^{ta} getrudes e do S.^{to} Ohristo o arratel a seis vinteis mil quinhentis e sesenta rs ... 1.560».

⁸⁶ Idem, pág. 31 v.

(A. 22 de Agosto de 1665): «Dei a D.^{os} Glz a conta do Lageado des mil rs ... 10.000».

(a 26 de Janeiro de 1667): Dei ... a D.^{os} glz a conta do Lageado seis mil rs ... 6.000».

Pág. 44: «fls contas cõ D.^{os} Glz do lageado, leuou toda a igr.^a das grades p.^a baixo: Corpo, Capellas e Portico e bautisterios outenta e sette bracos q a dous mil e quinhentos a braça somarão duzetos e quarêta e sette mil e quinhentos rs: em q entrão Trinta mil rs q custarão as escadas do Portico dei lhe vinte e dous mil e quinhentos rs: cõ q ficou pago de tudo, de claro q p.^a todo este lageameto so derão o Trienio passado vinte mil rs tudo o mais se deo neste ... 22\$500.

«Dei de lagear e por degrao da escada q desse p.^a a sachristia: Sobre o lauatorio q tem quinze palmos a 20 rs tres tostoos ... \$300».

⁸⁷ Fr. Marceliano da Ascensão, ob. cit., pág. 458 «de q.^m era intimo amigo, tudo dispos e gouernou pelo seo dictame...».

⁸⁸ Frei Marceliano da Ascensão, ob. cit., pág. 455. Quanto a Tibães apenas «Reparou o dano q ameassava a galaria». Cfr. pág. 456.

No que se refere a S. Tirso, e no Apêndice que junta sobre a «Vida e morte do N. Rem.mo P. Geral Fr. Damazo da Sylua»: «Nesta Caza acabou a sanchristia noua fazendolhe a fundamentis a antesa-christia da sorte que se ue hoje, e solhoa, e forrou o lanço da baranda que vay athe o coro e fes a capelinha de N. P. S. Bernardo e a sacada em que cae sobre a grade da ante sachristia», pág. 624.

deste contrato é que nos indica que a parca referência a despesas com um retábulo, nos livros das Obras, nos indica, seguramente, tratar-se da capela que fica defronte da de Santa Gertrudes, mais tarde chamada capela do Descendimento⁸⁹. Nesta, como na de Santa Gertrudes, trabalhou a artista vimaranense⁹⁰.

É sobre a celebração desse contrato que hoje nos vamos deter e expor algumas considerações que a partir dele nos parece ser lícito formular.

Depois de termos assistido ao revestimento progressivo dos interiores — que não quisemos deixar de apontar, se bem que com outro pormenor venham a ser tratados — observemos de perto a celebração desse contrato e as cláusulas que contém.

Ficamos por ele conhecendo que pelo menos três obras importantes saíram das mãos de António de Andrade, as as únicas até agora e só agora documentadas. Importante, já por ser o primeiro escultor a colocar a talha na grandiosa Igreja da Abadia, já por ser o responsável pela criação de um gosto que indubitavelmente pontificou ali até meados do século XVIII, altura da grande remodelação das talhas, e que esteve presente — é nossa modesta maneira de ver — naqueles que ali trabalharam a partir de então. Pelo menos não é de relegar tal hipótese, como adiante observaremos.

Por aqui avaliamos, também, que o mestre escultor vimaranense gozaria de certa fama já, para que fosse chamado à primeira decoração da grande Abadia cuja melhor e

⁸⁹ A. D. B., Conv. e Most., C. S. B., n.º 112. Tib., E. 1740, pág. 10 v. n/n.

⁹⁰ A. D. B., Conv. e Mos.t, C. S. B., Tib., Liv. das Obr, 459, págs. 66-66v., n/n, Dej aos moços q asentarão o Retabolo mil rs ... 1.000.

Dej p^a noue centos pegos de varias castas e ferros das grades e retabolo e do nicho da gerluzia ...».

mais aparatosa sala de visitas era, sem dúvida, a imponente e grandiosa Igreja.

Ainda hoje impressiona pela grandeza e magestade, quando pela tarde o sol enche a grande nave de uma claridade polvilhada a ouro. Os raios de luz que fendem os grandes janelões do frontispício arrancam revérberos de luz ao ouro macilento e sujo das talhas enchendo o imenso interior e a alma do visitante de uma seráfica tranquilidade e repouso.

B) ANTÓNIO DE ANDRADE E A SUA OBRA

I — Notícia histórica

A primeira referência que possuímos sobre mestre António de Andrade foi-nos fornecida por esse contrato que tivemos a felicidade de surpreender.

Constitui ele, até ao presente, também, a única referência que temos sobre obra sua, não obstante termos encetado investigações no sentido de mais alguma coisa de sua autoria encontrarmos. Nada conseguimos apurar apesar das buscas empreendidas. Continuamos, porém, suspeitando que o autor seria de reconhecida e comprovada idoneidade artística e, certamente, já notável por outros trabalhos, que deve ter realizado em Braga ou nas redondezas ou em Guimarães, onde era morador e donde era natural¹

Ante a primeira ineficácia desta diligência, não nos deixámos assaltar pelo desânimo. Novas deslocações, mais horas de paciente vasculhar. Procurámos todos os livros de óbitos a partir de 1669 no sentido de surpreendêmos o ano da morte do escultor, esperançados que essa notícia nos trouxesse, para além dessa referência, informações mais latas sobre a sua vida e obra como sói acontecer quando

¹ Com esse propósito, percorremos vários dos livros dos tabeliães, onde na generalidade dos casos se acham lavrados esses contratos. Assim, no Arquivo Alfredo Pimenta, em Guimarães, passámos todo o índice de alguns tabeliães cobrindo mormente os anos de 1648 (31 de Julho) a 1705 e iniciámos uma busca sistemática noutros livros mormente para os anos de 1645; 1660-63; 1663-1665; 1670.

ali se exara testamento da pessoa em questão. O facto de mestre António não ter feito testamento vedou-nos mais este caminho. Ficou-nos a notícia do seu óbito. Seguindo o mesmo processo, esquadrihámos os livros de nascimento da freguesia de S. Sebastião, recuando no tempo a partir de 1649, até que finalmente fomos surpreendidos pela nota da sua natalidade.

Nasceu António de Andrade na freguesia de S. Sebastião, da Vila de Guimarães, nos últimos dias do mês de Dezembro de 1628, mais provavelmente nos primeiros dias de Janeiro de 1629, pois a 12 deste mês era baptizado pelo padre Sebastião Luis. Seu pai era «imaginário» de profissão e dava pelo nome de Mateus de Andrade, sua mãe Maria Mendes. Teve por padrinho, «somente», Torcato de Andrade (com certeza, seu tio)².

Ficámos sabendo, portanto, que seu pai trabalhava na arte da imaginária, e naturalmente, como a ela andava sempre ligada, na talha. Foi com ele que mestre António de Andrade aprendeu a arte de modelar a madeira e de lhe dar vida numa e noutra das modalidades, pois que, além de escultor era também entalhador, se bem que fosse mais conhecido como executante daquela primeira actividade. Se teve ou não outros mestres é coisa que por ora fica por esclarecer. O que é certo é que, a avaliar pelo que dele nos ficou e que com certeza lhe podemos atribuir, se revela exímio na arte de trabalhar a madeira. Da sua vida nada mais sabemos, nem de seus bens, nem de seus contratos. Apenas que era senhor do casal de Chozende na freguesia de Ronfe, termo de Guimarães, que o escultor comprara à mesma Abadia em 1668 ou 1669. Os recibos do casal que não figuravam desde 1659 (por recusa dos antigos rendeiros) voltam a surgir em 1665 e, em 1668, desta feita por intermédio do escultor. Parece-nos muito natural que pelo menos desde 1665 a Abadia o tivesse entregue a António de Andrade já que desde 1659-60 o retirara aos antigos rendeiros³.

² A. A. P. Gui.^{aes} S. Sebastião. L.º Mixto. Ob. 4-7-1657 — 14-7-1670. Nasc. 19-7-1613 — 23-1-1638, N.º 2, pág. 44. Cfr. Apêndicøs

³ A. D. B., Conv. e Most., C. S. B., Liv. de Rec, n. 258, 259, 260, 261, 262, 263, 264 — 268.

De 15 de Maio de 1669 data a escritura de emprazamento celebrada entre Fr. Dâmaso da Silva e o escultor e sua mulher Ângela Lopes, o que parece, apesar de tudo, não destruir a hipótese⁴ Terá vindo, por conseguinte, na sequência de contactos desde o início da década⁵ e poderá ter encontrado na satisfação de trabalhos ali prestados, uma das formas de pagamento⁶.

Aos quarenta anos de idade celebra contrato com o Geral de S. Bento, Fr. Dâmaso da Silva, para a construção do retábulo para a primeira capela, junto às grades do lado direito, depois chamada do Descendimento, com as respectivas imagens: um Cristo Ressuscitado e outro Cristo Morto, deixando ao centro lugar para um painel. Faz ainda, segundo notícia do mesmo contrato, um sacrário para a tribuna do altar-mor, e ainda uma peanha de 2 degraus para o Cristo Crucificado da sacristia. Este contrato veio na sequência de outro, (ou outros), com a mesma Abadia e para a fábrica de retábulos e outras obras. Na verdade, também das suas mãos saíra o primeiro retábulo da capela de Santa Gertrudes e respectivas imagens⁷. A celebração de contrato para a construção do retábulo de Santa Gertrudes deve datar de 1667. São daquela data as primeiras referências ao preenchimento daquela capela: grades e vidraças⁸ e quando as obras do coro, da parte de escultor e entalhador, tocavam o fim (terminavam em Março). Nos meados desse ano assentava-se o retábulo de Santa Gertrudes⁹ —Na pior das hipóteses, com um ano

⁴ A. D. B. Notas do tabelião. Couto de Tebães, Liv. n.º 6; Liv. de Prazos, n.º 81, págs. 1-7.

⁵ A. S. B., Liv. das Obras, ano 654, págs. 117-136 v., 42, 66 v., A. D. B., Conv. e Most., C. S. B., Tib., Liv. das Obr., 459, págs. 6 v., 14 v., 16, 19 v., 21 v.

⁶ Cfr. à frente, obras atribuíveis: o Coro.

⁷ A. D. B., N. T. T., L.º N.º 6.

⁸ A. D. B., Conv. e Most., C. S. B., Tib., Liv. das Obr. n.º 459, págs. 41-41 v.

⁹ Idem, pág. 44 v. «Dej pera o Retabolo de S. ta gertrudes Cento e vinte mil rs». Poderia, à primeira vista, tratar-se de pagamento no acto da celebração do contrato, como sucedeu com o do retábulo da Capela do Descendimento. Aqui, porém, foi positivamente no final da

de intervalo —. Mas nós arriscamo-nos mesmo a ir mais além. Atribuir-lhe-íamos a sua presença em Tibães desde 1661 ou 1662, quando contava 32 anos. Nessa altura, surgem-nos, pela primeira vez nas listas de pagamento das férias semanais, contas satisfeitas a vimaranenses. Tratar-se-á de uma hipótese ousada, dada a amplitude das consequências que daí derivam ?

Não trabalhariam esses vimaranenses já nos preparativos das obras do retábulo da capela-mor, sob a direcção do mestre escultor ou outras obras menores? É mais que provável — segundo pensamos — que das suas mãos tenha saído a obra do retábulo da capela-mor. (Sabemos, também, que a última notícia que surpreendemos referida a vimaranenses é dos fins dos trabalhos: Maio de 1670)¹⁰.

Deixa-nos, com efeito, séria dúvida que o escultor fosse incrustar o sacrário (incluído no contrato de 16 de Abril de 1669) no conjunto do altar-mor se este tivesse sido lavrado por outro artista.

Também as analogias, a permanência do mestre António de Andrade na Abadia durante este período¹¹ nos vem levantar a possibilidade de se lhe poder atribuir, também, o coro, acrescido do facto de notícia não termos de outros contratos. A hipótese aí fica com as implicações que traz e cremos seja de manter, pelo menos, até que provas mais concludentes nos possam debelar por inteiro a paternalidade destas obras.

A partir de 1670 mais notícias não surpreendemos de António de Andrade, no que concerne à celebração de contratos.

Casou com Ângela Lopes e dela teve, pelo menos, um filho, também António de Andrade e também «imaginário» de profissão¹².

obra, pois logo se junta, de seguida, a pitanga dada — a molhadura do fim da obra: «Dej de pitanga três mil e quinhentos rs ... 3.500» pág. 44 v. E não mais se faz referência a esse retábulo.

¹⁰ A. D. B., Conv. e Most, C. S. B., Tib., Liv. das Obr. 459, pág. 64, n/n: «Dej a hu Carpinteiro degs q asentou os quartois do sacrario hu tostão ... 100».

¹¹ Cfr. notas 89-90, Cap. precedente; e 1-4 deste Cap.

¹² A. D. B., Conv. e Most., C. S. B., Tib., Liv. de Recibo n. ^{os} 281-291.

Com a propecta idade de 83 anos, já viúvo, faleceu em Guimarães, na mesma freguesia de S. Sebastião, no Guardai. Sabemos que confortado com todos os Sacramentos da Santa Igreja, e provavelmente vitimado pela velhice, que não por doença súbita: confessou-se, recebeu a Eucaristia e a Extrema-unção.

Mais nos esclarece a notícia de óbito, que «pgou sino e missa dalma e offerta» e que não fez testamento. Foi sepultado no convento de S. Francisco. Ê muito provável, portanto, que aqui tenha trabalhado e que tenha sido membro da Ordem Terceira de S. Francisco, como era corrente entre estes mestres imaginários e entalhadores¹³.

¹³ Robert Smith—*Marceliano de Araújo, Escultor Bracarense*, cit., pág. 16; *Santo André de Rendufe*, cit., pág. 21.

II — A obra (na Igreja de Tibães)

Estes os elementos que até ao presente conseguimos apurar. Foi pena não podermos, por ora, ir mais além. Estamos em crer que o conhecimento da sua obra virá fornecer uma interessante perspectiva sobre a primeira floração da talha no Noroeste, quer dentro da última interpretação de «estilo italiano»¹, quer dentro dos primeiros exercícios do chamado

¹ O reinado do Barroco em Portugal foi longo, e os estudiosos que se têm dedicado ao seu tratamento são unânimes em lhe assinalar várias etapas. Entre eles R. Smith, a quem o estudo da talha em Portugal vem devendo o maior impulso.

—Até 1685-1690 domina o estilo dos «grotescos» em que predominam como motivos ornamentais os elementos neo-clássicos usados na arte italiana do século XV, mormente durante a primeira metade de seiscentos; na segunda começa já a vislumbrar-se uma certa complicação dos temas: tímpanos «interrompidos e enrolados, embora de colunas retas e caneladas» que, segundo Reinaldo dos Santos, se desenvolve ainda por todo o último quartel do século. Composição esta que, segundo o mesmo autor, «parece ter desabrochado primeiro no Norte: Porto, Aveiro, S. Tirso, Tibães, etc. (Cfr. Reinaldo dos Santos, *A Escultura em Portugal. Séculos XVI a XVIII*, 2.º vol. Lisboa, 1950, págs. 51, e 50-73; para amplo tratamento, Robert Smith, *A Talha em Portugal*, cit.).

—Floração do chamado «estilo nacional, a partir daquela data, caracterizada pelo retorno aos motivos ornamentais usados já nos últimos exercícios do gótico: ao gosto pelos pâmpanos e acantos, uvas e pássaros, espigas e meninos (Reinaldo dos Santos, *Oito Séculos de Arte Portuguesa*, cit. pág. 249) no meio das colunas de fuste

«estilo nacional» e sua evolução, dada a extraordinária longevidade do mestre escultor António de Andrade.

A região bracarense cedo ganhou um cunho próprio na arte de trabalhar a madeira, tornando-se num foco de primeira grandeza como o provou a floração posterior a partir do segundo quarto de setecentos, não só no jeito de modelar a madeira, como até, no génio de dominar a pedra. Estamos, por isso, convictos que a obra de António de Andrade merecerá um lugar ímpar e de destaque dentro do número dos artistas nortenhos desta altura.

torcido e arcos concêntricos tipo «portal românico» (R. dos Santos. *Idem*, págs. 254, 265-259), muitas vezes reunidos por lâminas de talha em forma de raios que se prolonga ainda por todo o primeiro quartel do século XVIII, com algumas variações. (R. Smith, *Frei Cipriano da Crus, Escultor de Tibães*, cit., pág. 30; *Santo André de Rendufe — Subsídios para a História da sua Igreja durante o Século XVIII*, ci., págs. 26-27; S. Bento da Vitória do Porto Luz dos «Estados de Tibães», cit., pág. 22).

— Estilo «barroco joanino» durante o segundo quarto de setecentos, em que predomina o gosto «pelos baldaquinos, dosséis e cortinados fingidos, acompanhados duma variedade de molduras, painéis e lambrequins derivados de modelos de escultura e ourivesaria romanos e estampas decorativas» ao mesmo passo que os arcos concêntricos se rompem, perdendo o seu carácter hermético, ganhando mesmo aspectos decorativos noutras zonas do edifício. (R. Smith, *A Talha em Portugal*, cit.; Reinaldo dos Santos, *Oito Séculos de Arte Portuguesa*, cit., pág. 257; *A Escultura em Portugal*, cit., pág. 60-61). Este estilo ganhou uma floração característica e uma interpretação próprias na região bracarense entre 1730 e 1740. Na transição desta década para a de 1750 vai desabrochar no rococó de D. José I «duplas volutas que irrompem de folhagens acânticas, e de concheados chamejantes de perfis irregulares» (R. Smith, *Santo André de Rendufe*, cit. págs. 27-28), que rapidamente caminha, para a complexidade das formas, e até para o desequilíbrio. Os espaços são totalmente preenchidos e aproveitados pela exuberância da decoração. Alguns conjuntos ganham, porém, grandeza e uma harmonia, sem dúvida notáveis (Cfr. Reinaldo dos Santos, *A Escultura em Portugal*, cit., págs. 67-68). Estilo esse, que no dizer do autor que essencialmente vimos seguindo, foi o «único que teve a sua origem em Braga durante o século XVIII» (R. Smith, *Santo André de Rendufe*, cit., pág. 29).

Cfr. *A Talha em Portugal*, cit., págs. 63, 69, 145-146; 161-168; 170, 171. *Frei José de Santo António Ferreira Vilaça*, cit., vol. I, págs. 162-242.

Como acabámos de referir, toda essa floração artística que Braga experimentou no decurso de parte do século XVIII e que teve em André Soares a maior figura, não se criou de um momento para o outro e «ex-abrupto» mas antes deve ter lançado o raizeiro numa tradição que vinha de trás e que dera já excelentes resultados nos meados e finais de seiscentos ².

Por outro lado, o testemunho das fontes documentais dá-nos a constância de nomes não só de mestres de carpintaria e pedraria mas também de escultores, imaginários ensambladores e até pintores, que executavam obras em Braga e arredores como Tibães, Viana, Vila do Conde, Póvoa de Lanhoso, Guimarães e outras localidades. Atrás de si foram deixando uma tradição bem própria na maneira de cortar e dominar o granito áspero e duro destas regiões, e uma alma muito especial no modo de insuflar vida a esses blocos inertes, arrancados ao ventre dos montes. Concomitantemente, uma complacência especial em se deliciarem na maleabilidade da madeira do castanho, e até, menos correntemente, na do carvalho e do pinho. O tratamento da talha no Norte foi levado a um esplendor nunca visto, deixando realizações notáveis também na imaginária. É a obra desses homens que não pode esquecer-se ao observarmos os maiores vultos, e igualmente a sua maneira de sentir e de viver, como também, o tipo das suas vivências e sentimentos religiosos, bem como o averiguar dos condicionalismos que permitiram, mantiveram ou desenvolveram essas mesmas realizações e sem cuja observação nos parece mutilados o exame e a total compreensão das realizações artísticas. É necessário estudar «a vida da arte e a de quem a faz, e a de quem a ama e usa» ³.

² Cfr. Robert Smith, *Frei Cipriano da Cruz*, cit.

³ José Augusto França, *A Arte em Portugal no Século XIX*, Liv. Bertrand, 1.º vol., Lisboa, 1966, pág. 12. Lembre-se que muitas dessas realizações começaram antes da «onda do ouro» do Brasil.

Cfr. *A Abadia de Tibães e o seu Domínio. (1630-1680). Estudo Social e Económico no Noroeste Português* (que temos no preto).

Poderá objectar-se que são na maioria nomes de segundo plano, cujo interesse é diminuto. Mesmo aí desconheceríamos a força do seu influxo, o peso de uma tradição, quando é igualmente incontestável que alguns dos grandes nomes da arte bracarense do século XVIII, além de trabalharem nos conjuntos arquitectónicos mais notáveis e de maior vulto, trabalharam, também, noutros menores e, até, de segundo plano. Ponha-se o caso do próprio André Soares.

1 — *O Retábulo da Capela de Santa Gertrudes*

A celebração do contrato para a fábrica do retábulo de Santa Gertrudes deve ter-se efectuado em 1667⁴ entre Frei Bento da Glória e António de Andrade. Era Fr. Bento devoto desta Santa e as despesas da decoração da capela decorreram a expensas do geral⁵. Em meados do ano de 1668 era assente o retábulo⁶. Constava do retábulo propriamente dito —que não das paredes e tecto da capela, mandadas revestir a talha no século XVIII, por Fr. Antão de Faria, outro grande devoto de Santa Gertrudes (1710-1713) — duma imagem de S. Miguel e outra da Santa, assentes na mesma altura⁷. Nenhuma das imagens ali existe já.

A imagem de Santa Gertrudes Magna, que conseguimos identificar, encontra-se, hoje, em S. Romão do Neiva num dos altares laterais do corpo da Igreja. O conjunto tem 82 cm de alto, tendo o corpo da Santa 68 cm. Na base da peanha está escrito o nome da Santa.

⁴ A. D. B., Conc. e Most., C. S. B., Tib., Liv. das Obr., 459, págs. 40-41.

⁵ Cardeal Saraiva, *Apontamentos Benedictinos*, cit., pág. 147: <fez á custa do seu pecúlio a Capella de S.^{ta} Gertr.^{os} que esta nesta Igreja de Tibaens>.

⁶ A. D. B., Conv. e Most., C. S. B., Liv. das Obr. 459, págs. 41-44 v.

⁷ Idem, pág. 44 v.

«Dej por a Imagem de S.^{ta} getrudes sette mil rs». Cfr. Fr. Tomás de Aquino, ob. cit., págs. 229, 293.

Em 1672 foi necessário consertar a capela pois chovia no Retábulo danificando-o. (Arq. *Sing.*, Cod. n.º10, pág. 84).

O seu tratamento parece-nos característico.

O pé direito entumece ligeiramente a túnica, enquanto que o esquerdo fica mais atrasado. A túnica cai na vertical, ligeiramente apartada em canos de clarim. Os panejamentos das mangas são amplos. A mão direita aperta o báculo; a esquerda segurava algo contra o peito.

Sobre o coração a representação iconográfica que caracteriza S.^{ta} Gertrudes Magna: Um coração aberto e inflamado habitado pelo Menino Jesus (Est. II. Fig. 2).

O rosto é ligeiramente arredondado. Os panejamentos que envolvem a cabeça são tensos e apertam rigidamente o rosto. O lado direito do véu, dá uma sensação de movimento, adejando ao vento.

O nariz é levemente afilado, mostrando semelhanças com as figuras do coro de Tibães. A boca é igualmente pequena de lábios finos e o queixo é um pouco saliente.

No que diz respeito ao conjunto da talha do retábulo, compõe-se este de um pano de fundo⁸, que se interrompe na

⁸ No triénio de 1710 a 1713 fez-se o preenchimento das paredes e do tecto da Capela. O estilo das 2 talhas é substancialmente diferente, e documenta já o sentido do estilo nacional. O Documento parece ser claro «Fesse a talha (*não o retábulo*) da Capella de nossa Madre S.^{ta} Getrudes q se dourou» — A. D. B. 112. Til. E. 1713, pág. 10 v. n/n; Fr. Marce-liano da Ascensão é mais explícito: «Na Igreja do Mostr.^o de Tibaes mandou fazer toda a talha *alem do Retabole q ja tinha* (sublinhados nossos) dos lados e abobeda da Cap.^{la} de S. getrudes Com as Celebres pinturas das laminas q lhe mandou por e quadros de Meyo Releuo dourandoos e a mais talha» Fr. Maroeliano, ob. cit., pág. 519; e Fr. Tomás de Aquino, ob. cit., pág. 293, refere o arranjo deste modo: «elevou a mesma Capella ao ultimo primor, e adorno. Reiformou o retabolo com elegantes pinturas; enriqueoeo a Imagem com joyas e brincos de estimação; *cubrio de talha dourada os lados e o arco da Capella*, collocou nela quadros admiráveis, hus de meyo relêvo, outros de boas pinturas»; (sublinhado nosso).

Mantiveram-se, pois, o retábulo e a imagens que na altura receberam novo douramento. Esse revestimento atribuiu-o, Robert Smith, baseado nos estudos que fez, a Gabriel Rodrigues Alvares, que trabalhava para várias casas beneditinas (sobretudo Porto) e também Tibães (Cfr. Robert Smith, *Marceliano de Araújo*, cit., págs. 17-18; *Santo André de Rendufe*, cit., págs. 20-21).

parte superior com uma janela, por cima do nicho da Santa. Encima-a um entablamento, que constitui a sequência do retábulo, relativamente simples, sustentado por quatro colunas, duas de cada lado do nicho central, mais avançadas em relação às duas que enquadram o nicho da Santa, estabelecendo planos diferentes num jogo suave, da transição para as paredes laterais, das quais se separam por duas pilastras, mais avançadas ainda, mas de incrustação posterior, segundo pensamos, dado as diferenças que denotam.

A composição mais importante desenvolve-se num pano entre dois entablamentos: — o inferior encimando um espelho (onde presentemente se acham incrustados quatro interessantes painéis do século XVIII) e ao qual se adiciona, na parte central o altar — e o superior com uma cornija bem marcada e saliente. Sob ele e o óculo da janela, a composição que constitui o nicho de Santa Gertrudes (Est. IV).

O nicho é contituído por um fundo plano, estufado em folhagem de tons hoje desbotados, de verde, vermelho amarelo e ouro. Nas bandas laterais duas pilastrinhas de talha pouco volumosa com decoração de grotescos, e outros elementos, que aparecem nas decorações do cadeiral do coro e em S. Romão do Neiva: pequenas anforazinhas. Da abertura do colo saem duas perinhas e folhas quase estilizadas, rodeando pequenos tufos de uvas, que mais parecem grãos de romãs. A parte intermédia das pilastras repete os mesmos elementos. A romã é elemento constante e característico, que surge nas três composições: Santa Gertrudes, coro e retábulo da capela-mor. Divisa-se ainda um pequenino pássaro, quase no alto do fuste, debicando o tufo das uvas. No topo a decoração toma já uma feição estilizada e geométrica. Nas faces voltadas para a parte central do nicho, repete-se a mesma composição. Sobre os capitéis assenta um arco redondo delimitando o nicho e fazendo dossel à Santa. De um e do outro lado, nos triângulos formados pelo prolongamento das pilastras, o entablamento e o arco, duas cabeças de anjos, niuto características, que se repetem pelas colunas e pelos entablamentos. As asas abertas preenchem todo o espaço.

Ao lado destas pilastras, duas colunas maiores que avançam no conjunto e que sustentam o entablamento do nicho.

Tal como as grandes dos lados, são aneladas na parte inferior do fuste, dispondo-se a composição pelos dois corpos da coluna. Na parte inferior os enrolados de acanto que quase parecem colados sobre a coluna. Folhagem simples, sem volume, engastando-se nela pedaços de decoração geométrica, semelhando fitas e correados, enquadrando, logo por baixo do anel, uma cabeça de anjo que repete a fisionomia dos que estão nos triângulos do nicho; avançam mais que a restante composição, com um pescoço saliente, cara sobre o redondo e queixo bem desenhado, mas expressão um pouco indecisa e parada, com lábios carnudos, sensuais, que o nariz afilado repete por igual. O enrolar do cabelo é inconfundível: madeixa sobre a testa enrolando para o lado direito, e sem a desordem e dasalinho, que revelam as cabeleiras dos outros das talhas posteriores (das paredes laterais, por exemplo, e dos tectos). Na parte superior do anel desenvolvem-se, com mais à vontade, as folhas meio estilizadas e os enrolados de acanto, desenhando várias volutas. Encimam-nas capitéis compósitos segurando todo o entablamento que vem a formar a base do óculo por onde entra a luz na capela. Nele se observa a mesma decoração simples, folha de acanto enrolando-se em volutas de pouco relevo, rodeando uma cabeça de anjo, de fisionomia semelhante aos de cima. Na parte intermédia, entre a cabeça do anjo e as extremidades, duas pequenas aves, mal trabalhadas.

Exteriores a estas duas colunas e fazendo parte deste mesmo conjunto central, há duas pilastras, estabelecendo a transição para as quatro volumosas colunas que por sua vez fazem a transição para as paredes. Parecem-nos posteriores à primeira talha. Percorre-as um enrolado muito estilizado de gavinha de videira, onde se espalmam as folhas do mesmo sarmento.

No mesmo plano, duas pilastras de canelado baixo, que sobe até ao entablamento que encima o óculo e serve de fundo às colunas que lhe ficam de frente. À altura do anelamento destas, na parte inferior, são interrompidas por um ressalto. Encimam-nas capitéis, lizos de decoração geométrica, muito simples, que aparece também no antigo retábulo da capela-mor.

Na frente, os dois pares de grossas colunas.

Como as outras e as pilastras que lhes servem de fundo, são duplamente aneladas na parte inferior. No intervalo dos anéis corre uma decoração geométrica.

As primeiras dessas colunas repetem, na parte inferior, entre o anel e a base em ressaltos anelados, os mesmos desenhos das mais pequenas, ainda que com maior desenvoltura, mas onde se sente a mão do mesmo artista.

Ao pé da base, um tufo de grãos maciços, pontegudos que dificilmente pretendem imitar cachos de uvas, onde debicam duas aves afrontadas. Entrelaçando-se nas folhas e no enrolado de acanto, uma fita geométrica, semelhando correados, que forma um medalhão em cruz grega, de pontas redondas, no interior do qual avulta uma cabeça de anjo. A cabeça e o pescoço avançam com certa decisão no fuste da coluna; cara ligeiramente arredondada, lábios salientes, não muito grossos, e olhos grandes olhando o infinito numa expressão de conjunto pouco movimentada.

A composição prolonga-se para os anéis com os mesmos enrolados que se espalmam na coluna, sem a cobrirem por completo. Entre a cabeça do anjo e esses anéis, um meio corpo de anjo de braços levantados ao lado dos ombros, segurando cada qual uma voluta de acanto. O corpo, o peito e os braços sugerem, na dificuldade de seu tratamento, os dos quartelões que separam os painéis do cadeiral do coro e também nos frisos. Nas faces laterais, um pássaro nas volutas. No segundo corpo da coluna desenvolve-se uma decoração do mesmo estilo: acanto simples, baixo. Quase logo por cima dos anéis, dois anjos sentados em volutas de acanto, de dorso voltado, pernas laterais e rosto olhando em frente. Cada um segura, por cima das suas cabeças, aves afrontadas. Na parte superior, a transição para a mesma decoração geométrica de correados, que enquadram uma cabeça de anjo hoje desaparecida. Daí até ao capitel compósito, de abundante folhagem de acanto, a mesma decoração de folhas e volutas sobre o fundo liso e roliço do fuste da coluna.

Nas colunas exteriores com a mesma estrutura pode observar-se a mesma decoração. Todavia, entre os ressaltos redondos da base que formam o plinto e os anéis do corpo

da coluna, a decoração é mais abundante, donde sobressai a cabeça do anjo da primeira coluna, com o mesmo tratamento, saindo de um enquadramento de carreados e folhas de acanto. Na segunda parte do dorso da coluna, desapareceram os corpos dos anjos da primeira, substituídos por pássaros, caminhando para os correados, que rodeiam a cabeça de um outro anjo, no meio do fuste da coluna. Daí para cima a composição segue o mesmo estilo até ao capitel composto. Sustentam esses capitéis das quatro colunas um entablamento saliente e com ressaltos bem avançados nas extremidades. Decoram-no enxaquetados e ovulados muito correntes. Sob esse entablamento corre um friso muito característico que aparece igualmente no retábulo da capela--mor e até no coro: completamente liso, dividido apenas por varas douradas, pouso salientes, a intervalos ovuladas sobre um fundo de ouro completamente liso. Sob este entablamento, de cornija bem mareada e saliente, abre-se o óculo da janela. No espelho central desse entablamento há a mesma cabeça, desta vez metida num rectângulo, igualmente rodeado de fitas geométricas, donde sai a composição de acanto com passarinhos.

A parte superior, ainda que sugerindo o mesmo estilo, acusa outro mestre: diferente na cabeça dos anjos, numa folha de acanto saliente mais viçosa e despregada do fundo, que se repete nas paredes da capela, o mesmo acontecendo à pilastra que faz a transição das colunas para as paredes laterais.

Na parte central e na face inferior do entablamento, há decoração geométrica: três losangos e dois óvulos dentro de um campo triangular.

No espelho onde assentam as bases das colunas e pilas-tras e ao qual se encosta o altar, há quatro belos painéis: dois de cada lado do sacrário*. Todas estas pinturas são

* Estas pinturas que os cronistas da ordem referem em tom elogioso, sem todavia, lhe referirem o autor (as outras fontes manuscritas também são mudas), foram recentemente atribuídas por Flávio Gonçalves ao artista italiano Giovanni Battista Pachini, chegado ao Porto em 1710. (*A Arte Barroca no Porto no primeiro quartel do Século XVIII*. Comunicação apresentada ao Congresso Internacional de Estudos de Homenagem a André Soares, Braga, 1973).

do século XVIII, bem como mais três telas: duas nas paredes laterais e uma na almofada da porta, do lado direito. Essas portas estabelecem a ligação entre as capelas laterais. (A tela do lado Poente — esquerda — foi já arrancada).

Sob as telas das paredes (uma representa a Virgem e o Menino — lado esquerdo; a outra o Arcanjo S. Miguel — lado direito) há almofadas em talha, que devem ter sido arrancadas ao espelho do retábulo, dos lados do altar. Apresenta semelhança com a talha do retábulo, diferindo da que a rodeia.

Bela almofada quadrada (Est. II Fig. 3). No centro um losango com folhas de acanto espalmadas ao centro. Rodeia o losango uma decoração geométrica de correados, muito característica e por meio dos quais passam cordas de acanto que se enrolam em quatro volutas nos cantos da almofada. Coisa notável e muito interessante que se repete exactamente no retábulo da capela-mor (hoje em S. Romão do Neiva) e no coro, esses cordões florem em novas folhagens de acanto, dentro do mesmo fundo liso. Na parte média e superior da almofada há uma cabeça de anjo igual aos das colunas e entablamentos. Na parte inferior, rodeado por decoração geométrica, um tufo de grãos semelhando um cacho de uvas.

O frontal do altar parece-nos posterior, se bem que respeite a primeira composição. Esse facto nota-se no friso de decoração geométrica, que forma a base do frontal e se prolonga na base dos cartões ou espelhos laterais, e nos frisos do coro e em S. Romão do Neiva, essencialmente à base dos lobulados.

A semelhança que denota o tratamento da decoração deste retábulo com a composição do coro e do retábulo da capela-mor (hoje como temos vindo a dizer, em S. Romão do Neiva) parece-nos mais que palpável em vários pormenores: imagens, tratamentos do acanto, repetição dos mesmos motivos, com ligeiras alterações. As pequenas diferenças mais denotam evolução e aperfeiçoamento do mesmo artista que artistas diferentes.

2 — *O Retábulo da Capela do Descendimento*

Deste primitivo retábulo, de autoria do mestre escultor António de Andrade, nada nos resta hoje em Tibães.

Lavrou-se contrato para o revestimento da capela a 17 de Abril de 1669, e deveria ter sido assente até 30 de Abril de 1670, conforme estipulado em contrato. Seria em tudo semelhante ao que o escultor assentara já na capela de Santa Gertrudes, variando apenas nas imagens que deveria incluir: um Cristo Ressuscitado «E no banco de baixo ficara hú lugar p.^a estar hú Christo morto» deixando o lugar da Santa em aberto para ali se colocar «hú pajnel lizo».

Foi este retábulo, de que hoje não nos resta mais notícia, que ali perdurou até 1740. Nessa altura substituiu-o o que hoje ali se encontra, de uma traça e de uma harmonia admiráveis. Uma das obras-primas que a Igreja ainda ali encerra⁹. Ajustou-se com António de Andrade para este primeiro retábulo, a quantia de cento e trinta mil reis.

⁹ Com efeito, entre os meses de Janeiro e Abril de 1740, instalava-se na Capela do Descendimento um novo retábulo, incluindo o revestimento total das paredes, enquadrando belos painéis. Desta talha trataremos na rubrica I, mas desde já apomos que se trata de uma obra admirável de harmonia, onde nada ainda parece ali existir em excesso. Sente-se leveza e o latejar de um sóbrio bom gosto no tratamento da talha (Est. IH. Figs. 4 e 5).

Esta obra afigura-se-nos, outrossim, importante, por documentar os primeiros exercícios de uma nova experiência do Barroco que dará a Braga a primazia no tratamento da talha. Lembre-se, mais uma vez, que é a partir de 1740, que se inicia uma nova etapa na talha bracarense, que teve em António Fernandes Palmeira um dos principais cultores). (Cfr. Robert Smith, *Santo André de Rendufe*, ci., pág. 27).

Executou-a António Fernandes Palmeira, que aliás deixou mais obra em Braga e arredores. Cfr. R. Smith, *Santo André de Rendufe*, cit., pág. 27; *Marceliano de Araújo*, cit., pág. 36-38 (Cfr. Notas do Tabelaio Geral, que cobrem este período). Afigura-se-nos esta obra superior a outro retábulo seu —capela-mor de S. Francisco de Real — em elegância e finura.

Este novo revestimento da Capela do Descendimento, foi obra do geral Fr. João Baptista, que elevou essa capela ao último primor: Cfr. Fr. Marceliano da Ascensão, ob. cit., pág. 370 «Obra he Sua a

3 — *Sacrário da Tribuna da Capela-mor. E Peanha para a Sacristia*

Deste contrato fazia parte a obrigação para a construção de «hu sacrario pera a tribuna» que ali deveria ser colocado até fins de Outubro do mesmo ano, e que ele executaria segundo um risco que tinha em seu poder.

Este sacrário, juntamente com o resto do retábulo devia encontrar-se hoje em S. Romão do Neiva, pois para ali devia ter sido trasladado «entre Setembro de 1755 e Outubro de 1756»¹⁰ com outras peças de Tibães¹¹.

Ajustou-se para o preço do sacrário a quantia de cinquenta mil reis¹². Incluía-se, também, no mesmo contrato, a encomenda de uma peanha de dois degraus para nele «se meter hu Christo Crucificado, q esta na sachristia».

Capela primr.^a da p.^{te} da Epistola abaxo das grades hogue Chamada do Decim.^{to} do Sn.^r Esta toda Coberta de nobre talha bem dourada e repartida por ella os passos da Paxão, e no meyo o Decim.^{to} tudo em quadros proporcionados ao dezenho da tanha (*sic*) pinturas Certam.^{te} nobres ede bom gosto. A todos estes quadros não So mandou fazer Cortinas do Lo m.^{to} transparente p.^a Serem vistas sem ofensa do po e moscas, mas Cortinas de Damasco Carmasim Com galoins de Ouro, e alem destas mondou fazer p.^a o Arco da Capela tambem Cortinas de Damasco ... de modo q ... he das mais primorozas Capelas q Se achão em Igrejas, pois não entrou no peito do R.^{mo} Receyo de gastos dezaforçou Sim Seo magnanimo Coração Com procorar os melhores mestres de tudo o q nella Se ve expressandolhe era o Seo gosto Se fizesse e obrace o milhor q podesse Ser». O Relato do «Estado» anota a magnificência da mesma obra. (Cfr. Apêndice). Algumas das partes do primitivo retábulo desta Capela de autoria de António de Andrade, encontram-se em S. Romão do Neiva. (Cruzeiro da Igreja do lado Norte). Cfr. págs. 96 e 97.

¹⁰ A. D. B. S. Romão de Neiva, n.º 158, fls. 21-28 e 40, Referência de R. Smith, em *Frei Cipriano da Cruz*, cit., pág. 21 e pág. 168 nota 34.

¹¹ Dois retábulos para o Cruzeiro da Igreja, saídos das Capelas de Tibães; provavelmente o de António de Andrade. (A. D. B., Conv. E Most., C. S. B., S. Romão do Neiva, 2.º das Ob. n.º 158, pág. 39 v. e 40); o nicho do Santo Cristo do Coro (Idem, pág. 34 v.); os docéis dos púlpitos (Idem 45) e o grupo da Visitação já referido por R. Smith (Idem, pág. 45). R. Smith, *Frei Cipriano da Crus*, cit., pág. 48.

¹² Que a avaliar pelo preço não era obra de somenos. Descrição cfr. 5 — Retábulo da Capela-mor.

III — Obras atribuíveis (em Tibães)

1 — *Retábulo da Capela-mor (hoje em S. Romão do Neiva).*

Aludimos, já, às razões que nos levaram a levantar a hipótese da atribuição deste conjunto ao escultor vimaranense¹, Para além dessas razões, algumas semelhanças analógicas parecem-nos tornar essa hipótese ainda mais plausível.

A primeira referência a esse conjunto de talha data de Janeiro de 1662. Já na Abadia trabalhavam vimaranenses anteriormente²; e nós sabemos que os contactos do mestre escultor vimaranense datam provavelmente desta mesma altura³.

Por isso que a satisfação de uma conta referente ao retábulo (pintura)⁴ terá sido feita a mestre António, e é natural que no risco tivesse estado presente o gosto de Fr. Gregório de Magalhães, como atrás apontámos⁵.

Esse conjunto, que reputo de notável, é uma das obras fundamentais, pelo que representa dentro da cronologia do estilo da talha em Portugal. Foi colocado na capela-mor em 27 de Junho de 1665⁶. A ele se refere Fr. Tomás de

¹ Cfr. págs. 24-25.

² A. D. B., Conv. e Most., C. S. B., Tib. L. Obr., 459 pág. 6 v.

³ A. D. B., Conv. e Most., C. S. B., Tib., *Liv.* do Recibo n.º 258-265.

⁴ A. D. B., Conv. e Most., C. S. B., Tib., L.º das Obras, 459, pág. 6v.

⁵ Cfr. págs. 16-17.

⁶ Cfr. pág. 17 e respectivas notas.

Aquino, achando que «se fez estimavel até o tempo do R.^{mo} Fr. Antonio de Santa Clara...», referindo igualmente a «veneração que tivera no tempo passado»⁷. A grandiosidade da Igreja e a luz a jorros que sobre ele atiravam os janelões deveriam dar-lhe imponência, arrancando os melhores efeitos de luz ao seu ouro, dentro ainda daquela sobriedade decorativa do estilo da renascença, bem marcada nos dois andares de que fundamentalmente se compõe e nos painéis.

Até à altura em que foi trasladado para S. Romão do Neiva, em 1755⁸, sofreu pelo menos duas grandes modificações :

A primeira introduzida pelo próprio autor, segundo cremos⁹. Dele constava o acréscimo do sacrário, que foi incluído no contrato de 1669. Ou o primitivo risco o não incluía, ou terá sido modificado, ou teria ficado por concluir até àquela data, o que nos parece menos provável¹⁰. O que é certo é que ali foi colocado em Maio de 1670, dando, deste modo, o escultor plena satisfação ao estipulado no contrato, que o exigia concluído em Abril de 1670. «Dej a hu Carpinteiro degs q asentou os quartois do sacrario hu tostão». Deste modo no-lo refere o livro dos obras¹¹.

O mesmo livro dá-nos conta, posteriormente, de mais obras da tribuna, referindo gastos e a construção de uma estada, em 1676¹², que em nosso entender se destinariam à colocação das duas imagens, que para esse retábulo acabava Fr. Cipriano da Cruz: S. Bernardo e S. Gregório Magno¹²

⁷ Fr. Tomás de Aquino, ob. cit., pág. 223.

⁸ Cfr. pág. 25; V. Apêndice.

⁹ Cfr. Apêndice.

¹⁰ Robert Smith, *Frei Cipriano da Cruz*, cit., pág. 41, mantém opinião diferente.

¹¹ A. D.B., Conv. e Most, C.S.B., Tib., Liv. das Obr. 459, pág. 64 n/n.

¹² A. D. B., Conv. e Most, C. S. B. Tib., Liv. das Obr. n.º 459, pág. 88 n/n.

¹³ Robert Smith, *Frei Cipriano da Cruz*, cit., págs. 41-42 e respectivas notas.

— ou para qualquer retoque nos nichos ou na pintura e para as obras das frestas da tribuna e mesmo das «vidrassas da Capella Mayor»¹⁴ que não ainda para a abertura do grande nicho central — a que mais correntemente chamamos tribuna. É certo que essa prática principiou por esta altura, tornando-se mesmo o elemento mais caracterizante do novo gosto e do novo estilo¹⁵ passando até a ser introduzida nos retábulos que a não possuíam¹⁶. Para este retábulo todas fontes são mudas, nesta data: nem Fr. Marceliano as refere ao tratar das outras obras do geral Fr. Cipriano de Mendonça (1674-1677)¹⁷, nem o relato dos «Estados» que o autor, como quase sempre, segue de perto¹⁸.

No segundo triénio de Fr. Gerónimo de Santiago, os painéis do retábulo do altar-mor recebiam «cortinas de pano de Linho»¹⁹ (substituídas, pouco depois, por «uas de Damasco guarnecidas de Ouro» no triénio de Fr. João Osório)²⁰.

¹⁴ A.D.B., Conv. e Most. C.S.B. 112, Tib. E. 1677, págs. 8-8 v. n/n.

¹⁵ R. Smith, *A Talha em Portugal*, cit., pág. 74.

¹⁶ Idem, *Frei Cipriano da Cruz*, cit., pág. 169 nota 35.

¹⁷ Fr. Marceliano da Ascensão, ob. cit., pág. 467-469, refere outras, mas nada sobre esta modificação: «O coro de S.^{to} Thirço lhe deue a Sua Construção mandando dar lhe principio no Seo triénio, tambem mandou Continuar as obras no Coll.^o da Estrela;

...também teue Coidado Com o Seo Mostr.^o de Tibães, onde gastou m.^{to} nos m.^{tos}, Reparos q.^o fes e Como olle he g.^{de} necessitava de m.^{to}; no q Se lhe nao deue pouco porq^c Se Com diligencia não acodira ... fes a Capela de S. Gens toda de novo ... mandou dourar o retabolo da Igreja da Estella, e em Serralles pos hum retabolo novo.

¹⁸ A. D. B., Conv. e Most., C. S. B., 112, Tib., E. 1677, págs. 8-8 v. n/n. Este «Estado» refere as restantes obras em Tibães com outro pormenor.

¹⁹ A. D. B., Conv. e Most., C. S. B., Tib., Liv. do Depósito, n.º 568, pág. 154.

²⁰ Fr. Marceliano da Ascensão, ob. cit., pág. 475.

A.D. B., Conv. e Most. C. S. B., Liv. do Dep. n.º 569, pág. 124 v.: «Pozerãose duas cortinas de damasco carmezim atrenadas de trena fina na tribuna do Altar mayor». Frei Bento de S. Tomás (1689-1692) mandou fazer para a mesma «huas cortinas ... de chamalote Roixas atrenadas de prata q leuam no advento e quaresma» (Cfr. A. D. B., Conv. e Most., C. S. B., Tib., Liv. do Dep. n.º 572, pág. 15.

Nesse mesmo triénio, o pé do retábulo, que hoje, em S. Romão do Neiva, é constituído por madeira pintada em estilo arquitectónico, recebeu, quando em Tibães, um revestimento de azulejo, preenchendo os vãos entre as pilastras-eonsolas, que se enrolam, espalmando folhas de acanto lavradas nos joelhos mais salientes — as do exterior²¹ —. Nelas assenta o entablamento de cornija bem marcada. Fr. Marceliano refere a colocação desse «espelho do Coro» que o livro das obras confirma²², nos princípios de 1679²³.

A abertura do nicho, ao alto e ao centro do retábulo para a grande tribuna, parece-nos apenas do triénio de Fr. Pedro da Ascensão (1704-1707), altura em que se realizaram bastantes obras dentro da Igreja.

Os «Estados» que se supunham faltos para todo este período (1683-1710)²⁴ nada referem. Não há notícia de mais modificações na tribuna até ao triénio de Fr. Pedro da Ascensão, referidas estas por Fr. Marceliano. É estranho que este autor não relatasse tal modificação, a ter-se operado antes, quando sabemos que segue sempre de perto as fontes documentais²⁵ e que só o fizesse nesta data. Então se «acre-

²¹ dem, «... e Azolejarãose os vaos do Retabolo do Altar mor».

²² A. D. B., Conv. e Most., C. S. B. Tib., Liv. das Obras, n.º 459, pág. 99 v. n/n. «Pagei do Azulejo Carreto dells, Cal e de maos a quem o assentou no espelho do Coro...».

²³ Fr. Marceliano da Ascensão, ob. cit., pág. 472 «Mandou Azolejar no Coro o q agora Sc Conserva».

²⁴ José Matoso, aponta a sua falta desde 1680. (Cfr. *Inventário dos Fundos de Antigos Mosteiros Beneditinos*, cit., pág. 16). Todavia, nós fomos encontrar o Estado para o Capítulo Geral de 1680, incluído nos *Livros do Depósito (recibo de rendas a dinheiro)* catalogado por José Matoso com o n.º 568. (Cfr. págs. 144-156), o que nos surpreendeu agradavelmente por o livro avulso se haver extraviado, se alguma vez foi redigido. O mesmo aconteceu para o E. de 1635, que se julgava também perdido e que vem nos mesmos *Livros do Depósito*, (Cfr. no *Inventário*, n.º 540, págs. 86-98). A mesma descoberta agradável se fez para outros Estados.

²⁵ Quando volta a seguir de perto a notícia deste Estado de 1680, que se julgava perdido tal como outros. (A.D.B. Conv. e Most., C.S.B.. Tib. Liv. de Depósito n.º 568, págs. 154-154 v. e

centou a tribuna na Capela mor e se dourou»²⁶. Introduzia-se, deste modo, a segunda grande alteração na estrutura do retábulo, passados que foram quatro dezenas de anos após a sua colocação na capela-mor.

É esta tribuna, aberta entre 1704-1707, que o Geral Fr. António de S. Lourenço, eleito em 1722, mandará alterar e modificar, tomando o aspecto de obra realizada quase «a fundamentis»: «Fescee hua Tribuna de emtalha na Capella Mor da Igr.ª ... tudo dourado e estufado»²⁷. Acabava-se a alteração em 1723, dourando-se nesse mesmo ano²⁸. Referindo-se à obra desse Geral, nota Fr. Marceliano que «fes a tribuna de Capela mor toda de talha e dourou»²⁹ tendo, também, ali colocado «Cortinas de Damasco Carmezim com franjão de galoens de ouro»³⁰.

Deste modo recebia o retábulo a sua feição definitiva acusando, indiscutivelmente, no revestimento da tecto e paredes da tribuna, a evolução para outro gosto no tratamento das formas³¹ (Est. V, Est. VI. Figs. 8 e 9).

Nesse ano se ultimaram os trabalhos do acréscimo desta tribuna para a qual se terá feito contrato antes de Julho

Fr. Marceliano, ob. cit., pág. 472). Leva-nos a supor que o autor seguiu de perto, também, os outros que porventura se perderam, e não deixaria de no-lo relatar, se referissem obra tão importante, como era a inclusão do grande nicho. Cfr. Apêndice.

²⁶ Fr. Marceliano da Ascensão, ob. cit., pág. 508.

²⁷ R. Smith, *Frei Cipriano da Cruz*, cit., pág. 169, nota 35.

A. D. B., Conv. e Most. C. S. B. Tib., liv. do Dep. n.º 583, pág. 74.

²⁸ Ibidem. Dourou o Mestre Bento de Sousa. Cfr. Apêndice.

²⁹ Fr. Marceliano da Ascensão, ob. cit., pág. 531:

No Mostr.º de Tibaes fes m.^{tos} reparos, na Igreja fes a tribuna da Capela mor toda de talha e a dourou e na boca da mesma tribuna quatro g.^{des} ferestas da Capela mor e pulpitos mandou fazer Cortinas de Damasco Carmezim...».

³⁰ A. D. B., Conv. e Most., C. S. B. Tib., Liv. do Dep. n.º 583, pág. 74 v.

«Deu p.^a entalha da Tribuna da Capella Mor p.^a ouro Pintores Ferragens pera ella e p.^a hua alcatifa p.^a a Capella de S. Joseph noucentos sincoenta mil trezentos e sincoenta e seis rs.». Idem, pág. 73 v.

³¹ Robert Smith. *Frei José de Santo António Ferreira Vilaça*, cit., vol. I, págs. 165-167.

de 1722, altura desde que se vêm efectuando pagamentos a «Luís Vieja a conta da obra da Tribuna do Altarmor»³². Entalhador de reconhecido mérito que deixara já em Braga outras obras: na Igreja do Colégio de S. Paulo — onde colocara um retábulo —, e na Igreja de S. Lucrecia, onde assentara outro³³ além de outros trabalhos que R. Smith refere³⁴. Pertence a este entalhador, por conseguinte, o nicho da tribuna e os seus revestimentos: tectos, fundo, lados e trono. A observação desta talha mostra-nos já um tratamento diferente: os fundos enchem-se por completo em caixotões cheios de talha mais viçosa e mais volumosa apresentando uma semelhança muito mais acentuada com os tectos e paredes laterais da capela de Santa Gertrudes de Tibães (que havia sido colocada entre 1710-1713, segundo opinião de Robert Smith, por Gabriel Rodrigues Álvares que por esta altura trabalhava, também, para várias casas baneditinas), do que com o restante tratamento do retábulo³⁵ (Est. VII; Est. VIII. Fig. 11). Será totalmente descabida a presença de Luis Vieira nas talhas laterais da capela de S. Gertrudes — exceptuados os painéis? A presença documentada do grande Rodrigues Álvares é mais tardia na casa de Tibães. A primeira referência

³² A. D. B., Conv. e Most., C. S. B., Tib., Liv. das Obr., n.º 460, pág. n/n. Princiaram as contas com Luis Vieira, pelo menos a 12 de Julho de 1722 e terminaram, talvez, em Janeiro de 1723, dourando-se a tribuna em Setembro-Outubro do mesmo ano. Cfr. Apêndice.

³³ Contratos lavrados respectivamente em 7 de Julho de 1710 e 25 de Agosto de 1710. Cfr. A. D. B., N. T. G., Liv. n.º 533, pág. 120 v. e pág. 165. Em 21 de Agosto de 1729 assinará novo contrato: para a construção do retábulo de 'S. Francisco Xavier no colégio de S. Paulo. A. D. B. N. T. B., Liv. 627, pág. 38 v.

³⁴ Rober Smith, *A Casa da Câmara de Braga (1758-1756)*, Sep. da Revista «Bracara Augusta», vol. XXII, fases. 51-54 (63-66), Braga, 1968, págs. 38-42; *Frei José de Santo António Ferreira Vilaça*, cit, vol. I, pág. 166 e respectiva nota.

³⁵ Robert Smith, *Marceliano de Araújo Escultor Bracarense*, cit, págs. 17-18; Santo André de Rendufe, cit., págs. 20-21.

explícita é de 15 de Janeiro de 1733, altura em que toma à sua conta a construção de um retábulo no Capítulo Novo)³⁶.

A tribuna, assim concluída, recebeu o tradicional cortinado de damasco³⁷ que lhe mandou colocar Fr. José de Santa Maria, durante o seu segundo generalato (1728-31)³⁸.

Este retábulo sofreu o último embelezamento no tempo de Fr. Sebastião de S. Plácido (1743-48), que lhe mandou pôr cortinas de damasco «nos 4 nichos das 4 g.^{des} imagens q tem o Retabolo na Capela mor, e nos tres quadros q lhe ficão assima mandou fazer Cortinas de Damasco Carmezim guarnecidas de Ouro, e de Damasco branco hum Levantado docel de Pontifical»³⁹ tendo permanecido neste estado até ao seu desmantelamento, principiado em Maio de 1755⁴⁰. Transitou depois para a nova igreja do mosteiro de S. Romão do Neiva que se acabava de construir, e deixando lugar para o grandioso e maravilhoso retábulo que o veio a substituir na capela-mor do majestoso templo de Tibães, que na altura vinha sofrendo importantes transformações.

³⁶ A. D. B., Conv. e Most., CS. B., Tito., 1.º das Obr. n.º 461, págs., n/n. Refere-o R. Smith, *Santo André de Rendufe*, cit., pág. 21. O «Estado» refere também o montante da empreitada» «Deu p.^a o Retabolo da Cabaza do Cap.º cento, sessenta e oito mil rs.», A. D. B., Conv. e Most., C. S. B. 112, Tib., E. 1745 pág. 19 v. n/n

³⁷ ROBERT Smith, *A Talha em Portugal*, cit., págs. 72-76.

³⁸ Fr. Marceliano da Ascensão, ob. cit., pág. 551 «...na Capela mor da Igreja fez Cortinas de Damasco p.^a a boca da tribuna e portas q saem p.^a a ditta Capela mor, e sinco Cortinas do mesmo p.^a os sinco altares do Corpo da Igreja menos a de S.^{ta} getrudes q ja o tinha».

³⁹ Fr. Marceliano da Ascensão, ob. cit., pág. 585: que «alem de m.^{tos} Reparos mandou fazer na Igreja duas Cortinas p.^a OB Arcos de fora das Capelas da Sr.^a do Rozario, e S. João q fazem o arco Cruzeiro, de damasco Carmezim irmans das Seis Capelas do Corpo da Igreja, e no quadro de S. Mart.º padroeiro do Mostr.º...

A. D. B., Conv. e Most., C. S. B., Tib., Liv. das Obras, n.º 462, págs. 44, 74 v., 82. Idem, 112. Tib., E. 1749, pág. 18 v., n/n.: «Puzeraosse em todos os Nichos tambem Cortinas de Damasco com galoes e franjas de Ouro».

⁴⁰ Idem, Liv. das Obras, n.º 643, pág. 34 v.: «Dej a M.^{el} Carvalho pelloos dias q gastou em tirar o retabolo e Carregalo q foram dez a duzentos rs. e mais m.º dous mil e Cento... 2.100».

Encarregou-se do desmantelamento e da sua colocação em S. Romão do Neiva o mestre de carpintaria, Manuel de Carvalho— que aliás já se havia entregado a outras obras importantes na Abadia como a construção do forro do Capítulo Novo, as duas portas de acesso, e o arco que haveria de servir de dossel ao altar⁴¹ e as obras de carpintaria realizadas no tecto do claustro em 1743⁴² obra de «bom dezenho e arquitectura Respeitável»⁴³. Não estranha, pois, que tivesse sido o obreiro da acomodação do retábulo em S. Romão⁴⁴, intro-duzindo-lhe alguns cortes e acréscimos⁴⁵, o mesmo tendo feito para outros conjuntos levados de Tibães⁴⁶.

Nos últimos dias de 1755, ultimavam-se em S. Romão os preparativos da capela-mor e altares para receber o retábulo, prolongando-se ainda pelo ano de 1756⁴⁷. Dirigia as obras de carpintaria o mestre Manuel de Carvalho. Em Julho desse ano as obras tocavam o fim: liquidam-se todas as contas com o ferreiro de Vila-Fria, pelo «feitio de vinte e cinco arráteis de ferro, q lavrou, em escapulas e pregos p.^a

⁴¹ A. D. B., Conv. e Most., C. S. B., Tib., Liv. das Obr., n.º 460, págs., n/n. «Dei ao M.^e Carpinteiro Manoel Carvalho por forrar toda a caza do Cap.º nouo e fazer as duas portas da entrada com elle de impreitada e do acrescimo do arco no lugar onde ha de ficar o altar mais mil cento e setenta rs; soma tudo quarenta e noue mil Cento e setenta rz. ... 49.170».

⁴² Idem, Liv. das Obras n.º 462, págs. 44 V.-46 «Dei a M. ^{el} Carvalho Carpinteyro a Conta da obra do Claustro q tomou por duzêtos e Corenta mil reis, Cento e Setenta e tres mil rs ... 173.000»... Dei p.º ajuste da obra do Claustro Cecenta e seis mil, novecentos e trinta mil rs... 66,920». Como realizara outras obras em 1737 (Cfr. Liv. das Obras, 462, págs. 7-10).

⁴³ Fr. Marceliano da Ascensão, ob. cit., pág. 575.

⁴⁴ R. Smith, *Frei Cipriano da Cruz*, cit., pág. 21 e notas.

⁴⁵ A. D. B., Conv. e Most., C. S. B., S. Romão do Neiva, n.º 158, pág. 260.

⁴⁶ Nicho do Santo Cristo do coro, 2 altares laterais, púlpitos, e o grupo da Visitação do escultor Fr. Cipriano da Cruz, que R. Smith já descreveu (Cfr. R. Smith, *Frei Cipriano da Cruz*, cit. Tendo, também, executado alguma coisa à conta própria. Cfr. Apêndice.

⁴⁷ A. D. B., Conv. e Most., C. S. B., S. Romão do Neiva, Liv. das obras, n.º 158, págs. 2il-23.

segurança da tribuna» fazendo-se já a aquisição de tintas «p.^a pintar as bases da tribuna e beiras da mesma»⁴⁸. Manuel de Carvalho recebia os honorários pelos seus últimos trabalhos ali realizados e a «Charid.^e pella promptidão, com q sempre acodio a esta obra» («tres mil, e duzentos rs»). O douramento do retábulo fez-se de seguida: nos últimos dias de Setembro e primeiros de Outubro. Recebia também o quadro de S. Romão, no meio dos dois nichos do primeiro andar do retábulo, conforme a notícia do pagamento feito «ao M.^e Pintor, q pintou o quadro de S. Romão na Capela mor» o qual, também, «dourou o quartão q fica por baixo do mesmo quadro»⁴⁹. Este agradável conjunto acabado em 1665, e hoje, com pequenas alterações, que acabámos de referir, em S. Romão do Neiva, assenta num sopé em pedra esquadria, que sobe até 2,10 metros, em cima do qual se levanta toda a composição em madeira. Neste sopé avultam quatro grossos pilas-tros, que fazem de suporte e ornamento a uma cornija bem saliente, ainda em pedra, formando a mesa de assento da talha. Dobradas em joelho saliente, nas duas das extremidades espalma-se, lavrada, uma grande folha de acanto, a toda a largura (57 cm) da pilastra pintada. As exteriores separam-se das interiores, lisas (mas dobrando-se também, em joelho) por um vão, hoje de madeira pintada, mas quando em Tibães, por um pano de azulejo que lhe imprimia outro aparato e beleza⁵⁰. Tem de largo 1,32 metros. Na parte central abre-se uma porta, de tranqueiros e lintel pintados, com 1,7m de vão e que dá acesso, por detrás do retábulo, à tribuna. Veio substituir, no centro as duas portas laterais que tinha em Tibães⁵¹.

⁴⁸ Idem, pág. 27.

⁴⁹ Idem, pág. 28. Cfr. Apêndice. Sobre pedra. O sacrário deve ter sido retirado, para dar lugar à porta central e a este cartão, que o documento refere, e que veio substituir as duas portas laterais do retábulo quando na capela-mor de Tibães. Cfr. Fr. Marceliano da Ascensão, ob. cit., pág. 551.

⁵⁰ Cfr. texto supra, pág. 42.

⁵¹ Pr. Marceliano da Ascensão, ob. cit., pág. 551. Cfr. págs. 84-87.

O conjunto em talha, para além do sopé, forma três zonas de composição que corresponde a três andares. Os dois primeiros com colunas enquadrando nichos, e ao centro, um grande painel e a abertura da tribuna; o último, constituindo o remate do retábulo, formado pelo arco da tribuna, com dois painéis laterais e um na parte central e superior, no centro de um frontão redondo, cujo arco toca a abóbada de berço da capela-mor e representando um Cristo Morto, num rectângulo central.

O primeiro andar desenvolve-se entre o sopé de pedra — onde assenta — e vai até ao entablamento. As linhas horizontais são bem acentuadas e formam o sopé do segundo andar, onde abre a tribuna.

Por detrás das colunas exteriores, do primeiro e segundo andares, e separando-as da parede, há uma folha de madeira, vertical, decorada com motivos geométricos gordos e folhas de acanto e alguns enrolados, que devem ter respeitado o primeiro desenho, pois parecem-nos posteriores. Nelas surge a característica romã verde que se repete no coro de Tibães várias vezes e no retábulo de Santa Gertrudes. Encima essas folhas a coruja, elemento também constante no coro de Tibães (sobre as portas).

Enquadrando os nichos, motivos simples, geométricos, que aparecem no retábulo de Santa Gertrudes, nas pilastras e no entablamento, apresentando, perto da base, uma decoração geométrica, que o coro de Tibães copia, nos correados entrançados formando oitos, nos «quartelões» que separam as molduras. Nos corpos centrais desses oitos adivinham-se idênticas pontas de acanto. O friso vertical dos nichos é, também, simples, de um correado entrançado. Nos triângulos deixados pelas curvas dos arcos, que delimitam o céu dos nichos, folhas de acanto espalmadas em triângulo num gosto muito característico.

Em frente desta composição, despregadas do pano da talha, quatro colunas, que estalecem as divisórias dos nichos e da parte central do grande quadro de S. Romão.

Todas elas são aneladas na parte inferior, de fuste liso, onde se cola toda a decoração simples, de relevo baixo.

As colunas exteriores, entre esse anel e os ressaltos da base, estão decoradas de maneira diferente dos interiores

(junto ao painel (alternação idêntica se pode observar nas do retábulo de Santa Gertrudes): folhas e enrolados de acanto, com certo viço, mas ainda dentro da simplicidade de formas que se observa, quer no coro de Tibães quer na talha da capela de Santa Gertrudes. Ao centro dos acantos avulta uma ave e dos lados da coluna, logo sob o anel, e no centro de enrolados de acanto, duas cabeças de anjo, que se adiantam ao fuste, no mesmo jeito dos de Tibães. O cabelo enrola-se do mesmo modo sobre a testa, ainda que não tanto bochechudos e de lábios ainda não tanto sensuais.

No segundo corpo da coluna, sobre o anel, surge uma cara de sátiro espalmada, nariz volumoso e olhos grandes quase esbogalhados que muito recorda os do cadeiral de Tibães, ao lado do painel do Patriarca S. Bento. Da boca, (como nas bandas das cadeiras do Coro de Tibães), saem folhas e enrolados de acanto que coleam, depois, pelo fuste liso da coluna. Na cabeça, os cabelos cederam a folhas de acanto espalmadas que novamente sugerem analogia com as caraças do cadeiral do Coro.

A romã volta a surgir no centro das folhas de acanto encimadas por dois anjinhos, muito característicos que quase se perdem. A decoração estilizada e geométrica, tal como no fuste das colunas do retábulo de Santa Gertrudes, semelhando correados, enquadram uma cabeça de anjo, já maior, e no mesmo jeito das outras, e este mais perto dos da capela de Tibães. A composição, espalmada sobre o fuste, prolonga-se para o topo da coluna em volutas do acanto sobre as quais assenta a coruja, também característica, encimando as composições: em correspondência com as das folhas laterais e à que pousa algures no espaldar do Coro. Termina no conhecido capitel compósito, em cima do qual corre todo o entablamento, onde assenta o friso, sobre o qual se levanta o segundo andar, e que também serve de base à abertura central da tribuna.

As segundas colunas são idênticas. Ladeando o painel de S. Romão, são igualmente aneladas. No corpo inferior, sobre o fuste liso, correm e espalmam-se as mesmas folhas e volutas de acanto, onde se instalam passarinhos olhando a cabeça de um anjo que lhes fica superior. Enquadra-a idêntica cercadura geométrica já nossa conhecida. A cabeça de anjo

descola-se do fuste atira-se num gesto decidido para a frente com o enrolar da madeixa dos cabelos sobre a testa para o lado esquerdo, sem grande desalinho; asas abertas e espalmadas sobre as quais corre em diagonal, sobre o peito, uma feixa de pano que parece segurar um medalhão. Pormenor interessantíssimo, usado na capela de Santa Gertrudes e sistematicamente empregue no espaldar do Coro de Tibães: aqui as composições de flores e fruta que preenchem os fundos dos frontões abertos, que encimam todos os painéis do espaldar, são seguradas pelas mesmas faixas que parecem prender-se por detrás do espaldar. Aí surge a romã, ainda verde, e dois pequenos tufos de grãos, semelhante gaipos de uva muito pequenos. Por cima da cabeça deste anjo, apoiando os pés em duas volutas geométricas, um anjinho, voltado para nós, de braços levantados ao lado do peito, segurando dois enrolados de acanto, que nos recorda imediatamente o que aparece nas colunas maiores da capela de Santa Gertrudes, onde se nota, aliás a mesma dificuldade do tratamento anatómico, que surge com maior nitidez nas composições dos quartelões do coro, com os quais apresenta outra analogia interessante: este anjo da coluna leva na cabeça um açafatinho onde avultam flores e frutas, que duas aves debicam, voltando completamente o dorso (Est. XVI. Fig. 23). Este açafate aparece-nos num quartelão do coro, composição do cadeiral do poente, que duas meninas de braço dado, seguram com as mãos exteriores, à altura da cinta. Sobre os seus peitos cruza, em diagonal, a mesma faixa de pano, com laço redondo sobre o ombro. Depois os anéis e na parte superior do corpo da coluna, os mesmos enrolados de acanto, apresentando, ao topo, a cabeça do anjo rodeada do correado geométrico. Nas faces laterais das colunas, duas cabecinhas de anjos que quase se perdem. No centro da coluna, duas aves afrontadas, ligeiramente voltadas para baixo, sem vida. Encimam as colunas os mesmos capitéis compósitos, que seguram o entablamento do andar superior. Neste corre um friso que lembra o que aparece no entablamento da capela de Santa Gertrudes de Tibães: completamente liso, dividido apenas por varas horizontais douradas, pouco salientes, e a intervalos granulados, sobre o fundo liso e dourado. No campo, também liso, da parte inferior desse entablamento, estão incrustados gran-

des diamantes rectangulares de aresta central saliente, azulados, tendo ao centro um florão volumoso abrindo por entre a folha do acanto.

No corpo central desse entablamento, entre as partes mais salientes das cornijas, surgem os mesmos enrolados simples do acanto, com cabeças de anjos no prolongamento das colunas e ao centro. Jeito idêntico se observa nas duas laterais que sobrepujam os nichos. No corpo do entablamento inferior (mais alto que o superior) entre a cornija do soco de pedra e a cornija que serve de base aos nichos e ao painel de S. Romão, há também elementos decorativos muitíssimo curiosos, ainda que dentro do mesmo estilo de composição.

Este corpo horizontal é cortado por quatro pés de pilas-tra, de três faces, visto que a outra está adossada, formando altos plintos onde se levantam as colunas do primeiro andar do retábulo. No espelho das pilastras do exterior há folhagem de acanto, onde assenta um jarrão donde saem mais enrolados de acanto (Est. IX. Fig. 12). No bojo do jarro mais folhas de acanto espalmadas. Sob uma cabeça de anjo, do tipo dos restantes, avulta uma romãzinha e duas pequenas perinhas.

Na face interior dessas pilastras surge-nos espalmada a cabeça e rosto de sátiro, nariz carnudo e nutrido e olhos esbogalhados, rodeada de correados geométricos, saindo-lhe do nariz a composição e as volutas de acanto, sobre fundo azul claro (Est. IX. Fig. 13). Nos cartões rectangulares que servem de base aos nichos laterais avulta a cabeça do anjo ao centro, cabeça despregada do fundo, atirada para a frente, e asas cruzadas em triângulo sobre o peito. Dele irradia toda a composição (Est. X. Fig. 14). Cerca-o uma decoração geométrica onde se entrelaçam e misturam os enrolados de acanto. Como sucede nas composições coevas de Tibães, essas volutas de acanto no término florem em novas folhas de acanto, o que nos parece curiosíssimo. Entre a cabeça de anjo e as extremidades dos cartões sur-gem-nos aves mal trabalhadas, voltadas para o anjo, mas com a cabeça volvida para o dorso. As volutas sob o anjo, formam pescoços e cabeças de pássaro nas extremidades cujos bicos apertam os floridos do acanto.

Os pés da pilastra do centro apresentam uma decoração quase exclusivamente geométrica. Preenche a face voltada para

nós, um medalhão oval, em cujo campo também ovolado se espalma, em quatro, a folha de acanto (sugerindo os cartões sob as telas das paredes da capela de Santa Gertrudes) (Est. VIII. Fig. 15). Nas faces voltadas para o interior, as folhas e os enrolados simples de acanto desenvolvem-se sobre fundo azulado. Alguns ramos estilizam-se em terminações geométricas, e outros em pescoços e cabeças de aves que seguram, pelo bico, os terminais do acanto.

Interessantíssima a composição dos cartões que prolongam essa face até ao lintel da porta central, que volta a sugerir flagrantemente a composição das faces laterais das cadeiras do coro de Tibães: os mesmos enrolados de acanto prolongam-se em idênticas estilizações, e correados mais volumosos. Nos ângulos que tocam com o lintel há duas cabeças de sátiros que os panos laterais do cadeiral do coro copiam exactamente: cara de perfil com o mesmo nariz avolumado e grande; os mesmos lábios salientes, os mesmos olhos esbogalhados (Est. X. Fig. 16). Do mesmo modo, da sua boca saem cordões de acanto que se enrolam por toda a face do cartão. A composição prolonga-se na folha sobre o lintel da porta, e desta feita, por pinturas que pretendem imitar o desenho da talha mas onde se nota uma mão posterior. A transição da madeira em relevo para a pintura faz-se por elementos geométricos.

Todo este primeiro andar assenta, como dissemos, numa cornija saliente de pedra, em quatro pilastras consolas que sobem a 2,10 m de altura. Toda a pedra é pintada em enxaquetados em tons de ouro, preto e cinzento azulado, que se prolongam na madeira dos vãos das pilastras, figurando composições arquitectónicas.

A porta abre-se ao centro deste soko, tendo para o efeito sido retirado o sacrário que para o retábulo executou, quando em Tibães, o escultor António de Andrade. Aliás, a parte pintada por sobre o lintel da porta sugere que dali foi retirada qualquer peça que só poderia ser o sacrário.

Ao centro deste andar, entre os nichos, um grande painel alusivo à vida de S. Romão.

O segundo andar, repete, quase «ipsis verbis» o primeiro (Est. X. Fig. 17). Apenas mais reduzido em dimensões. De salientar que as colunas interiores que ladeiam a tribuna,

apresentam no fuste a romã e perinhas mais salientes e desenvolvidas.

Ao centro deste segundo andar a boca da grande tribuna. Tem de largura 2,66 m, por 3,30 m de fundo e 4,80 m de alto. Totalmente composta e revestida por Luís Vieira da Cruz⁵².

A composição do interior da tribuna tem duas partes distintas: uma que sobe até uma cornija onde pousa uma abóbada de canhão, identicamente revestida e decorada.

As paredes laterais que sobem até à cornija são cortadas por um friso horizontal, dividido, por sua vez, em três grandes cartões, rebentando em talha mais viçosa, mais profunda, despregando-se dos fundos totalmente ondulados pelo borbulhar da folhagem. Um viço diferente se sente palpitar dentro desta tribuna que já se afasta muito da serenidade e simplicidade que reveste o exterior de todo este belo retábulo (Ests. V e VI).

As composições partem de uma cabeça de anjo central, muito diferente das outras do retábulo: o pescoço afoga-se na madeira, cara mais rechunchuda, melhor tratamento anatómico com outra expressão mais gaiata e mais viva. Os cabelos estão completamente revoltos, desgrenhados e sem arrumo certo. Sente-se outra variedade de tratamento e outra inspiração.

Aos lados há faixas onde aparece a perdiz: as penas são imbricadas com volume, e o corpo da ave avulta com maior perfeição. Estas faixas, no entablamento da cornija, prolongam-se em cabeças de anjos, com uma mais pequena ao centro no meio de folhagem alta e viçosa. Na parte superior deste friso horizontal, três cartões rectangulares maiores, onde a composição e o tratamento da folha de acanto e das cabeças de anjos se repete por igual. O mesmo se diga na abóbada, totalmente dividida em caixotões cujo campo se eriça numa folha gorda, em relevo, rodeando a cabeça de anjo.

O fundo da tribuna tem um tratamento semelhante.

Dentro levanta-se o trono de cinco degraus em pirâmide, decorado com o mesmo gosto. Encima-o uma coroa de glória.

⁵² Cfr. págs. 43-44.

Consta de um espelho central completamente liso bordado por uma cercadura de ouro, de folha de acanto e serafins. Estes cinco degraus assentam numa mesa de altar pequena, mas mais alta que qualquer dos degraus, cujo frontal tem uma bela composição: uma cabeça de anjo, pregada à folha do acanto igualmente alta e viçosa, com a cabeça ligeiramente inclinada para a esquerda. Do lado, inclinándose em diagonal para o centro, dois anjos gordos, mãos sapudas, pés e barrigas igualmente bem nutridos, cabelo desgrenhado e revoltado, rosto redondo, alegre, bochechudo (Est. VI. Fig. 9).

O terceiro andar desenvolve-se a partir do segundo entablamento. Constitui o prolongamento dos nichos laterais substituídos por dois painéis aos lados da tribuna: hoje meios bustos do Coração de Jesus e da Virgem. Nos triângulos deixados pelo arco da tribuna há cabeças de anjos, em tudo semelhantes aos do interiores da tribuna.

Por sobre o arco, bem ao alto de todo o grandioso retábulo, um painel com Cristo Morto depositado, dentro de uma caixa de sepulcro rectangular separada dos triângulos laterais por dois grossos quartelões decorados em folhagens de acanto num estilo bem arquitectónico, constituindo o prolongamento das colunas interiores do primeiro e segundo andares. Nos triângulos deixados ao lado destes quartelões espalmam-se folhagens desenvolvidas de acanto, grande e volumoso, enrolando-se em volutas nos lados. Ao centro do acanto a romã verde e graúda. Estas composições parecem-nos posteriores, pois denotam um gosto diferente de tratar o acanto, sugerindo uma certa rusticidade de modelação que procurou seguir o primitivo arranjo. Sabemos que o mestre Manuel de Carvalho nele executou cortes e acréscimos⁵³ e é provável que estes lhe pertençam tal como o emadeiramento e sua decoração, que separa as colunas exteriores das paredes da capela-mor.

Estes os elementos estelísticos que nos ficam de uma observação rápida, e que para além das diferenças — que as há — parecem denotar a presença de um mesmo mestre, que nós julgamos ser António de Andrade.

⁵³ Cfr. Apêndice.

2 — 0 Coro de Tibães

«... um dos cadeirais mais singulares de toda a Europa ...»⁵⁴.

A construção deste conjunto admirável coincide, provavelmente, com a presença de António de Andrade na Abadia.

Há um pormenor na documentação que nos levanta ainda suspeitas. Quando se iniciam as contas referentes a pagamentos das obras no coro, elas aparecem-nos sempre riscadas, e à margem do corpo da página a seguinte indicação: «p.^a aCaza⁵⁵. Ora nós sabemos que para o caso das despesas com o órgão pode ter uma explicação, já que ali foi colocado a expensas de Fr. Pedro de Sousa⁵⁶, mas para o caso do conjunto da talha pode levantar-nos a suspeita de que se estivessem efectuando descontos a algum mestre que na altura poderia ser António de Andrade. É uma hipótese que ousamos levantar. Aí fica para juntar às provas que o confronto com as outras obras francamente nos sugere (com retábulo de S. Gertrudes e da capela-mor).

Principiaram os trabalhos em 23 de Março de 1666 e terminaram dois anos depois, em Março de 1668⁵⁷, sendo Geral Fr. Bento da Glória⁵⁸. Nessa mesma altura ficavam as composições do espaldar devidamente assentes, pois que o artista «Souza» recebeu dos «Paineis do Choro: por todos quareta mil rs, e hu carro de Pão»⁵⁹. Estaríamos, segundo opinião de R. Smith, de posse do «apelido de um dos entalhadores do cadeiral»⁶⁰. Poderá tratar-se, pensamos, do mesmo

⁵⁴ Robert Smith, *Frei José de Santo António Ferreira Vilaça*, cit., pág. 30.

⁵⁵ A. D. B., Conv. e Most., C.S.B., Tib. Liv. das Obr. n.º 459, págs. 35 v. - 42 v.

⁵⁶ Fr. Tomás de Aquino, ob. cit., pág. 182.

Fr. Marceliano da Ascensão, ob. cit., pág. 415.

⁵⁷ A. D. B., Conv. e Most., C. S. B., Tib., Liv. das Obr. n.º 459, págs. 35 v. - 42 V. Cfr. Apêndice.

⁵⁸ Fr. Marceliano da Ascensão, ob. cit., pág. 454.

⁵⁹ A. D. B., Conv. e Most., C. S. B., Tib., Liv. das Obr. n.º 459, pág. 42 v.

⁶⁰ R. Smith, *Cadeirais de Portugal*, cit., pág. 42.

mestre «Bento de Sousa, que ainda depois trabalhou em douramentos na Igreja⁶¹.

Nesse mesmo ano o coro recebia a estante central⁶².

As obras aqui devem ter parado, a favor de outras na Igreja e mesmo fora, pois só voltam a referir-se despesas com o coro a partir de Abril de 1677, com a aquisição de «oleos E tintas p.^a aparelho dos pajneis do Choro e «tintas» para os mesmos «pajneis do Choro»⁶³, mandados colocar por Fr. Jerónimo de Santiago, quando segunda vez geral (1677-1680)⁶⁴.

Esses oito quadros estavam concluídos nos princípios de 1679⁶⁵ e passaram a cobrir os panos das paredes Norte e Sul do coro. Um ano depois recebiam cortinados, para os protegerem do mosquedo e do sol⁶⁶, que entra, à vontade, pelos três grandes janelões, voltados ao poente.

Nessa mesma altura, entre Fevereiro e Março, ali se colocarão três «Seiões... q uierão do Porto»⁶⁷.

De 1689 para 1692 —no triénio de Fr. Bento de S. Tomás— todo o coro foi primorosamente lageado: «mandou fazer o pavim.^{to} delle de pedra de Montes Claros e marmores

⁶¹ A. D. B., Conv. e Most., C. S. B., Tib., Liv. das Obr. n.º 460, págs. n/n. Da tribuna: «Dei o M.^e Bento de Souza de asentar trinta e cinco milheiros e tres livros de ouro a três mil Reis o milheiro ... 105.900».

«Dei de charidade ao M.^e Bento de Sousa ... 9.600».

⁶² Idem, Liv. das Obr., n.º 459, págs. 44 v.: «Dej p.^a a estãte do Choro duzetos mil rs ... 200.000» ficando a dever-se «dos ferros da estante quinze mil rs. ... 15.000».

⁶³ Idem, Liv. das Obras n.º 459, págs. 92-93, n/n.

⁶⁴ Fr. Marceliano da Ascensão, ob. cit., pág. 472.

«No Coro pos os 8 quadros q tem».

⁶⁵ A. D. B., Conv. e Most., C. S. B., Tib., Liv. das Obr. n.º 459, pág. 94 v. n/n. «Dej p.^a quatro milheiros de Balmazes p.^a os Pajneis do Choro oito centos rs ... 800».

⁶⁶ Idem, pág.-. 103-4, n/n.

Idem, Liv. de Dep., n.º 568, pág. 154: «Puzeraose no Choro oito quadros com as sua Cortinas».

⁶⁷ Idem, pág. 96, n/n., que custaram 2.600 reis. Adquirindo-se para ali no triénio seguinte um «Liuro grande de Canto chão» (Cfr. A. D. B., Conv. e Most., C. S. B., Tib., Liv. do Dep., n.º 573, pág. 139.

brancos e Vermelhos»⁶⁸—conforme consta do «Estado» de 1692, que anda apenso ao livro de Depósito⁶⁹.

Todo este grandioso conjunto (órgão, tribuna, imagens e cadeiras, incluindo as portas e as grades)⁷⁰, foi mandado dourar por Fr. Pedro da Ascensão em 1706 conforme se pode observar na carteia sobre o lintel da porta de entrada em letras de ouro, presentemente quase comidas pelo sol: «Dourouse no Anno de Mil 1706» em correspondência à outra carteia que lhe fica defronte, por cima do lintel da outra porta «Fesse de Madeira no Anno de Mil 1667».

Fr. Tomás de Aquino⁷¹, como Fr. Marceliano da Ascensão, refere estas obras de Frei Pedro da Ascensão durante o seu generalato (1704-1707).

Enriqueceu-o, Fr. Pedro, com nova composição: «no Coro pos o S.^{to} Xp.^o Com a gravid.^e q se ve mandandolhe fazer e dourar a favrica em q o meteo pondolhe Cortinas de Damasco e hum Veo transparente p.^a Cobrir a Imagem»⁷², mandando igualmente «dourar e estofar as imagens de mejo Relevô Com toda aguarnição q Ladeya todo o Coro»⁷³. O Cristo

⁶⁸ Fr. Marceliano da Ascensão, ob. cit., pág. 488; este pavimento irá ser removido mais tarde, 1798-1801, para o lageamento da sacristia. Refere-o o Estado de 1801, págs. n/n. Cfr. Robert Smith, *Cadeiras de Portugal*, cit., pág. 42.

⁶⁹ A. D. B., Conv. e Most., C. S. B., Tib., Liv. do Dep. n.º 572 (final), pág. 15, n/n. «Solhouse o pavim.^{to} do Coro».

⁷⁰ A. D. B., Conv. e Most., C. S. B., Tib., Liv. do Dep. n.º 577, págs. 243 V.-340. Cfr. Apêndice.

⁷¹ Fr. Tomás de Aquino, ob. cit., pág. 281 e segs.

⁷² Esta imagem de Cristo Crucificado veio para o coro d' «a primr.^a Capela abaixo das grades do Cruzeiro, mandado fazer para aquela Capela por Fr. Gerónimo de Santiago» para ser enquadrado no retábulo que para a mesma Capela fizera António de Andrade. Cfr. Fr. Marceliano da Ascensão, ob. cit., pág. 478.

Terá sido esta imagem que foi aperfeiçoada em 1734 por um artista bracarense e incarnada, na mesma altura? Cfr. A. D. B., Conv. e Most., C. S. B., Tib., Liv. das Obr. n.º 160, págs. n/n. «Dei a hum official de Braga de compor e por em melhor forma a hua jmagem de Christo Crucificado ... 1.200» ...Dei a hum pintor de Braga por incarnar hua jmagem de Cristo Crucificado e a por em melhor forma ... 4.800».

⁷³ Fr. Marceliano da Ascensão, ob. cit. pág. 508. A. D. B., Conv. e Most., C. S. B., Tib. Liv. do Dep. n.º 577, pág. 340, cfr. Apêndice.

foi colocado num nicho central, oratório ou retábulo de «talha miúda» que ali permaneceu até 1733, integrado na restante composição ⁷⁴.

A partir de então a estrutura manteve-se, a não ser esta ou aquela modificação, restauro ou conservação, que não lhe alteraram grandemente a fisionomia, sendo o mais importante, sem dúvida, a colocação da grande sanefa que corre sobre os três grandes janelões. Mas acompanhemos essas alterações enquanto dispomos de elementos para tanto.

Em 1723 colocaram-se «Ceyrões de esparto q se fizerão de nouo p.^a o Coro» sendo removidos os que ali se encontravam para a Igreja ⁷⁵ Pouco depois as janelas recebiam cortinados ⁷⁶.

Em Outubro de 1733 desfez-se parte do nicho ou oratório, onde estava o Cristo ⁷⁷, sendo, provavelmente, aproveitada essa talha para «hum retabolo de talha miúda⁷⁸ no Cap.^o nouo das Culpas» ⁷⁹. Nestes arranjos do coro se trabalhava ainda em Março de 1734, segundo informação do livro das obras ⁸⁰. Antes de 1735, tudo voltava à normalidade, depois de lavados e retocados os quadros do coro e depois de ter sido assente

⁷⁴ Altura em que é desmontado e assente no capítulo das Culpas.

⁷⁵ A. D. B., Conv. e Most., C. S. B., Tib., Liv. das Obr. n.º 460, págs. n/n. «Dei p.^a os Ceyrões ... onze mil e sete centos rs. ... 11.700».

«Dei p.^a o Conserto dos velhos q se puzerão na Igr.^a e p.^a seis capachos novos ... 2.400\$».

⁷⁶ Idem, págs. n/n. «Dei p.^a as Cortinas do Coro...». Idem. Liv. do Dep. n.º 583, pág. 74 v. «... puzerãose no Choro huas cortinas... e huns Ceyroens ...».

⁷⁷ Idem, Liv. das Obras n.º 461, págs. n/n.

«Ao pr.^o de Setembro dei a dous Enxambradores que uierão desfazer p.^{te} do Retabolo do Coro e das Cadeiras seis contos rs ... 600».

⁷⁸ Parece-nos que só poderia ser proveniente do Coro.

⁷⁹ A. D. B., Conv. e Most., C. S. B., n.º 112, Tib. E. 1734, pág. 20, n/n.

Cfr. Fr. Marceliano da Ascensão, ob. cit, pág. 554.

⁸⁰ A.D.B., Conv. e Most., C. S. B., Tib. Liv. das Obr. n.º 461, págs. n/n. «Aos 11 do mes de Março dei a hum jmaginario que veyo tirar os quadros do Choro e desmanchar as Cadeiras e polias os necess.^{os} na jgreya mil e duzentos rs ... 1200».

a talha que havia sido remexida ⁸¹. O coro recebeu, então, novas cortinas. A partir desse mesmo ano as grades receberam dois anjos, hoje desaparecidos, ao lado da composição central ⁸² — anjos tocheiros, muito provavelmente — ⁸³.

Neste mesmo ano os acessos ao coro foram melhorados: concertaram-se as escadas e o entalhador Tomé de Araújo ⁸⁴, fez a «talha da porta do Coro» (que então recebeu também um riposteiro) ⁸⁵. Dourou-a o pintor João Gonçalves Ribas (o mesmo que colocou nove grandes painéis no salão da Portaria, em 1757) ⁸⁶ e Domingos de Magalhães ⁸⁷.

As portadas das duas entradas do coro devem ter sido modificadas para as que hoje possuem: sóbria mas belamente almofadadas num relevo ligeiramente saliente ⁸⁸.

⁸¹ Idem, págs. n/n. «Dey para Sabão molle p.^a Lauar os Coadros do Coro ... 50».

... Dey aos Emxambradores de Palmeyra q vierão asentar a talha do Coro mil e Seis centos rs. ... 1600». Dey ao Pintor de Barcellos q veyo Limpar e Retocar os quadros do Coro ... 800».

⁸² Idem, «Dey para dous Anjos q se puzerão sobre as grades do Coro oyto mil rs. ... 8.000».

⁸³ Idem, «Dey ... por ... pratear as tocheyras ...».

⁸⁴ É muito importante a obra deste artista em Braga. Realizou contratos para a construção dos Retábulos de S. Vicente em Braga, em 4 de Setembro de 1731, (A. D. B., *N.T.G.*, L.º 735, pág. 173) e para a capela-mor de S. Martinho de Dume, em 31 de Agosto de 1732 (N. T. G. L.º 640, pág. 16v.) R. Smith, aponta ainda outras obras, *Frei Jose ... Vilaça*, cit. vol. I, pág. 166 e nota.

⁸⁵ idem, n.º 461, págs. n/n. Cfr. Apêndice. Cfr. R. Smith *Frei José de Santo António Vilaça*, cit. vol. I, pág. 46.

⁸⁶ A. D. B., Conv. e Most., C. S. B., Tib., Liv. das Obr., n.º 463, pág. 51 v.

⁸⁷ Cfr. Apêndice.

⁸⁸ Apesar de não termos surpreendido referência directa é indubitável que datam do século XVIII, provavelmente do triénio de Frei José de S. Domingos (1752-1755), altura em que correm embelezamentos do coro. (A. D. B., Conv. e Most., C. S. B., Tib., Liv. do Dep. n.º 592, p. 12 v. «D. p.^a a fundição da garrida da porta do Coro oito mil duz. ^{tos} e vinte Reys» e à pág. 17: «Fundio-se agarrida da porta do Coro, Invernizouca a Estante *gr.* ^{de} do mesmo Coro, aonde se pos hu Liuro *grd.* bem encadernado em moscovia com Seus bronzes e de bella Lettra p. Se Cantarem as Missas e officios dos S. ^{tos} modernos», embelezando-se também o «Nicho do S. ^{to} Christo do Coro» com «huas cortinas de Damasco Carmezim com galoes de Seda».

Estes melhoramentos que cobriram o triénio de Fr. Manuel da Graça (1734-37) foram coroados pela aquisição de mais «duas Estantes de pau preto p.^a se verem as lições no Coro»⁸⁹.

No Inverno de 1746 uma tempestade desabou sobre a Abadia e os raios destruíram os gradeamentos e vidraças dos janelões obrigando à sua substituição⁹⁰.

No generalato de Fr. António de Santa Clara (1756-58) colocaram-se os belos gradeamentos de «pau preto com seus bronzes dourados»⁹¹, obra de que se encarregaram os mestres Francisco Pereira, José Fernandes Neves e Manuel Moreira Dias, que arremataram todos os restantes gradeamentos do corpo da Igreja iniciados já no triénio anterior excepto os das capelas por debaixo do coro. Desta última obra tomava conta o mestre Manuel Domingues⁹², que em 6 de Setembro de 1758 lavrava contrato para a sua construção⁹³. Frei Tomás de Aquino dá excelente testemunho destas grades afirmando

⁸⁹ Idem, Liv. das Obras, n.º 461, págs. n/n.

⁹⁰ A. D. B., Conv. e Most., C.S.B., n.º 112, Tib. E. 1746-49: «Comcertarãose todas vidraças do Choro q quebrarao Com o Rayo e puzeraosselhe Redes novas».

Fr. Marceliano da Ascensão, ob. cit., pág. 585.

⁹¹ A.D.B., Conv. e Most., C. S. B., Tib., Liv. das Obr., n.º 463, pág. 65. «Dei p.^a as grades do Choro Seis centos mil rs ... 600.000». Igualmente foram colocadas no «arco da Capella mor cruzeiro, e seis capellas» (Cfr. A. D. B., Conv. e Most., C. S. B., Tib., Liv. do Depósito, n.º 593, pág. 113 v. n/n; A. D. B., Conv. e Most., C. S. B. n.º 112, Tib., E. 1758, págs. n/n.

⁹² A. D. B., Conv. e Most., C. S. B., Tib., Liv. das Obras, n.º 470.

A.D.B., N.T., Tib. Liv. n.º 82, págs. 80v.-82v. e Liv. n.º 58, págs. 166v.-167v. «...grades de tres capelas, comunhão, pulpito per preço e coantia de hum Conto E Coatro Sentos mil Reis ... pagos em tres pagamentos...» e com a obrigatoriedade de as assentarem até ao S. Miguel de Setembro de 1756.

⁹³ A. D. B., N. T. T., Livro n.º 85, pág. 166 v. Cfr. Apêndice. Foram estes os mestres, que executaram a obra das grades da Igreja e Coro. Pelo verão de 1757 corriam já contas sobre a empreitada das grades da Igreja e capelas.

«Dey aos M.^{es} q.^e tomarão a obra das grades da Capella mor e mais Capellas dos primeiros dous pagam. ^{tos} nove c. ^{tos} mil reis ... 900.000».

...Dey aos M.^{es} q fazem as grades de pao preto p.^a a Igreja a conta do Seu ajuste Cem mil reis ... 100.000».

que nelas «se admira não tanto a preciosidade da materia q he boa como o primor do artífice q he excelente»⁹⁴.

Finalmente recebeu o actual oratório, que enquadra a belíssima imagem de Cristo Crucificado em 1759⁹⁵ (Ests. XI e XII). Riscou Fr. José de Santo António Ferreira Vilaça, juntamente com a cabeça dessa imagem. Declara-o no «Livro de Rezam»⁹⁶, que Robert Smith acaba de publicar, analisando-o pormenorizadamente, tal como outras obras do grande escultor beneditino⁹⁷. Nesta altura recebeu outros adornos⁹⁸. O con-

...Dei p.^a hua Charid.^e q se deu ao M^e das grades — Tres mil e duz.^{tos} rs ... 000 3 200

Dei ao mesmo mais por charidad.^e — mil e seis centos rs ... 0001 600».

Dei p.^a as grades da Igr.^a quatro centos mil rs ... 0 400 000.

...Dei mais a conta do ajuste das grades de baixo do Coro vinte e Sinco mil e Seis centos rs ... 025 600».

Dei p.^a as ultimas grades da Igreja ... 072.000» (págs. 53, 59v., 61v., 65, 69 etc).

Numa folha avulsa que anda nos Livros de Deposito, n.º 593 pode ver-se também o seguinte, que nos indica andarem já em projecto as grades, no fim do triénio precedente: «Destes 4.061.782 deixou o R.^{mo} aplicado p.^a as grades do Coro ... 160.000».

⁹⁴ Fr. Tomás de Aquino, ob. cit., págs. 372-373.

⁹⁵ Idem, Livro das Obras n.º 463, págs. 71-74. «Dei ao Aparelhador da obra do S.^{to} Xp.^o do Coro vinte e hum mil e seis centos em que se ajustou ... 21.600».

...Dei a hum aparelhador q concertou a obra do Coro ... 1.800».

... Dei a Matheus Cor.^a alimpador da obra do S.^{to} Xp.^o do Coro de quinze dias e m.^o ... 002.325».

A. D. B., Conv. e Most. C. S. B., n.º 112. Tib. E. 1761, págs. n/n., que refere apenas: «*Consertouse* o Santo Christo do Coro e incarnouse com o seu nicho...».

⁹⁶ A. D. B., Conv. e Most., C.S.B., Tib. n.º 728, págs. n/n. «...oratorio do Choro e Cabeça do S.^{to} Christo...».

⁹⁷ Robert Smith, *Frei José de Santo António Ferreira Vilaça*, cit. vol. I, págs. 100-152; 248-259; vol. n, págs. 356, 522-523. No que diz respeito à imagem, só a cabeça será de Fr. José Vilaça. R. Smith, (*Frei José de Santo António Ferreira Vilaça*, cit. vol. II, pág 583).

⁹⁸ A. D. B., Conv. e Most., C. S. B., Tib., Liv. das Obr. n.º 464, primeiras páginas.

junto era dourado em 1762 durante o generalato de Fr. Bernardo de Jesus Maria José⁹⁹.

Com Frei Manuel dos Serafins (1777-1780) melhorava-se o pavimento das cadeiras do Coro¹⁰⁰.

Os seirões foram várias vezes substituídos ou compostos no decurso do tempo que correu até à década de 1790-1800, o mesmo acontecendo com as esteiras¹⁰¹. Neste período assiste-se às últimas modificações e decorações nesta parte da Igreja.

Principiarão elas com Frei Manuel dos Prazeres (1789-92). Entre Maio de 1789 e Abril de 1790 fazem-se pagamentos ao «M.^e Dourador de Lisboa» António José, por pinturas no coro, retocando na mesma altura algumas «molduras» de painéis¹⁰².

⁹⁹ A. D. B., Conv. e Most., C.S.B., Tib., Liv. das Obras, n.º 464, pág. 10 «Dei p.^a ouro p.^a as Sanefas da Igreja e retabolo do Coro ... 533.200».

A. D. B. Conv. e Most., C. S. B. 112. Tib. E. 1764, págs. n/n., em que refere o douramento do «Nicho do Choro». Talvez o mesmo Ribas, mas é difícil dizê-lo. À altura vários artistas trabalhavam na Abadia.

¹⁰⁰ A. D. B., n.º 113, Tib., E. 1780, pág. 16 v., n/n. «No Choro se concertou, e Solhou o pavimento das Cadeyras de baixo».

¹⁰¹ A. D. B., Conv. e Most., C. S. B., Tib., Liv. das Obr. n.º 465, págs. 52, 55v.; Idem, n.º 467, págs. 5, 64, etc.

A.D.B., Conv. e Most., C. S. B., n.º 112, Tib. E. 1749, pág. 18 v., A. D. B.; Conv. e Most., C.S. B., Tib., Liv. do Dep. n.º 578, pág. 115v.: «Deu para os Seiroens do Choro quatorze mil reis» (1707-1710);

Idem, n.º 583, págs. 73 v.-74 v. — «Deu p.^a huns Ceyroes p.^a o Choro e p.^a a Igr.^a catorze mil e quinhentos rs» (1722-1725).

A. D. B. Conv. e Most., C.S.B., n.º 112, E. 1773, pág. 15 v. n/n. Idem, n.º 113, E. 1792, pág. 13, n/n.

¹⁰² A. D. B., Conv. e Most., C.S.B., Tib., Liv. das Obras, n.º 467, págs. 3-26v.: «Dei ao M.^e António Joze (Dourador de Lisboa) por 34/2 em que pintou o Coro a 240 rs cada dia e a M.^{el} Gomes dos reis — por 23 dias que moeo tintas e ajudou a od. a 120 rs cada dia e a M.^{el} da Costa por 8 dias emque exercitou o m.^{mo} ministério a 120 rs e a Antonio Vr.^a q andou no m.^{mo} coro por 2 dias a 160 rs que tudo soma doze mil trzentos e vinte reis ...12.320».

... Tintas p.^a o Coro e alguns paineis Por hua quarta de Azougue 250 rs por hua baçoura de piaçá 35 rs por meio Arratel de Agua

O seu sucessor, Frei Manuel Caetano do Loreto, prosseguiu os melhoramentos: soalhou-se então «o pavim.^{to} das Cadeiras altas do Coro e se puzerão escarradores no reverso das cadeiras do andar de baixo p.^a limpeza e asseio do mesmo coro» colocando-se ainda no mesmo «quatro ceiros por sima dos q cobrem o pavim.^{to} p.^a nelles se escarrar, e comodam.^{te} se lavarem todas as vezes q for necessario»¹⁰³.

Foi neste generalato, exactamente em 1793, que o coro recebeu a grande sanefa do risco de Frei José de Santo António Vilaça, em correspondência com a do arco cruzeiro da Igreja¹⁰⁴.

Numa talha sóbria percorre todo o pano de fundo da parede do poente, entre o tecto e os três óculos superiores dos janelões, acompanhando as linhas ovoadas dos mesmos.

Executou-a o «M.^e Luiz joze de Sousa de S.^{to} Thirso, conforme o contrato, e ajuste»¹⁰⁵, mas antes de ser assente teve de ser modificada e corrigida, tendo vindo a Tibães um «M.^e Aparelhador ... emmendar os erros da Saneffa do Coro» e o autor do risco «Fr. Joze de St.^o Ant.^o do Couto p.^a aestir ao Concerto» da mesma sanefa¹⁰⁶. Iniciava-se o douramento e pintura «dos baixos fingindo pedra»¹⁰⁷, depois

forte 400 rs por hua quarta de Azougue 240 rs por meio Arratel de Colla de pasta 60 rs ...».

A. D. B., Conv. e Most. C. S. B., n.º 112., Tib., E. 1792, págs. n/n., refere as obras supra: «Pintarãose as Cadeiras do Coro e se retocou a parte das molduras dos quadros».

Este mestre lisboeta continuou, na Abadia posteriormente, executando outras obras. Ofr. Liv. das Obras, n.º 467, eit. págs. 25-26v. etc.

¹⁰³ A.D.B., Conv. e Most, C. S. B., n.º 113, Tib., E. 1795, págs n/n. A. D. B., Conv. e Most., C. S. B., Tib., Liv. das Obr. n.º 467, pág. 64.

¹⁰⁴ Cujá análise, Robert Smith, faz ao estudar as obras deste escultor. Cfr. *Frei José de Santo António Ferreira Vilaça*, cit., vol. I, pág. 280; vol. II, 355, 502-511.

Cadeiras de Portugal, cit., pág. 45 e notas.

¹⁰⁵ A. D. B., Conv. e Most., C. S. B., Tib., Liv. das Obr., n.º 467, pág. 46.

¹⁰⁶ idem, n.º 467, págs. 52-52 v.

¹⁰⁷ A. D. B., Conv. e Most., C. S. B., n.º 113, Tib., E. 1795, págs. n/n.

do mês de Outubro desse mesmo ano. Encarregou-se destes últimos preparativos o mesmo «M.^e de L.x.^a Antonio Joze»¹⁰⁸.

A decoração do conjunto, condizendo com os cortinados laterais dos painéis, foi completada com «hua cortina de algudom tingida de vermelho q cobre todas as frestas»¹⁰⁹ na qual se gastou «Setenta e Seis varas e m.^a de algodão» e «trinta e Seis varas de galam ... quatro duzias de argolas ... honze varas de nastro ... nove oitavas e m.^a de Retroz ...»¹¹⁰.

Assim permaneceu a fisionomia do coro até ao tempo de Fr. Manuel de Santa Rita (1798-1801), em cujo triénio se levantou o lageamento de mármore do coro e se substituiu por um de madeira, para o qual se fez a aquisição de novos «Ceiros». Na sacristia, «se ascntou o Lageado de Marmore q sahio do Coro»¹¹¹.

A estrutura manteve-se até aos nossos dias, tendo desaparecido parte do recheio que facilmente podia ser arrancado, incluindo «humal.^a p.^a alumiar a Porta do Coro» ali colocada no triénio de 1801 a 1804, no generalato de Fr. José de Santa Rosa Vasconcelos¹¹².

Já que nos foi possível observar todos os arranjos feitos no coro, desde a colocação do cadeiral — a parte mais imponente que ali resta¹¹³ e assistir a todas as alterações ali incluídas, observêmo-lo rapidamente, apontando alguns pormenores de estilo.

A riquíssima iconografia do coro, incomparável com quantos conhecemos, acha-se referenciada em dois quadros

¹⁰⁸ A. D. B., Conv. e Most., C. S. B., Tib., Liv. das Obr., 467, pág. 53 v. E natural, que as pinturas dos tranqueiros e lintéis das portas, e os frisos que correm entre a base dos painéis e o espaldar recebessem as ornamentações de motivos vegetais e os fingimentos de mármore, de tonalidade rósea.

¹⁰⁹ A. D. B., Conv. e Most., CS. B., 113-, Tib., E. 1795, págs. n/n.

¹¹⁰ Idem, Liv. das Obras 467, pág. 55.

Robert Smith faz transcrição pormenorizada dos outros gastos efectuados. *Frei José de Santo António Ferreira Vilaça*, cit., vol. 33, págs. 511.

¹¹¹ Idem, Liv. das Obras, n.º 468, pág. 52.

A. D. B., Conv. e Most., C. S. B., 113, Tib., E. 1801, págs. n/n.

¹¹² Idem, Livro das Obras, n.º 468, pág. 52.

¹¹³ Ameaçando também ruína. O espaldar onde estão incrustados os belíssimos painéis, começam a despregar-se das paredes.

de madeira de moldura lisa, aludindo, um, às figuras do primeiro Coro, outro, às do segundo. Hoje estão para ali, na estante central do coro, um, quase desfeito e já de leitura muito difícil, visto que lhe caiu bastante tinta; outro bastante comido pelo sol. É provável que cada um pendesse, algures, de cada lado do Coro a que diz respeito.

O melhor conservado é o que traz o «Index das Figuras do Primeiro Choro»; o outro — o do «[Seg]vndo Choro» é o que se encontra muito danificado e quase ilegível, tal como as figuras a que alude, desbotadas pelo sol, que deteriorou, também, os oito grandes quadros que sobrepujam toda a composição. A identificação pelo letreiro da pequena peanha em que cada figura assenta, torna-se, por isso, impraticável na maior parte dos casos.

A descrição que de todo o conjunto faremos será antecedida dessa indicação das tábuas até onde foi possível fazer a sua leitura.

«INDEX DAS FIGVRAS DO PRIMEIRO CHORO»

N. P. S. Bento acompanhado com 2 Anjos Foy o primeiro inventor do Rosario da Virgem Accrecentou cm o Officio divino o Deus inadiutorium meum etc. tambe inuetou a Cõpleta. Ordenou que no principio das horas se diga Gloria Patri et Filio etc. nas matinas o hygmno Te Deum Laudamus etc.

O Patriarca de ar jovem e vigoroso, de rosto cheio de viço de barba farta e encaracolada, senta-se num cadeirão com espaldar, presidindo com solenidade a todo o coro (Ests. XIII e XIII-A).

Os panejamentos das mangas do hábito conventual são amplos desdobrando-se em duas grandes pregas. Abrem-se na linha ininterrupta da oval do ombro. A mão direita, primorosamente trabalhada, chegando ao pormenor da rugosidade das veias, pousa com naturalidade no braço direito do cadeirão. A outra, segura, sobre o braço esquerdo do cadeirão, um quadro (liso, sem moldura, como todos os outros, aliás), representando a Virgem com o Menino, metidos dentro de uma coroa oval de rosas. O panejamento desta manga cai com naturalidade por detrás do quadro, mostrando ainda um belíssimo estufado a preto e ouro. Sobre os ombros cheios e lisos, uma romeira levemente pregueada nas extremidades.

A cintura é cheia, sem elegância e as linhas do pregueado mostram ali certa confusão, perdendo naturalidade ao mudar de direcção. Cai, depois, num jeito ligeiramente oblíquo, de belo efeito, levado pelos pés. O esquerdo mostra a bica do sapato sob o vestido, e o direito adivinha-se com

certa naturalidade sob as pregas do vestido que partem ao tocar o solo flectindo as franjas no sentido oblíquo inverso. Os joelhos entumescem demasiado, engrossando a composição, e são demasiado baixos em relação às proporções da figura — característica esta — como outras — que se repete nas restantes composições.

Cabeça talvez um pouco volumosa, cheia. Nariz direito, bem implantado, e afilado, prolongando-se em arcadas supraciliares arredondadas que sugerem o arregalar da vista. Testa ampla, lisa, ao gosto dos santos beneditinos com madeixa ao topo da testa. Lábios finos numa boca rasgada com gosto, mas pequena. A barba grisalha cai com abundância sobre as rugas do capus à volta do pescoço. Orelhas demasiadamente baixas implantadas perto do pescoço atarracando um pouco o rosto. Cerca a cabeça um resplendor de raios de fogo sobre um fundo avermelhado. Ladeiam este painel central do Patriarca dois «quartelões» constituídos por meios corpos de anjos (um de cada lado) que levantam os braços segurando capitéis compósios, sugerindo cariátides. (Por cima corre o entablamento). O tratamento da parte superior do corpo é imperfeito, mas típico e o mesmo jeito repete-se nas pequeninas composições da capela de S. Gertrudes e do altar-mor. Essa deformação é mais visível nos braços que se levantam. O rosto é cheio, com um queixo pequenino, nédio e redondo. A boca é pequena e lábios ligeiramente sensuais; nariz afiado mas também carnudo. As madeixas do cabelo caem com alinhio rodeando o rosto e tornando-o cheio. A cinta grossa, sem finura e sem elegância, veste-se de folha de acanto invertida, formando quase simetria com o capitel. Prolonga-se para a parte inferior por três correados largos e geométricos que se desprendem do fuste e cujo pé se perde em folhagem de acanto elegante, que sobe da base do plinto.

Tal gosto e composição repete-se em todos os demais quartelões, em toda a volta do coro, separando os painéis, aos pares —excepto os que ladeiam as portas— em que voltam a ser individuais. Estes quartelões separam S. Bento de dois meios painéis representando dois anjos: o do lado direito, segura a mitra sobre a sua anca esquerda; o do lado oposto segura, sobre o seu lado direito, o báculo. O tra-

tamento dos panejamentos é diferente e foge à verticalidade das outras figuras. Bastante natural na parte inferior. As pernas são pequenas, atarracando a figura. A fisionomia é semelhante às representadas nos quartelões, mas talvez, mais rechunchudas e joviais, não obstante o pescoço grosso. Nota-se o mesmo gosto no apartar dos cabelos curtos.

Sobre este entablamento do painel do centro avultam os rostos de dois sátiros: bochechas espalmadas, nariz boga-lhudo, olhos arregalados, testa franzida com o cabelo em folha de acanto espalmada, donde sai um colunelo, com motivos geométricos terminando em bolas decoradas com três folhas de acanto abertas.

Na parte inferior da composição, há um friso (que corre a todo o circuito do coro). A decoração do acanto parte do centro enrolando-se em volutas, de baixo volume, sobre um fundo liso, muito característico. As volutas do exterior circundam duas cabecitas de anjo, olhando o centro. O acanto mistura-se com estilizações geométricas. Esta cabeça de anjo que se repete nestes frisos e nos entablamentos, com pequenas alterações, é uma das marcas características do autor: a maneira como lhe abre a boca, pequena, às vezes carnuda e sensual a que os lábios entumecidos vêm dar mais calor; o gosto como lhe ilumina os olhos, o geito como lhe aparta os cabelos, sempre alinhados, de madeixa enrolada sobre a testa (quase sempre sobre o lado esquerdo) e a maneira, também inconfundível, como segura a cabeça aos fundos, com o pescoço bem visível e atirado para a frente. Esta particularidade é mais visível no friso do entablamento superior dos anjos que ladeiam o Patriarca.

A mistura do elemento geométrico, bem patente no coro, altar-mor e S. Gertrudes, nota-se bem aqui e o friso inferior dos meios painéis dos anjos e dos quartelões que se lhe seguem, documentam-no. Aqui um correado geométrico, desdobra-se, às vezes, em volutas, rodeando uma medalha redonda, em cujo centro se espalma a folha de acanto.

O quartelão seguinte é constituído por um par de jovens, vigorosos, de braços dados; sem naturalidade nos seus meios, corpos. Pescoço grosso, cara quadrada ar parado, usando bigodes. Entre a cinta, de folhas de acanto invertidas, e as mísulas da base, corre uma decoração geométrica

em «88» com o campo dos correados em ovulados, mostrando no círculo interior pontas de folha de acanto. Isto repete-se nos restantes do coro. Estes quartelões prolongam-se para além da cornija superior em fustes de pilastra lavrados de motivos geométricos sobre que pousam pares de jarras, de bojo decorado também com motivos geométricos, e florindo em ramos de folha de acanto.

Estabelecem a ligação entre os frontões abertos que encimam os painéis em todo o coro.

- 1 — «N. P. 8. GREGORIO MAGNO. Inventou o Canto chão a q chamão Gregoriano. Accrecentou Ora Pro Nobis Deum na Antífona Regina Coeli lae[ta]re[etc.] Compôs a maior parte das Cerimonias da Missa. A adoração da Cruz na sesta feyra da Payxão. O Laua pes na Quinta feyra. A cerimonia da Cinza em a primeira quarta feira da Quaresma. As Procíssões, as Ladainhas & outras muitas ceremonias pera ornato & fermosura da Igreja».

Figura interessante, esta de S. Gregório. O rosto é mais cheio, mais nédio; lábios mais carnudos, embora se note o mesmo gosto no modo de implantar o nariz e de desenhar as arcadas supraciliares, sendo inconfundível o modo como lhe avulta o queixo e até as maçãs do rosto, que se repete em quase todas as figuras.

O pregueado do hábito é muito agradável dividido com gosto em dois campos assimétricos marcados pelo avanço, sob os panos, do pé direito apenas se divisando a bica sobre a peanha. Retira-lhe elegância a dobra do joelho demasiado baixa, mas que caracteriza por igual todas as figuras. Mitra redonda, bastante enterrada na cabeça.

A mão direita segura sobre o peito um quadro mostrando na parte inferior uma pauta de música do canto-chão. No resto do campo (superior) uma virgem de braços cruzados sobre o peito e um altar com um sacerdote oficiando. A mão esquerda, levantada com elegância à altura do ombro do mesmo lado, segurava o báculo, que hoje desapareceu.

2 —*VRBANO II. Inuentou o Officio menor de N. Senhora & acrecentou em o seu Prefacio Et in venerationem B. Mariae &tc.*

Em tudo parecido à figura anterior. Rosto menos venerável; cabelo mais farto sob a mitra redonda. Panejamento muito agradável e mais natural que o da outra figura. O joelho direito percebe-se avultando a ponta do mesmo pé por debaixo do hábito que parte sobre a peanha, como o precedente. A mão direita segura à altura da cinta o báculo (hoje desaparecido). A mão esquerda segura contra o corpo um livro aberto onde se implanta a Virgem coroada.

As duas figuras usam capa de *Asperges* lisas sobre os ombros, panejando a de S. Gregório, com pouca naturalidade. Está estufada a azul claro e ouro e a de Urbano II, a vermelho e ouro. As duas são bordadas a pérolas.

No friso inferior enrola-se a folha de acanto em voluta, sobre um campo liso, bem visível, pousando pássaros nas volutas das extremidades (Est. VIII. Fig. 27). Ao centro, duas cabeças de sátiros donde irradia toda a composição e que sugerem imediatamente a decoração dos panos laterais das cadeiras do coro, e a composição dos frisos do primeiro andar do altar-mor, hoje em S. Romão do Neiva. Por cima os mesmos enrolados de acanto, partindo de um jarro central. Sobre a cornija, um frontão aberto cujos lados se enrolam em volutas. No campo interior espalma-se, bastante entumescido num fundo liso, uma folha de acanto partindo do botão central redondo.

Fazendo transição para o painel seguinte, um par de cariátides de braço dado (Est. XIX. Fig. 29). Os braços livres seguram à altura da cinta um açafate de fruta — composição interessante que se repete no altar-mor —. Cruzando o peito duas faixas de pano em diagonal que se atam em laçarotes sobre os ombros.

3 —*VRBANO. IIII. Instituiu a festa do Corpus Christi.*

Mitra redonda. Rosto característico, parecendo arregalar um pouco o sobrolho, de olhar longínquo, **franzindo uma** testa baixa. O lado direito do hábito é pregueado como tubos

de clarim; o lado esquerdo, quase liso, é arrastado para a frente pelo pé que desta vez se avantajava mostrando a bica da bota (Est. XIV. Fig. 21). A mão direita segura uma custódia cujo óculo quadrado é rodeado de folha de acanto. A esquerda, descendo sobre o quadril, agarra o báculo, em diagonal, hoje só com a parte intermédia do fuste. Capa lisa sobre o hábito de mangas abundantes, estufado a castanho-escuro e ouro em fitas horizontais.

4 — *S.ª IVLIANA. a quem foy primeiro reuelada a dita festa em hua Lua imperfeita.*

Hábito da Santa, poderemos dizer, primorosamente pregueado. O corpo volta-se com certa naturalidade sobre o lado esquerdo com as mãos dirigidas para o alto, apontando uma meia Lua, onde aparece, de perfil, um rosto emitindo raios de fogo por entre flocos de nuvens (Est. XIV. Fig. 21). Naturalidade no panejamento das mangas largas o mesmo se diga do pé direito que sai levemente, com elegância, da linha do corpo adivinhando-se por debaixo da túnica.

O rosto bastante entumecido não foge à linha normal dos outros na sua expressão de feminilidade. Boca pequena num rosto jovem, cujo olhar fita, no alto, a meia Lua.

No friso inferior o acanto parte de uma cara de anjo que sugere, por vários motivos, os de altar-mor e de Santa Gertrudes. O pescoço avança do fundo num jeito muito peculiar. O cabelo aparta-se com o mesmo gosto. Sobre as asas abertas traçam-se faixas de pano, fechando sobre o peito. Sob o rosto, uma pequena romã e duas perinhas que duas avezinhas debicam. Junto, um gaipo de uvas que mais parece um tufo de grãos.

No campo do frontão superior, um cacho de uvas, e duas peras sobre os pés das folhas do acanto que se espalmam para as extremidades e onde se desenham, quase perdidas, mais duas peras.

- 5— *O CARDIAL GVIDO. Ordenou que quando se leuantase a hóstia na Missa se tocasse hua Campainha que tambem a fossem tangendo diante do Senhor quando o [leu]ão aos enfermos.*

Cardeal jovem de rosto fino. As orelhas implantam-se bastante baixo, parecendo agarrar-se ao pescoço. As mãos seguram um quadro com uma sineta e um padre rezando missa. Ao fundo, uma figura de penitente. Chapéu de cardeal, amplo e bastante enterrado na cabeça com um cordão de ouro que lhe cai sobre o peito e sobre uma romeira quase lisa e estufada a vermelho; batina a castanho-escuro e ouro. Sobrepeliz dourada e alaranjada. No friso inferior há ao centro a mesma cabeça de anjo. Aos lados, no meio dos cordames enrolados do acanto, as duas caras de sátiros tão características, pretendendo imitar as grandes e de cujas bocas saem as volutas de acanto, florindo em novas folhas. No frontão espalma-se a folhagem entumecida do acanto.

Dividindo os dois panos da parede Poente e Sul, e fazendo ângulo, o mesmo cartelão com os meios corpos de meninas, mas agora, por virtude do ângulo, quase afrontadas.

- 6— *S. ODDO ABB. Ordenou o officio de S. Martinho & compos o hymno da Magdalena Lauda Mater Eccle-sía etc. Foy muito zeloso de que o officio diuino se fizesse no Choro com muita perfeiçam.*

Fisionomia ao mesmo gosto; com mitra triangular bastante pesada, que não chega para ofuscar umas orelhas um pouco desproporcionadas. O tratamento dos panejamentos é bom, dentro da verticalidade. As duas mãos seguram à cinta, do lado esquerdo, o quadro com a conhecida composição de S. Martinho. A direita aperta contra o corpo o grande báculo que atravessa em diagonal toda a figura.

O rebordo da túnica, quebrando sobre a peanha, deixa aparecer o pé direito. Cobre-o uma capa ampla e quase lisa, estufada a branco e ouro sobre o hábito a castanho-escuro e dourado.

No friso inferior, uma decoração geométrica rodeia um diamante encrustado numa caixa rectangular, seguindo-se os habituais enrolados de acanto. No superior pode notar-se, ao centro, a mesma cara de anjo.

No campo do frontão o acanto simples de quatro folhas espalmadas rodeando o centro, donde partem para os cantos livres dois caules florindo no fundo liso do frontão.

Quartelão com meios corpos de meninas.

7 — *S. LEÃO IV. Inuentou a Octaua da festa da Assumpção de Nossa senhora.*

Figura em tudo muito semelhante à anterior no rosto. Mitra bastante enterrada na cabeça. O tratamento das orelhas é também muito semelhante, bem como o das mãos. A direita agarra o fuste do báculo, (donde já desapareceu o castão) (Est. XV). A direita sustenta, à altura do peito, um quadro com a Assunção rodeada de seis anjos tendo outro aos pés. Os panejamentos caem verticais, descansando o pé direito que mostra a bica da bota. Estufado a castanho-escuro e ouro, com capa em azul-claro e ouro sobre os ombros.

8 — *S. ANSELMO. Arcebispo Cantuariense. Foy o inuentor da festa da Puríssima Conceição da May de Deos.*

Fisionomia mais fina que a do seu comparsa, faz com ele um todo simétrico marcado nos quadros e nos báculos. Mitra grande e triangular na cabeça. Panejamento é abundante, vertical, fugindo no sentido do pé direito, que avulta por sob a túnica cruzando toda a figura, em diagonal, um grande báculo, que o braço aperta contra o corpo. As mãos seguram, sobre a cinta do lado direito, um quadro com a Virgem coroada de rozas e compridas tranças, calcando um imenso dragão que se contorce, raivoso, por cima de um arco de lua.

A capa, lisa, sobre os ombros, impressiona bem nos panejamentos das extremidades. É estufada a vermelho e ouro, por sobre o castanho-escuro e o ouro da túnica.

No friso inferior um pássaro central rege toda a composição com enrolados de acanto.

No frontão, sobre as folhas de acanto, assenta uma romã estourada, mostrando o greiro, e donde irradiam, também, dois ramos com uvas.

No quartelão seguinte há os dois meios corpos-cariátides de bigode e pera; cara entumecida; cabelos amplos. Os braços livres seguram um grande pássaro, sem movimento e sem vida. No plinto do friso inferior há um diamante encastado rodeado de composição geométrica, já nossa conhecida.

9 — *INNOCENCIO IV. Ordenou a festa da Natiuidade da Senhora.*

Mitra redonda sobre um rosto mais redondo que o anterior. Panejamentos verticais sob os quais avança o pé direito que avulta, com mais decisão, sob a túnica. A mão direita sustenta, sobre a cinta do mesmo lado, um quadro com meio corpo da Virgem emergindo da composição de acanto. A esquerda segura o báculo (sem castão), que quase atravessa em diagonal toda a figura. Capa lisa, sem prega, hirta, estufada em azul-celeste e ouro por sobre o castanho e o ouro do hábito.

10 — *PAULO DIACONO. Compôs o hymno do Baptista; Vt [— queant laris resonare fibris [...]¹¹⁴ o nosso Guido Aretino achou as seis Syllabas, Vt, Re, Mi, Fa, Sol, La, sobre as quais se compôs o dito hymno.*

Para nós uma das mais belas figuras do coro. Ligeiramente mais franzino, ganha elegância na atitude do corpo e do rosto. Cabeça descoberta, madeixa sobre a testa, rosto fino ligeiramente quadrangular, baixando o olhar. O corpo meneia-se sobre o lado esquerdo. Panejamento das mangas

¹¹⁴ «Ut queant laris resonare fibris: mira gestorum famuli tuorum: solue polluti labii reatum: Sancte Joannes».

amplas bem tratado, tal como o resto do hábito, e irradiando ligeiramente da cinta. Sobre a peanha adivinham-se os dois pés em atitude firme e decidida, numa impressão sadia de movimento, no que se avanta às outras figuras. As mãos seguram, à altura da cinta, do lado esquerdo, sobre que pende todo o corpo, um quadro com a composição do Baptista. Estufado a castanho-escuro e ouro.

No friso inferior a composição parte de um jarro central rodeado de decoração geométrica que se entrelaça nas folhagens e volutas do acanto. Debicam os acantos do jarro dois passarinhos. No de cima avulta ao centro a cara de anjo.

No campo do frontão aberto o acanto mais viçoso, espalmado sobre o fundo liso. A romã estourada ocupa o centro donde partem duas pequenas abóboras que descansam sobre o acanto e duas mais volumosas que se estendem indo ocupar os lugares livres dos cantos vazios do frontão.

No quartelão seguinte repete-se a composição habitual. Rostos mais jovens, lisos, mais arredondados de meninas com cabelo liso caindo sobre as costas. Dão um braço e o outro segura uma cartea rectangular (que devia ter qualquer inscrição) rodeado de correados geométricos.

11 — *S. ILDEFONSO ARCEB. Foy o inuentor da festa da Expectação a que chamão nossa Senhora do O.*

Rosto venerável, ligeiramente mais anguloso, encimado por uma grande mitra triangular. As orelhas mal se adivinham e ficam implantadas muito abaixo do seu nível normal. Lábios ligeiramente carnudos, nariz afiado, perfeito. Olhos um pouco esbogalhados; queixo pequeno. Panejamentos das mangas amplos, caindo verticalmente como os da túnica, como canas da Índia (Est. XIV. Fig. 23). Os pés adivinham-se com dificuldade : apenas o direito se sente pelos panejamentos que quebram na base. O báculo agarrado pela mão esquerda cruza em diagonal toda a figura, imprimindo alguma sensação de movimento a este corpo bastante parado. A mão direita segura, à altura da cinta, um quadro representando a senhora do Ó. Os braços, porém, cruzam-se sobre o peito. No canto esquerdo do quadro, ao cimo, um .

12 — *EVGENIO III. Presidindo em hum Concilio de Tolledo como Arcebispo inuentou a festa da Anunciação da Virgem Senhora nossa.*

Cabeça descoberta, madeixa sobre a testa e hábito beneditino. Rosto pequeno sobre o redondo, não obstante certos traços de angulosidade. Apresenta, quase espalmada, uma só orelha, — a direita. Boca ligeiramente carnuda. Mais rasgada que a do seu companheiro.

Panejamentos amplos, bem tratados, adiantando o pé direito por sob a túnica (Est. XIV. Fig. 23). Segura do lado direito, sobre a cinta, um quadro com a cena da Anunciação: A Virgem orando de Bíblia aberta na sua frente. Cruzando os céus um anjo rodeado de nuvens e lançando raios que atingem a Virgem. Estufados a castanho-escuro e ouro.

D friso inferior é dominado por um meio corpo de anjo, ao centro, braços levantados sobre os ombros segurando os enrolados de acanto. Cinta revestida de folhagens, donde partem os cordões de acanto, onde, na parte intermédia, pousam dois pássaros de torso voltado. A voluta da extremidade enquadra duas cabeças de anjos, olhando o centro, muito características: asas fechadas e cruzadas em triângulo sobre o peito.

Esta composição (anjo central), sugere-nos analogias com os da capeia de Santa Gertrudes e com os do altar-mor.

No campo do frontão, três romãs verdes e duas peras sobre duplas folhagens de acanto, que se espalmam, entumecidas, sobre os fundos lisos. O quartelão seguinte, serve de quadramento à porta da entrada. Tal como o seu congénere do lado oposto, são em tudo semelhantes aos que enquadram o painel central do Patriarca S. Bento. Apresentam a mais o bigode, num rosto mais fino, mais pequeno e redondo e descansam as mãos sobre as cintas de acanto.

Sobre o lintel da porta de entrada, pintado fingindo mármore, corre um friso que é a continuação do que sobrepuja todos os painéis. Há a notar a cabeça de anjo ao centro, que se despreza do fundo, num gosto muito próprio.

No campo do frontão aberto há uma carteia em que se vê o ano do primeiro douramento do coro «*DOUROVSE NO ANNO DE MIL 1706*». Rodeia-a uma decoração de correa-

dos geométricos, saindo dela, para os ângulos do frontão, uma folha de lis estilizada, abrindo por entre correados geométricos.

Sobre o fecho da carteira pousa lma coruja que igualmente se repete, algures, no altar-mor (S. Romão do Neiva).

Do outro lado da porta, e depois do quartelão, igual ao anterior, abre-se o último painel do primeiro coro.

- 13 — *VSVARDO. A este nssso mōge se deue o Martyrologio que se diz no Choro depois da Prima do Officio diuino. Tambem se attribuem a o nosso Venerauel Beda & a Adon.*

Cabeça de monge beneditino numa cara jovem e um pouco afilada com olhos bastante esbogalhados; as orelhas estão melhor implantadas. O tratamento das vestes é conhecido. Sustenta com as duas mãos, sobre a cinta, um livro aberto. O pé direito avantajase bastante em relação ao outro por sob uma túnica estufada a castanho-escuro e ouro.

- 14 — *GREGORIO IX. Monge Camaldulense ordenou o costume de tocarem o Sino às Aue Marias em, as Igreías depois de posto o sol.*

Panejamentos muito idênticos aos dos anteriores, com mangas amplas muito bem tratadas. Mão direita denotando bom trabalho. O pé direito surge sob a túnica e nele pousa o pé do báculo que dali, em diagonal, cruza toda a figura animando-a, agarrado pela mão esquerda. A mão direita sustenta um quadro onde figura uma igreja com uma torre sineira. Capa de *asperges* estufada a vermelho e ouro e bordada a pérolas.

No friso inferior avulta ao centro uma medalha redonda cujo campo interior é coberto de pontas de folha de acanto (há semelhanças com outras de S. Gertrudes e do altar-mor), rodeada de uma bela decoração geométrica muito característica e misturando-se com os motivos vegetais do acanto, onde parece haver maior relevo, e terminada em ponta de

folha de lis estilizada. Maior curiosidade ainda é o facto de os enrolados do acanto florirem nas extremidades em novas folhagens, o que se pode igualmente observar nas outras composições. Nestas últimas volutas há pequenas aves. O mesmo se repete nos frisos laterais que servem de base aos quartelões.

No frontão espalma-se a folha do acanto, indo preencher os lugares vazios das extremidades dois pares de pequenas abóboras de gomos bem marcados e flores da mesma planta.

No último quartelão as duas figuras nossas conhecidas, de braço dado; as mãos exteriores agarram uma faixa de pano que na parte intermédia mostra uma pequena romã.

O quadro com o índice das figuras que temos vindo a seguir, uma vez que a leitura das peanhas já não nos diz quase nada, termina deste modo:

Q^{ve} Nosso Patriarcha Sam Bento fosse o primeiro Instituidor da devoção do Rosário da Virgem affirma o Beato Alano de Rupe da Ordem do Glorioso P. S. Domingos. p. 2 Apoc. C.2 et 4 & p.I. C. (?) Tambem o refere o nosso Bucelino em o seu Maniologio e outros em 8 deJunho

Tudo o mais que os nosso monges / que neste Choro se uem / obráram em seruiço da Igreja como mostram em Suas Insígnias he tirado de Tritémio, Amoldo, Yepes, Ilhescas, Alonso de Sancto Victore, Bucelino, N. R.^{mo} P. M. Fr. Leão na sua Benedictina, e outros

Por mandado de Nosso Reverendíssimo Padre Geral Fr. Bento da Gloria. Em cujo trienio se fez a obra deste Choro. Anno mil Seis centos e sessenta e sette.

[INDEX DA]S FIGURA [S DO SEG]VND0 CHORO

[1 — *GREGORI]0 IV. Campos o Officio e ordenou a festa de todos os Santos [mandando que se reali]zase em o primeiro dia de Nouembro.*

É a primeira figura após o quartelão que ladeia o anjo que segura o báculo do Patriarca S. Bento (Est. XVI).

Tratamento semelhante de rosto. Mitra redonda, bastante enterrada na cabeça, mostrando uma testa baixa. As orelhas, também baixas, são bastante espalmadas.

Os panejamentos são verticais caindo sobre as botas onde avulta o pé esquerdo que traz consigo a túnica, sob que se sente um joelho grosso e baixo. As mangas são menos amplas. Segura, sobre a anca esquerda, um quadro com vários santos a que preside S. Pedro com as chaves na mão. Ostenta capa estufada a ouro e vermelho, e no interior um estufado minucioso em azul-claro.

[2 — *S. ODIL] IO ABBAE. In[uentou a festa] das almas dos fieis defunctos, que se ce[lebra em o segundo d/m de Nouembro].*

Mitra triangular sobre um rosto ligeiramente carnudo.

A mão direita sustentando contra o peito uma caveira agarra um grande báculo que cruza em diagonal quase toda a figura encastoando em acanto e volutas geométricas.

Panejamentos do vestido regulares, mormente do lado direito, caindo como tubos de clarim. Mangas muito amplas pendendo com naturalidade. Por sob a túnica, que se enrug

sobre a face da peanha, avulta o pé esquerdo bastante avançado que se vem adivinhando já desde o joelho que tal como na figura anterior, é grosso e localizado muito abaixo da sua posição normal retirando elegância à composição. Nos frisos, frontões e quartelões, repetem-se, em rigorosa simetria, as composições correspondentes de lado oposto, isto é, do primeiro Coro.

3 — S. THEODU [LFO B] ISP. [Campos o] hym[no] V'exila
Regis [e também\ fez o hymno Gloria &tc et honor [que
se canta] em a Dominga de Ramos.

Rosto carnudo, nédio, viçoso e jovem, sendo de salientar o queixo e maçãs de rosto, com testa e sobrelho ligeiramente franzidos e um nariz impecavelmente modelado. Mitra triangular, bastante elegante, estufada a azul, vermelho e ouro.

Os panejamentos parecem menos perfeitos, mormente os das mangas, mas o seu traçado ligeiramente oblíquo dá-lhe uma sensação de movimento agradável, contrabalançando a sobrecarga da figura: a mão direita sustenta um grande quadro com um Cristo Crucificado sobre o Gólgota rodeado pelos instrumentos de suplício: martelo lança, esponja, dardo e chicote de pontas. A mão esquerda sustém, com dificuldade, um livro aberto. O báculo cai na vertical. O joelho esquerdo, rebolado, entumece os panos. A bota do mesmo pé aparece sob os vestido. Ostenta sobre os ombros uma capa quase lisa.

4 — N. P. S. BERN[AR]DO. Acrecentou em a Antífona
Salve Regina, aquellas pal[auras] O Clemens. Opía [O
Dulcis Vir] g [o Mari]e [?].

Figura venerável esta, tal como as primeiras três do segundo coro, todas aliás muito idênticas no quadrado nédio do rosto, na pequena boca, esboçando leve sorriso, como sucede neste S. Bernardo. Pescoço cheio, tronco volumoso sob os panejamentos dos hábitos, muito regulares. Apenas avulta a ponta do pé esquerdo. As mãos seguram, à frente, à altura

da cinta, um quadro, mostrando sobre um altar uma Senhora de mãos erguidas sobre o peito. A mão direita aperta ainda contra o corpo o grande báculo. Na cabeça, mitra triangular um pouco enterrada, larga e menos elegante que a anterior estufada a vermelho e preto.

[5— MIGUEL FIORENTINO(?)] Monge Cam [aldulense] in[u]entor da Coro[a] de Christo a que cha[ma]mos ...

Frade jovem. Boca pequena, jovial, olhos um pouco arregalados com testa ligeiramente franzida. Orelhas um pouco abaixo da sua situação normal. Sobre o seu lado esquerdo mostra um quadro pregado num bastão rematado a folhas de acanto onde se pode ler, metida num rozário de contas a sigla IHS. Túnica belamente panejada, onde se adivinha o joelho entumecendo a túnica.

[6 — HE]RMANO CONTRACTO. *Compos a antiffona Salve Regina &tc. & tambem Alma [Redempto]ris Mater &tc e o hymõ Quem... & ao q fez a Sol[...]* *Bera Arceb. de Tol[ledo]*.

Ocupa o primeiro painel da parede Norte (Est. XVII). Rosto de monge de cabeça descoberta, com a testa ligeiramente franzida e olhos um pouco abertos. Mau tratamento das mãos, mormente a esquerda. Segura sobre a cinta do lado esquerdo a estampa da Senhora como o Menino ao colo. Panejamento agradável, mesmo o das mangas amplas. Joelho esquerdo saliente, que não quebra a sensação de um figura parada, agarrada à peanha. Ostenta ainda um belo estufado a cas-tanho-escuro e ouro.

7 — GILBERTO BISPO. *Foy o i[n]uentor do* *Relogio [de Sol...]. Depois foy Papa chamado Silvestre 2.º.*

O rosto, tal como o dos que se lhe seguem, apresenta feições mais finas, mais redondos que quadrados, lábios talvez mais carnudos e, sem dúvida, uma maneira ligeiramente dife-

rente no gosto de iluminar uns olhos maiores. Apresenta apenas a orelha esquerda e bastante desenvolvida.

A mão direita é bem modelada e segura um relógio de sol e o báculo que se prolonga num castão de acanto que não apresenta continuidade com o fuste para se poder acomodar no pequeno espaço no canto superior esquerdo do painel. A mão direita que desapareceu sustentava a miniatura de um órgão, ou melhor, um órgão portátil. O panejamento não foge ao gosto tradicional, o mesmo se dizendo do joelho e pé esquerdos. Cobre-o uma capa lisa estufada a vermelho e ouro e uma mitra pouco elegante por demasiado agarrada ao fundo do painel.

8— *S.[0]VIDO ABBDE. Foy que inuentou a mão de [ca]nto e as seis syllabas co[m] que s[e] aprende & comp[õe] a musica.*

Figura igualmente interessante. Rosto mais fino e pon-teagudo. Boca esboçando sorriso e olhos grandes. De notar a implantação das orelhas que assinala uma das características do autor. Panejamento muito simétrico e regular como tubos de clarim, apenas partindo sobre a peanha. O tratamento da mão direita denota certa dificuldade: arvora uma mão, hoje já danificada, de pouca perfeição. A esquerda agarra um grande báculo que cruza em diagonal toda a figura, única tentativa de animação num conjunto bastante estático. Por sobre o antebraço uma folha pautada com notas do canto-chão.

9— *ALBERICO CARDIAL. Foy que defendeo em Roma a[s opi]niões que havia nos her[eges] contra [a presença de Jesus Christo] no Sa[cra]mento da Eucharístia.*

Rosto mais sobre o quadrado que o seu predecessor, mas bem nutrido sobre um pescoço curto. Chapéu e vestes de cardeal com panejamentos mais volumosos mas muito regulares e simétricos (Est. XVIII. Fig. 26). As mãos sustentam, sobre a lado esquerdo, uma costódia. Batina estufada a preto e ouro; sobrepeliz branca Romeira e chapéu encarnados e dourados.

10—ALCVINO. *Compôs o [Offi]cio da Sanctissima Trindade e do Prothornartyr sancto E[steua]m.*

Cabeça de monge beneditino descoberta (Est. XVIII Fig. 26). Os panejamentos são abundantes e regulares irradiando levemente da cinta para os pés em V invertido. O pé esquerdo apresenta, mais avançado que o outro, a bica da bota. As mãos denotam certa dificuldade de tratamento e seguram, à altura da cinta, sobre o lado direito, um quadro dividido em dois campos: no superior a alegoria da Santíssima Trindade; em baixo, de joelhos, o protomártir S. Estêvão.

11 — HAMULARIO A[...] *Compos o Officio dos [de]fu[nctos] e o Inuitatorio das Domingas q[ue] diz M[...] sit] gere ante lucem &tc.*

Mitra triangular sobre um rosto fino. Túnica bem trabalhada por sob a qual se avanta o pé esquerdo pressentindo-se o joelho mais adiantado e vendo-se, sobre a peanha, a bica do pé. As mãos seguram sobre a cinta um livro aberto com duas caveiras em cima. Por detrás deles, cai na vertical o báculo sobre o pé esquerdo (Est. XVIII. Fig. 26). Capa bem panejada, tocada pelo vento, e entumecida pelo cotovelo direito, estufada a rosa e ouro e no forro a vermelho. A túnica a castanho-escuro e ouro.

12 — O ABB.^E de S. N[ICOLAO] *[Inu]entou a festa d'Apresentação da Sr.^a em o Templo. Não se lhe [acha nome] nos AA.*

Usa mitra episcopal triangular. O rosto ligeiramente mais quadrado que o anterior. Panejamento regular onde o joelho grosso e o pé direito avançam pousando sobre ele um grande báculo que atravessa em diagonal toda a figura, agarrado pela mão esquerda à altura do peito (Est. XVIII. Fig. 26). A mão direita sustém um quadro com a entrada da Senhora numa portada do Templo. Não usa capa. O hábito é estufado a castanho-escuro e ouro.

Sobre a porta (que dá acesso à câmara do órgão e à torre Norte da Igreja) a mesma composição da porta da entrada. Apenas difere na inscrição da carteia: «FESSE DE MADEIRA NO ANNO DE MIL 1667».

13 — S. A[...]*JOSSIO. o qual [...] daua aõ q tinha de rezar cinco Psalmos em honra das cinco letras do Nome de Maria [...] terão cinco rosas em a cara: hua na boca, duas nos olhos & duas nos ouvidos; em cada hua delias estaua escrita hua das letras do nome da Senhora come çando pella rosa dal[...]\ cõ a [... ...] ir M. & todas erão d'ouro.*

Este último painel do segundo coro é preenchido por quatro monges beneditinos rezando sobre o cadáver de um outro, depositado num catafalco (Est. XIX. Fig. 28). Ao lado alumiam, de chama ondulante, velas metidas em castiçais que se desprendem do fundo do painel. O defunto pousa a cabeça numa almofada. Embora deitado, mostra o corpo de frente cruzando os braços sobre a cinta dentro dos amplos panejamentos das mangas do hábito. Os panejamentos não fogem à regra, apartando-se do mesmo modo como se a figura estivesse em pé: em tubos, tensos e horizontais.

Por detrás do catafalco quatro figuras dominadas por uma central que abre os braços em atitude oração e súplica; o da direita cruza os braços sobre o peito em atitude de recolhimento; o da esquerda voltando-se para o centro e juntando as mãos em atitude de oração. Entre este e a figura central, e por detrás dela, avulta a cabeça e o rosto do quarto monge. Os panejamentos impressionam bem e os tecidos partem ou enrugam-se com realismo e bom gosto, vestindo corpos idênticos, de rostos muito parecidos.

Toda a composição de vestes está estufada a castanho--escuro e ouro.

Bela cena esta com que o autor fecha esta galeria de figuras do coro, destinada a impressionar deixando na mente do monge o ideal de uma boa e santa morte sob os auspícios de Maria.

TV do o que neste Index Se refere & estes nossos Sanctos monges mostram em suas Insígnias [he] tirado de Tritemio, Ar[n]oldo, Yepes, Ilhescas, Alonso de Sancto Victore, [Buc]eUno, N. R.^{mo} P. M. Fr. [Leã]o em [a sua] [Bene]dictina lusitana, &tc. Por mandado do N. R.^{mo} P. Geral Fr. Bento da Gloria em cujo trienio se fez este Choro.

Anno de 1667

Como referimos, os quartelões e os frisos e frontões repetem simetricamente os seus congéneres do primeiro coro. Importa notar ainda que por cima dos lintéis das portas corre um friso curioso e típico, que aparece com outro desenvolvimento na capela de Santa Gertrudes (por cima do entablamento das oclunas) e também aparece no entablamento do primeiro andar do altar-mor. Duas fitas de madeira completamente lisas e douradas apenas separadas por uma vara horizontal, ovulada a espaços. Este elemento percorre todo o coro por cima das molduras dos painéis e dos capitéis compósitos dos quartelões. As molduras destes painéis medem, uns pelos outros, 1,5 metros de alto por 98 cm de largura, em cujo campo interior de 91 cmX87 cm se encontram as figuras. Estas medem de alto uns 75 cm, assentes numa peanha que tem de base 35 cm.

Os cadeirais dispõem-se em duas filas em U à volta do coro, apenas interrompidos pela abertura das portas. A inferior dá passagem na parte intermédia, dos dois lados, e inter-rompe-se dos lados da estante da presidência, isolando-a. Esta levanta-se a um plano ligeiramente mais alto, tal como o seu espaldar.

A decoração é simples mas digna de atenção: as faces laterais destas entradas e passagens, acham-se lavradas por uma talha pouco volumosa sobre um campo completamente liso (Est. XX. Fig. 30). As volutas do acanto espalham-se pela superfície plana florindo algumas pontas em novas folhagens, gosto que surpreendemos noutros lados. Geralmente

inicia-se essa composição por uma cara de sátiro de perfil (entradas das portas— cadeiral mais alto) ou de figuras de animais híbridos e aves (entradas— cadeiral mais baixo) (Ests. XXI e XXII, fig. 35). As cordas do acanto saem ou da boca ou da cabeça, como apontámos já noutras zonas do espaldar e no altar-mor. Nos lados das aberturas, a meto do coro, grifos donde irradia a composição. Tal como junto às grades. A cadeira do abade exhibe as armas de Congregação de S. Bento diversamente pintadas sobre um campo liso verde--claro. As passagens ao lado exibem nas folhas macacos por entre os acantos, os outros mostram, hoje, uma tonalidade esbranquiçada, sobre fundo mais escuro — cor de vinho já pálido.

Os braços das cadeiras enrolam-se nas extremidades em volutas e prolongam-se num friso que cobre as folhas de divisão dos diversos assentos decorado com motivos geométricos ovulados. A parte intermédia, mais saliente, desenvolve-se entre duas volutas: a de cima enrolando para o exterior, para a coxia; a de baixo enrola para o interior, prolongando-se no mesmo friso, agora liso. Estas primeiras volutas do corpo intermédio, à altura da misericórdia (quando levantada), ostenta nos cadeiras do andar superior, uma gravação de rostos humanos ou de sátiros muito interessante pelo pormenor e variedade em toda a volta do coro (Ests XXI e XXII, Fig. 34). O mesmo sucede com as do andar inferior: estas, porém, com motivos animais, monstros ou sátiros que bem semelham a permanência de uma temática do românico.

Esta divisão de temas mantém-se na grande variedade de misericórdias. As do andar superior ostentam invariavelmente rostos humanos nas mais variadas expressões. Sendo de notar pelo seu realismo algumas delas (quinta do 2.º coro). As do andar inferior representam monstros ou animais, desde o leão, ao touro, ao cavalo, ao macaco, ao elefante e ao suino. Uma única excepção: a misericórdia da última cadeira do primeiro coro, que apresenta um rosto humano, o mais extraordinário, segundo nos parece, de todo este riquíssimo conjunto — a correspondente do lado oposto foi arrancada. Notável o seu realismo, e seu dramatismo, únicos, salvo uma ou outra excepção, em todo o coro (Est. XX, Figs. 31 e 32).

Através da descrição e do confronto com as estampas poderá o leitor arrancar as características fundamentais desta admirável imaginária, sob que se sente latejar a alma de um artista, nem sempre exímio na arte de modelar o corpo, mas sadia, vigorosa, que nos legou na simplicidade cativante destas figuras um admirável conjunto. Sente-se, por igual, uma certa alegria esfusiante que pretende transmitir à madeira a seiva de uma devoção que não se conseguiu insuflar com tanta profundidade e com tanta maleabilidade ao granito duro da região. Sente-se aqui, claramente, a falta de uma escola que tivesse ensinado ao perfeito deleneamento dos corpos, traçando com segurança e objectividade as poses do corpo em repouso, ou dando plasticidade ao retesoamento dos músculos em movimento, mesmo que contido, ou ainda estampando a infinda multiplicidade de mímica do rosto humano.

Pressente-se palpitar na madeira a permanência de um gosto que parece transcorrer já desde as manifestações do românico ao gótico e que a lição da arte do Renascimento não conseguiu alterar¹¹⁵.

A lição deste mestre, que nós estamos apostados em acreditar ser o «escultor» António de Andrade não se apagou e transmitiu-se a outros que deixaram obra na Abadia.

No que toca à parte da imaginária é impossível apreciar convenientemente a obra escultória posterior e logo a de Fr. Cipriano da Cruz — que lhe fica mais próxima — sem relanciarmos os olhos por este belíssimo cortejo de figuras do coro, inclusivé no que toca a temas alguns dos quais dali foram retirados¹¹⁶. O mesmo jeito de preguear os vestidos, e numerosos pontos de contacto seja no modo de rasgar uma boca, geralmente pequena, quase sempre carnuda, seja na maneira típica de lhes abrir os olhos, franzindo levemente a testa e o sobrolho (visível no S. Segismundo da sacristia de Tibães e até de S. Bamba da mesma sacristia) com os supraciliares arcados. Visível, também, no

¹¹⁵ Robert Smith atribui ao mestre que trabalhou no coro os dois bustos-relicários da sacristia de Tibães, S. Plácido e S. Martinho de Dume. Cfr. *Frei Cipriano da Cruz*, cit., pág. 42.

¹¹⁶ Robert Smith, *Frei Cipriano da Cruz*, cit. pág. 32.

S. Gregório Magno do primitivo retábulo do altar-mor de Tibães hoje em S. Romão de Neiva.

O gosto com que Frei Cipriano avulta o queixo em muitas das suas figuras, parece-nos ser outro ponto que merece ser atendido. Se bem que os panejamentos de algumas figuras de Fr. Cipriano ganhem outra imaginação bem patentes nas figuras alegóricas da sacristia de Tibães, note-se em quase todas elas um tronco pouco fino. Possuidoras de uma plasticidade que as outras figuras de beneditinos não têm, repare-se que algumas vezes denotam um gosto idêntico no modo de entumecer as túnicas com o joelho localizado demasiado baixo, tal como nas composições de coro (em que esse gosto se repete ritmicamente) distorcendo anatomicamente a figura, atarracando-a). A alegoria da Igreja, da Sacristia de Tibães, denota esse gosto, tal como a Temperança ou a Santa Isabel da Vizitação, hoje em S. Romão do Neiva, ou outras. Fr. Cipriano raramente emprega tal sistema nos Santos beneditinos. Por isso mesmo perdem em movimento, tornando as figuras mais hirtas, plantadas, verticalmente sobre as peanhas. As imagens de S. Bernardo e S. Roberto, da Igreja de S. Bento de Coimbra ¹¹⁷ quadram-se mais nas do gosto do coro de Tibães neste pormenor.

O tornar um pescoço grosso e atarracado parece-nos denotar também certas semelhanças em alguns casos.

Mas não só neste campo foi contagiosa a lição de Mestre António de Andrade, e não se fez sentir apenas em Fr. Cipriano da Cruz. Outros artistas que posteriormente ali trabalharam acusam um gosto que se sente palpitar desta primeira escola de Tibães.

No que toca à decoração vegetal, única de que nós tenhamos conhecimento, há também a registar influências inegáveis, no respeitante ao aproveitamento de temas, ainda pelo segundo quarto do século XVIII. Uma das fontes do jardim, no escadório da capela de S. Bento, acusa nítida influência das composições dos frontões dos painéis do coro (Est. XXII. Fig. 35).

¹¹⁷ Robert Smith. *Frei Cipriano da Cruz*, cit. Ests. — XXII e XXIV.

Por cima dos espaldares do coro vestindo os panos das paredes Norte e Sul existem ainda hoje oito grandes quadros que datam de 1679¹¹⁸.

Quatro em cada parede, mostram cenas da vida de S. Bento e alusões à sua Regra. Assentam sobre uma frisa de granito pintada semelhando mármore (Ests. XXIII e XXIV).

As grandes molduras destes painéis foram deleaneados no mesmo estilo das que enquadram os relevos do espaldar, com elementos geométricos em que predominam os óvulos, agora glosados com outro relevo e outra profundidade tirando partido dos jogos de luz. Entre estes e o aro que agarra directamente a pintura, corre outro de fundo liso (pintado semelhando mármore em tom escuro) que estabelece um jogo de transição suave para o corpo do painel avultando-o e desafogando-o das molduras externas.

Encontram-se hoje em grande estado de deterioração, não só nas molduras como na pintura comida pelo sol que entra à vontade pelos grandes janelões voltados ao poente.

Para obviar a este desgaste e outros já possuíram cortinados ali colocados desde a sua primeira instalação e várias vezes renovados¹¹⁹. Hoje, porém, tudo desapareceu. Assim convém, na verdade, ao estado de abandono e desleixo a que foi votada a maior casa de S. Bento em Portugal e uma das maiores da Península.

Note-se que estas composições de pintura se integram perfeitamente no conjunto do coro, impedindo que as paredes nuas afoguem a talha dos espaldares estabelecendo um jogo suave que acaba por dar proporção e vulto ao cadeiral e ao espaldar.

¹¹⁸ A. D. B., Conv. e Most., C. S. B., Liv. do Dep. n.º 568, pág. 154. Cfr. pág. 56.

¹¹⁹ Cfr. págs. 56-57 e segs. com as respectivas notas.

DOCUMENTOS

1

«Leuantouse a torre dos sinos de entablam.^{to} pera cima e se lageou e cobrio fesse hua Capella da igreja da Parte esquerda.

... Levantouse o frontespicio e segunda torre E isto do andar do Coro Pera sima E se fizerão tambem os nichos Lauantouse o lado da igreja da banda da Claustra ...

...Lageouse a Olaustra e se forrou no alto e baixa e se guar-neceo de colher.

...Na Claustra se fes hu chafariz com repuxo pera as obras e pera o Tanque da portaria e pera a S. Christia.

...forrouse a igreja e ametade do Coro de madeira de Pinho...».

*(A.D.B., Conv. e Most., C. S. B., n.º 112, Tib., E.
1638, págs. 7 v.-8 v., n/n.).*

2

«... Fizerãose sinquo Capellas na Igr.^a noua e hu arco Colateral e continuouse cõ o Cunhal do Cruzeiro».

*(A. D. B., Conv. e Most., C. S. B., n.º 112, Tib., E.
1647, pág. 7 v., n/n.).*

3

... «Comessousse a obra da Igreya noua do arco do Cruzeiro p.^a sima E se fes toda a empena the o Remate da Crus E Piramides.

Fesse o pedasso da Costam q vay fechar na torre E se cobrio de Abobada toda ametade da Igreja q se ue E se cobrio de madeira toda com seu Telhado e forro de Pinho.

Fesse a Escada q vay p.^a o Choro nouo.
 Laurousse m.^{ta} Pedra de Balçores, Cruzeiros E cruzetas Silhares, e Aduellas,
 e importa toda esta pedra q fica Laurada mais de duzentos mil rs.
 Fesse o hospissio todo de nouo na forma q se ué, com o Retabolo, Almarios.
 ... Fesse de nouo a Caza da Dispença por de tras do hospício com suas
 repartiçoens neçessarias.
 Reformaramse os Paineis da Claustra todos a oleo, E tinta fina.
 ...Reformarao todas as Portas e Janellas das Claustras, E mais officinas.
 ... Reformouse a Hermida do N. P.^e S.».

(A. D. B., *Conv. e Most.*, C.S.B., n.º 112, Tib., E.
 1653, págs. 10 v.-1S, n/n.).

4

Numa folha solta do Liv.º das Obras de 654 (Arquivo Beneditino de Singeverga) anda solta um pedaço de folha com os seguintes dizeres:

Snor. p.º machado

«Estimarey pesua hua boa saude Comolhe eu desejo ha huião as dobradisas da grade e mais os fechos da Tranqua he neseçario dinheiro que anda isto m.^{to} daorde as contas quella estão uenacer.

Da fichadura de detrás o altar e a da porta prinsipal he dos fechos e de azonis sinco mil rs e desases fechos da Tranqua quinhentos rs que fazem _____ 5.500.

das dobradisas da grade e dos pregos dous mil rs _____ 2.000.

... (O resto da folha foi amputada).

5

«Fica o Claustro da Sanchristia lageado, com onze canteiros feitos e todo aoredor goarnecido de Azulejo e fica dr.º p.^a se acabar de todo.

...Posse hum painel grande da vizitação de S.^{ta} Izabel cõ suas goarniçoens douradas na Igr.^a para a vinda do qual deu hu deuoto 12.000 rs».

... ficão as capellas do Claustro azulejadas per conta de N. P.^e M.^e fr. Miguel».

(A.D.B., *Conv. e Most.*, C.S.B., n.º 112, Tib., E.
 1656, pág. 10 v., n/n.).

6

«Paguei de huans grades de ferro p.^a a primeira fresta q uaj p.^a a Capella mor, q pezerão onze arrateis e meio quinhentos e setenta e sinco rs ----- 575».

...Costarão as grades g.^{des} da Capella dezoito mil, e nouecentos rs -----
----- 18.900.

...De (4) grades de ferro p.^a as frestas q pezarão (58) arrates ----- 2.800.

Pezarão as segundas grades das fr.^{as} grandes (389) arrates, q pagos a cinquoenta rs soma -----19.400.

...Pezarão as grades da Capella mor (306) arrates q pagos a meo tostão .-----
-----17.800.

...Pezarão as Ultimas grades (347) arrates E 4^a os varoens compridos E as fêmeas (170) e 4^a q tudo soma dezoito mil duz.^{tos} e sincoenta e noue ----- 18.259.

... Dei p.^a as Ultimas duas grades de ferro da Tribuna q pezarão Cento e vinte arrateis E m.^o a Sincoêta rs o arratel...----- 6.025.

...Pezarão tres grades de ferro p.^a as pr.^{as} janellas do Choro quatro quintaes, e oito arrates q a meio tostao o arratel montão ... 26.000.

...Custarão as seg.^{das} grades do Choro...----- 16.750.

(Arq. Bened. de Sing. do Livro (das Obras) deste Mostr.^o de Tibaes q começou aos sete de Março do prim.^{ra} anno do nosso R^{mo} P.^e M. Fr. Ant.^o de San B.^{to} Lente jubilado E geral de nossa Sagrada Religião do Ano de 654, págs. 96-177 v.).

7

(Além da transcrição da nota 73):

...Dei aos M.^{os} do Choro de feria de dous de Junho athe 15 de Junho de 666... -----33\$895.

... Dei das ferias dos maginarios do Choro de 17 de Julho athe 10 de 7.^{bro} de 666 quarêta e Sinco mil sette c.^{tos} e Sincoenta rs ...----- 45\$750.

... fesse ferias aos M.^{es} do Choro aos 19 de n.bro de 666 môtou ...-----
55\$740.

... Fesse feria aos m.^{es} do Choro aos 21 de Dezebno de 666 môtou trinta dous mil Seis c.^{tos} rs ... -----32\$600.

...Dei ao Pintor de dourar os Orgaos... ----- 6.000.

... Dei por hua duzia de Pelles p.^a os folles dos Orgaos tres cruzados... -----
----- 1.200.

... por todas as ferragens do Orgão grande ...-----7.320.
 ...Del de Pitanga ao M.^a dos Orgãos vinte mil res----- 20.000.
 ...Del p.^a as grades do orgão ...----- 5.200.
 ...Del p.^a pregos do Choro de varias castas ...-----4.490.

(Todas estas referências, bem como as outras deixadas em nota estão riscadas no corpo da página e à margem. Aqui encontra-se em aberto a rubrica «p.^a aCaza». A. D. B., Conv. e Most., C. S. B., Tib., Liv. das Obras, n.º 459, págs. 31v.-44v.).

8

«Puzeraose oito bancos de moscobia com suas franjas na Capella mor.
 Puzerãose grades de Pao Pretto na capella Mor
 Puzerãose os coatro retabolos das coatro capellas da Igreja.
 Estofarãose e douroose as imagens que nos coatro retabolos se puzerão.
 Pintaraose douraraose os tetos das mesmas capellas.
 Dourouse o Coro, e orgão, e tribuna em que se acrescentarão dous [] novos que tambem se dourarão.
 Estofaraose e douraraose todas as imagens do Coro.
 Pose nelle hum Christo com seu docel e cortinas de damasco e com toalha [] com rendelho de ouro.
 Pintaraose as grades e Cadr.^{as} do coro e as portas...».

(A.D.B., Conv. e Most., C.8.B., Tib. Liv. do Dep.º, n.º 577, págs. 250v.-S40).

9

«Posce hu retabolo na Capella do Descendim.^{to} e toda a Capella se cobrio de entalha magnifica e excelentes paineis tudo obra m.^{to} primoroza e admirauel ...» (A. D., 112, Tib., pág. n/n.: Cfr. A. D. B., Conv. e Most, C. S. B., Tib., n.º 462, pág. 26) «Dei p.^a o retabolo da Cap.^a do descendim.^{tos} q fes o M.^e Ant.^o Frz Palm.^fa quatro centos e Sincoenta mil rs----- 450.000.
 Dei p.^a hua planta do retabolo quatro mil e oito centos rs. — 4.800.
 Dei ao Pinto pelilos Painéis da Capella do Descendim.^{to} Cento e vinte e oito mil rs.----- 128.000.
 Dej p.^a se dourar o retabolo da mesma Capella sete centos e Sincoenta mil rs -----750.000.

(A.D.B., Conv. e Most., C.S.B., n.º 112, Tib., E. 1740, pág. n/n.).

10

...Dei a M.^{el} Carvalho pellos dias q gastou em tirar o retabolo e carregalo q forão dez a duzentos rs e mais m.^o dous mil e cento----- 2.100.

(A. D. B., *Comv. e Most., C. S. B., Tib., Liv. das Obr.*, n.^o 463, pág. 54v.).

11

Dei p.^a dezoito carreteiros q forão buscar a tribuna a Tibans nos seus Carros a nove centos rs cada hum: dezasseis mil e duzentos res..... 16.200.

... Dei p.^a quatro mulheres q troixerão os anjos pertencentes a tribuna, a seis vinténs cada hua, quatro centos e oitenta rs.....480.

Dei p.^a doze carreteiros q forão buscar mais couzas pertencentes a tribuna, q de Tibans veyo p.^a este Coll.^o, cada carro a oito centos rs: nove mil e seis centos rs... ----- 9.600.

...Dei p.^a gastos do Boieiro q foi com o carro a Tibans ajudar a conduzir a tribuna ... ----- 65.

Dei p.^a tres carreteiros q forão nos Seus carros buscar as pedras p.^a a tribuna a Tibans a oito centos, e Sincoenta cada hum, dois mil quinhentos e Sincoenta rs; e Sincoenta e Sinco rs a hum homem q os buscou; fas tudo dous mil, seis centos e sinco rs.....2.605.

... Dei ao Carpinteiro Carvalho q andou trabalhando nos altares novos por oito dias, e meio, cada dia a cento e quarenta rs — mil duzentos e quarenta rs----- 1.240.

Dei ao mesmo Carv.' por hum official q anda na mesma obra, a quarenta rs por dia e por outro a Sincoenta rs = p. Cete dias, e meio ambos = Seis centos e settenta, e sinco rs ----- 000 675.

... Dei ao Carvalho carpinteiro por jornais de Sinco dias a cette vinténs cada hum, cette centos reis (*sic*).

Dei ao Joao Seu Official por Sinco dias, e meio a Sincoenta rs cada hú, duzentos, e settenta e Sinco rs = -----275.

Dei ao Gabriel official do mesmo Carv. por Sinco dias, a qua rs, cada hu, duzentos rs =----- 200.

... Dei p.^a o Domingos f. do Carv. por doze dias, a tostão, por cada nu, doze tostoens =----- 1.200.

... Dei ao Pedreiro Lourenço por lavar o portal q se f es na parede, em q se acenta a tribuna dous mil rs ----- 2.000.

...Dei ao Pedreiro chamado Fran.^{co}, q anda a seco trabalhando na parede da tribuna a cento, e vinte rs por dia: por doze dias mil, e trezentos e oitenta rs -----1.380.

Dei ao rapaz q dá o barro na obra a Sincoenta rs por dia a Seco, oito dias, e meio, quatro centos e vinte, e cinco rs ----- 425.

... Dei ao M.^e acentador da parede da tribuna a Sento, e Sincoenta a Seco; por dia cette centos, e Sincoenta rs ----- 750.

... Dei p.^a hua trabe q comprou o Carv.^o p.^a a tribuna dezoito tostoens -----01.800.

... Dei p.^a os carreteiros, q troixerão a trabe p.^a a tribuna noucentos, e, Secenta rs----- 00960.

Dei p.^a outra trabe q comprou o Carv.^o p.^a a tribuna settecentos rs----- 00700.

Dei p.^a o Carreiro, q troixe a trabe assima hum cruzado novo-----00 480.

Dei p.^a quatro castanheiros q se comprarão p.^a a obra da tribuna Seis mil reis-----06000.

Dei p.^a hum castanheiro p.^a a mesma obra da tribuna Seis tostoens ----0600.

Dei ao Carpinteiro Carv.^o e outros officiais q com elle arrancarão, e prepararão as duas trabes q se comprarão p.^a a tribuna em Coçourado mil, trezentos e vinte e Sinco reis -----1325.

Dei ao M.^e Luis Pedreiro, q andou trinta e Seis dias + (+ e meio) trabalhando na factura da parede q se fes p.^o acentarce a tribuna p.^a que quebrou pedra com a Sua ferramenta, e Lavrou os quatro pedestais das quartellas da d.^a tribuna a cento e vinte cada dia, quatro mil, trezentos, e oitenta rs comendo da Caza.

Dei a tres officiaes do M.^e referido, q trabalarão na mesma Obra: todos a Seco: hum: vinte, e uns dias a Sento, e Sincoenta tres mil, cento, e Sincoenta rs. Outro: vinte, e quatro e meio a cento, e vinte rs: tres mil e cecenta rs Outro: vinte dias a cento, e Sincoenta tres mil rs. Outro: p.^a dar o barro, doze dias, e meio a Sincoenta: rs por dias seis centos, e vinte, e Sinco rs» Soma tudo quatorze mil, duzentos e quinze rs ----- \$14.215.

Nesta parçella vão metidos os jornais do M.^e de q fas menção o ultimo acento na Lauda retro.

... Dei mais p.^a onze pregos de vintém cada hum p.* as trabes da tribuna onze vintens -----00 220.

Dei p.^a o Ferreiro por vários concertos, q fes em varias alfaias; e por temperar os ferros com q se trabalhou na obra, e parede q fes p.^a a tribuna, mil duzentos, e cetenta rs ----- 01270.

... Dei p.^a dous paus de Castanho, q se comprarão p.^a a obra da tribuna nove tostoens----- 00900.

... Dei p.^a huma Canada de Oleo, e huma almotelia em q este veyo; e p.^a albaiade, e varias tintas, c| Se comprarão p.^a pintar os altares da Igr.^a e Sachristia, nove centos, cecenta, e Sinco reis; e p.^a hua mulher q foi buscar tudo isto, trinta reis, fas tudo nove centos, noventa, e sinco ----- 00 995.

...Dei p.^a huas trabes de castanho q Se gastarão no assento da tribuna oito centos rs----- 00 800.

Dei p.^a meia canada de Oleo, vermelhao fino e albaiade quinhentos, e quarenta rs e a q.^m foi buscar estas coizas trinta rs. fas tudo quinhentos e cetenta ---00670.

Dei ao M.^e Pintor q andou pintando os altares do Corpo da Igreja por quinze dias a oito vintens cada hum dois mil e quatro centos rs...-----02400.

Dei p.^a tres arrates de cola quatro centos e sincoenta reis com trinta a q.^m o foi buscar-----00480.

Dei p.^a madeira de Castanho, q se comprou, p.^a os remates, e frizas da tribuna mil, nove centos e oitenta reis----- 01980.

Dei ao M.^e Carvalho por cette dias, q andou So a trabalhar nove centos e outenta rs-----00980.

Dei p.^a hú arratel de retalho, ocre, e outras tintas, q vierão p.^a pintar os acrescentamentos da tribuna quatro centos, e cettenta reis-----00470.

... Iuztei as contas com o Ferreiro de villa fria aos 27 de Junho, de tudo o q se lhe devia ate esse dia vem a ser = concerto de hum espeto, ferros p.^a as aranzellas, aguçam.^{to} de picos, fouce e machado e feitio de vinte e Sinco arrateis de ferro, q lavrou, em escapulas, e pregos p.^a Seguranças da tribuna, empertou em tres mil, quatro centos e quar.^{ta} rs----- 003.440.

...Dei p." tintas de varias coalid.^{es}; e ocres p.^a pintar as bazes da tribuna, e beiras da mesma quatro centos e cettenta rs ----- 00470.

...Dei ao Carpint.^{ro} M.^{el} Carv.^o por quatro dias, q andou ultimam.^{te} na tribuna quinhentos Secenta rs; e de Charid.^e pela promptidao, com q Sempre acodio a esta Obra tres mil, e duzentos rs, fas tudo Soma de tres mil cette centos e Secenta reis ----- 03760.

Dei p.^a duas oitavas de Mar de anil trezentos rs. ----- 300.

Dei p.^a oito arrateis de albaiade cettekentos e vinte rs ----- 720.

... Dei p.^a hua duzia de pincéis cento e vinte rs ----- 00120.

Dei ao Pintor, q andou dourando as cornijas da tribuna, e a cabando de pintar o q faltava nela quatro mil, e oito centos Reis — 04800.

Dei ao M.^e Pintor q pintou o quadro de S. Romão na Capella mor, e dourou o quartão q fica por baixo do mesmo quadro, e pintou o altar da Sachristia, quatro moedas, e meia -----21.600.

...Dei a hum Pedreiro q andou hum dia a tapar huns boracos na parede da Capella maior ...

...Dei p.^a hum carreteiro, q foi a Tibães buscar parte do nicho do S.^{to} xp.^{ro} do Choro Cette centos, e Sincoenta rs-----00750.

... Dei p.^a dous carros, q forão a Tibaes buscar dous carretos dezaseis tostoos-----01600.

... Dei p.^a hum carr. q foi a Renduffe buscar a estante p.^a o Choro dez tostoos ----- 01000.

...Dei p.^a oyto roudanas de ferro das Festas (*sic*) da Capella mor dous mil trezentos e trinta reis -----00330.

Dey p.^a oyto bicheyros dos Cabides em q ande prender as Cordas p.^a levar asima as cortinas das frestas da Capella mor duzentos reis.

... Dej ao Carvalho de Catorze Dias q andou asentando os Altares do Cruzeyro e da Igreja, mil seis centos e oytenta -----1680.

Dej p.^a os Carretos de dous retabolos q vierao de Tibaens p.^a os Altares do Cruzeyro da Igreja tres mil e duzentos reis----- 3.200.

...Dei a dous carreteyros q trocerão de Tibaens o resto dos Altares do Cruzeyro mil e Seis centos rs-----01600.

...Dei ao M.^e Carpinteyro Carvalho por vinte oyto Dias a Seis vintens, tres mil trezentos e Sacenta reis----- 3,360.

Dej ao Rapaz filho do Carvalho por vinte Seis Dias e meyo a tres vintens mil quinhentos e nouenta reis -----01590.

... Dej ao Official do Carvalho por vinte e sette Dias a tostão, vinte e Sette tostoens-----02700.

Dej p.^a os ferros do Arco da Tribuna trezentos e quarenta reis-----00340.

... Dej a João Carpinteyro de doze Dias q andou ajudando ao Mestre Carvalho na factura dos Pulpitos da Igreja doze tostoens----- 01200.

Dej p.^a a madeyra q Se comprou p.^a as bazes dos Pulpitos tres cruzados novos ----- 01440.

... Dej mais ao João Carpinteyro de meyo Dia q foy quarta feyra de Trevas, cincoenta reis----- 00060.

...Dej por hum dia de jornal ao official de carpinteyro M.^o1 Dias oytenta reis -----00080.

Dej dous cruzados novos p.^a os Carreteyros q trocerão de Tibaens as Imagens da Vizitação, e os do ceis dos Pulpitos -----00960.

... Dej a Manoel carvalho por vir asentar as Imagens da Vizitação seis vintens----- 00120.

...Dei ao Pintor por pintar os dous Altares do Corpo da Igreja q sam os ultimos, a dous mil, e Cento por cada hum dandolhe de Comer, quatro mil e duzentos reis-----004.200».

(A.D.B., *Conv. e Most., C.S.B., S. Romão do Neiva, Livros Vários, Liv. das obras, n.º 158, (1749-1761), págs. 21-52).*

12

«Aos 12 de Julho Dei a Luis Vieyra a conta da obra da Tirbuna do altar mor quarenta e oito mil Reis ----- 48.000.

...No primeiro de dezembro Dei a Luis Vieira da Crus a conta da obra da Tribuna do altar mor vinte e quatro mil rs----- 24.000.

... Aos desoito de Jan.^{to} Dei a Luis Vieira da Cruz a conta da obra da tribuna vinte e quatro mil reis ----- 24.000.

...Dei p.^a o ajuste da obra da Tribuna do Altar mor cento e tres mil e duzentos e oitenta rs -----103.280».

Dei ao mesmo M.^e de mudar as Imagens de nossa S.^{ra} do desterro e S.^{to} Amaro e de huas pirâmides e g.^{de} q fes p.^a a capella mor mil e noucentos e vinte rs----- 1.920.

...Dei p.» trinta e hu milheiros de ouro p.^a dourar a Tribuna a seis mil e noucentos o milheiro dozentos e treze mil e noucentos rs----- 213.900.

Dei p.^a dous milheiros e dous livros de ouro q vierão de Braga p.^a a mesma Tribuna a sete mil e coatro centos o milheiro ...----- 16.300».

Dei p.^a dous milheiros de ouro comum a Seis mil o milheiro -----12.000.

Dei a o M.^e Bento de Souza de asentar trinta e sinco milheiros e tres livros de ouro a tres mil Reis o milheiro..... 105.900.

(A. D. B., *Conv. e Most., C. 8. B., Tib., Liv. das Obr., n.º 460, págs. n/n.*)

13

«Dey a Manoel Jozeph por hu dia q andou a por o azolejo da porta do Coro 180».

...Dey ao M.^e Franc.^{co} Manoel por tres dias e meyo q assistio aos seus officiaes q consertarão a Escada do Coro e andarão na pouza a tirar pedra e dous tostoës700».

... Dey a Manoel Alz da graça por abrir os chumbadouros pera asentar a talha da parta do Coro cento e vinte rs-----120».

... Dey a Thome de Araujo pela talha da porta do Coro doze mil rs ... -----12.000.

...Dey p.^a ouro pera dourar a talha da porta do Coro...

... Dey por hú Liuro de ouro pera o arco da Escada do Coro sete Centos e vinte rs. -----720.

... Dey ao pintor João Giz Ribas por quarenta e seis dias q andou a dourar a talha da porta do Coro, pratear as tocheyras e o Relogio de N. R.^{mo} P.^{te} G.^{al} a duzentos rs nove mil e duzentos rs — 9.200.

Dey ao pintor D.^{os} de Mag.^{es} q andou na mesma obra a sima a duz.^{tos} reis...----- 5.600».

(A.D.B., *Conv. e Most., C.S.B., Tib., Liv. das obr., n.º 461, págs. n/n.*)

14

Recebemos Coatro centos mil reis do prim.^o pagam.^{to} da obra das grades dos pulpitos e da igreja deste Mostr.^o de Tibais cujo pagam.^{to} nos entregou o P.^e Prior e depositarios deste dito mostr.^o na

forma da escritura de contrato e p.^a constar passamos este Recibo, hoje Coatro de Mayo de Mil e Sete Sentos e Sincoenta e Sinco Annos.

Fran.^{co} Per.^a

Joseph frz Neues

Manoel Mor.^a Dias

Aos binta sinco De marso de mil e sete Sentos e sincoenta e oito Resebemos a Conta do aiuste da obra das grades nobe Sentos mil Reis e por asim ser berdade nos asinamos oie hera de supra Joseph Neves.

Manoel Mor.^a Dias

(Letra de José Neves).

Aos binta e tres de abril de 1758 a Resebemos Sem mil Reis Com q Se inteirou a soma Do aiuste das grades da igreia e por ser berdade pasamos este q asinamos dia mes e anno o de Supra.

Monoel Mor.^a Dias

Jozeph frz Neues

(Letra de Manoel Morreira Dias).

Aos binte e sete do mes de abril de mil e sete centos e Sincoenta e oito Resebemos seis Sentos mil Reis em pagamento das grades do Coro e inteiro aiuste e satisfasão De toda a obra das grades que fizemos p.^a este mosteiro De tibains Conforme aescritura feita aos Coatro de Maio de mil e sete sentos e Sincoenta anos Digo Sincoenta e Sinco anos e por ser verdade pasamos este e asinamos dia mes e anno Supra.

Jozeph frz Neues

Manoel Mor.^a Dias

(A.D.B., Conv. e Most., C.8.B., Tib., Liv. das Obras, n.º 470, págs. 5-13 v., n/n.).

15

Assento do baptismo de António de Andrade:

Aos doze dias do mes de Janeiro de ceis c.^{tos} e uinte e noue baptisei a an.^{to} filho de matehuus dandrade maginairo e desua molher maria Mendes foj padrinho torquato dandrade som.^{te} e por uerdade me assinej.

P. sebastiao Luis

(Liv. do Reg. Civil, Gui.^a S. Sebastião. Mixto. ob.— 4/7/1657—14/7/1670. Nasc. 19/7/1613—28/1/1638; n.º 2, pág. 44).

16

Contrato, com o Geral de S. Bento para a construção de um retábulo, sacrário do altar-mor e peanha da sacristia. Na parte superior o códice acha-se danificado tornando-se impossível a leitura do título e das páginas.

Em nome de deos Amen Saybao q.^{tos} este p.^{co} instrom.^{to} de Abridgação E com trato ... e obra ou como Em dir.^{to} melhor aia Lugar E mais Valido seia virem q no ... o nasim.^{to} de noso senhor lhes xp.^o de mil e seis sentos E sesenta E noue a... aos dezasete dias do mes de Abril do dito Anno neste couto couto (*sic.*) de ... martinho de tibaes E dentro no most.^{to} de tibaes q esta sito neste seu couto E na caza do despacho do dito most.^{to} onde Estaua de prez.^{te} de hua banda o m.^{to} R.^o p.^e frey Damazo da silva geral da ordem E comgregação do gloriozo sam Bento nestes Reynos de portugal E prouincia do brazil Dom Abb.^o deste dito mostr.^o E da outra banda Estaua presente Ant.^o de Andrade Escultor E morador na Vila de g.^{es} de tras de são sabastião todas pesoas por mim Tabeliao reconhecidos Ellogo por elle dito R.^{mo} p.^a geral foj dito prezente min ta^m e testas ao diante nomeados que elle Estaua com tratado cõ o dito Ant.^o de Andrade de lhe fazer hu Retabolo pera o altar da Capella q fica da fronte do Altar de Santa Jatrudes q he a prim.^{ra} capella pegado a grade da parte direyta E tambem hu sacrario pera a tribuna deste dito mostr.^o a saber o Retabolo per preço E quantia de Sento e trinta mil res E o sacrario por preço de Sinquoenta mil res q a todo fas soma de Sento E oitenta mil res E o dito sacrario dara elle dito Ant.^o Andrade posto E asentado E acabado neste dito mostr.^o athe o fim do mes de outubro deste prez.^{to} Anno de seis sentos e sessenta E noue annos o qual sacrario sera feito conforme a hú traço q elle Ant.^o de andrade tem Em seu poder emq elle R.^{mo} p.^a geral vaj asinado E o dito Retabolo sera feito E acabado E asentado na dita capella athe o derradeyro dia do mes de Abril do anno q vem de mil seis sentos e setenta annos o qual Retabolo sera semelhante ao q elle An.^{to} de Andrade fes p.^a o Altar de santa jatrudes variando q em lugar de são miguei fara hu christo Resositado E no banco do bajxo fecara aberto hu Lugar p.^a estar hú Christo morto o qual Christo elle An.^{to} de andrade sera obrigado a fazer cõ a mais obra E no sera obrigado a fazer — pertiço donde Esta a santa q sera hu pajnel lizo E sera mais obrigado a fazer hua pianha de dous degraos p.^a se meter hu Christo crucifiquado, q esta na Sanchristia deste mostr.^o o q tudo sera a comto delle R.^{mo} p.^a geral E mais Rellegiozos e não o sendo elle R.^{mo} p.^e geral lha podera Engeitar E tudo sera feito E acabado E aperfeçoado posto Em seus lugares ate os dias E tempos atras limitados a qual quantia de sento E oitent mil res llogo elle dito R.^{mo} pe geral deu Em tregou ao fazer desta a elle dito An.^{to} de Andrade em moedas de seis tostois E de quinhentos res E de duz.^{tos} E sinquoenta E outras tudo moeda corrente

neste Rejno de portugal o qual Ant." de Andrade Recebeo em si toda a dita quantia E delia se ouue por bem pago Emtregue E satisfeito E da dita quantia acuia a auia a Este most.^{to} per quites e liures digo mostr.^o E a seus Rellegiozos por quites e liures E des obrigados doie pera todo o sempre E por elle dito Ant.^o de Andrade foj dito q elle aseitaua adita obra a saber o Retabollo pella dita quantia de sento e trinta mil res e o sacrario pella dita quantia de sinquoenta mil res E seobrigou per sua pesoa E bens moueis E de Rais auidos e per auer E tersos de sua alma a dar a dita obra de Retabollo E sacrario perfeitamente acabados nos dias e tempos atras declaradospostos E asentados assim na dita trebuna como na capela sem

...tempos atras declarados e não levando pellos ditos paga Em nome delia... per cada per... resebe pen... nome delia pêra este mostr.^o perq.^{to}maua a elle.../gar E cumprir... se obrigaua os bens atras declarados Em especial obrigaua.../zal chamado de chozende sito na freg.^a de Santiago de Renfe termo de g.^{os} que ... / comprado a este mostr.^o o dir.^{to} Vtil delle comtanto q a especial ipotiqua ...

/ ge a geral nem pello comtrario E q não dandoas ditas obras feitas em o dito ...
 / podera ser sitado E demandado pellas perdas e dannos q fezese Resp.^{to} este mos...
 / ceber diante do juis ord.^o deste couto de tibaes p^a o q dise se dar aforaua do ...
 / E itest.^{as} do seu foro cõ tudo o mais q per elle faça e pela sentença q no cazo ...
 / ria ser executado E q sim o dise E queria sera contento q nesta escriptura ...
 / gação se Emtendão todas as mais clauzullas em dir.^{to} necssr.^{as} p.^a segurança ...
 / te mostr.^a q todas aqui auia per Expresas, E declaradas E assim o dise elle dito ...
 / tonio de Andrade E hus e outros assim o diserão aseitarão E outorgarão E ...
 / do mandarão fazer esta Escritura de obrigação E de lhe dar os treslados necece ...
 / hus aos outros E a quem pertencer E eu tabelião como pesoa p.^a estepulante E ou... /
 tante o asejtej E estepulej em nome da pesoa E pesoas a q toquar ... Estando ao todo
 prez.^{tes} per t.^{as} D.^{os} Coelho f.^o de Ant.^o fr.^{co} Coelho do lugar de melhorado frg.^a de
 mire e Dos Rib.r.^o da freg.^a de parada ambos deste couto. E Ant.^o de mesquita natural
 da frg.^a de São joão de Areas termo da villla de barcellos

todos familiares deste mostr.º q todos asinarão Lourenço do vale tabelião o escreuj.
Fr. Damaso da Silua
Geral de S. B.1º

Ant.º de Andrade D.ºm Coelho

de D.ºs de mesquita de d.ºs +
Rib.º tes.ºta

(A.D.B. N. do Tab. de Tib., liv. nº 6).

17

(Assento de óbito do mestre escultor António de Andrade).

Antonio de Andrade pgou Sino e missa dalma e offerta

Aos noue dias do mez de setembro do ano de mil e sete Centos e doze faleceo Antonio de Andrade uiuvo morador no gardal desta freguesia. Confesousse e Recebeo a sagrada Eucharistia e o sacramento da extrema unçam nam fes testamento foi sepultado cm sam fransisco do que fis este asento.

Antonio Pereira de Almeida

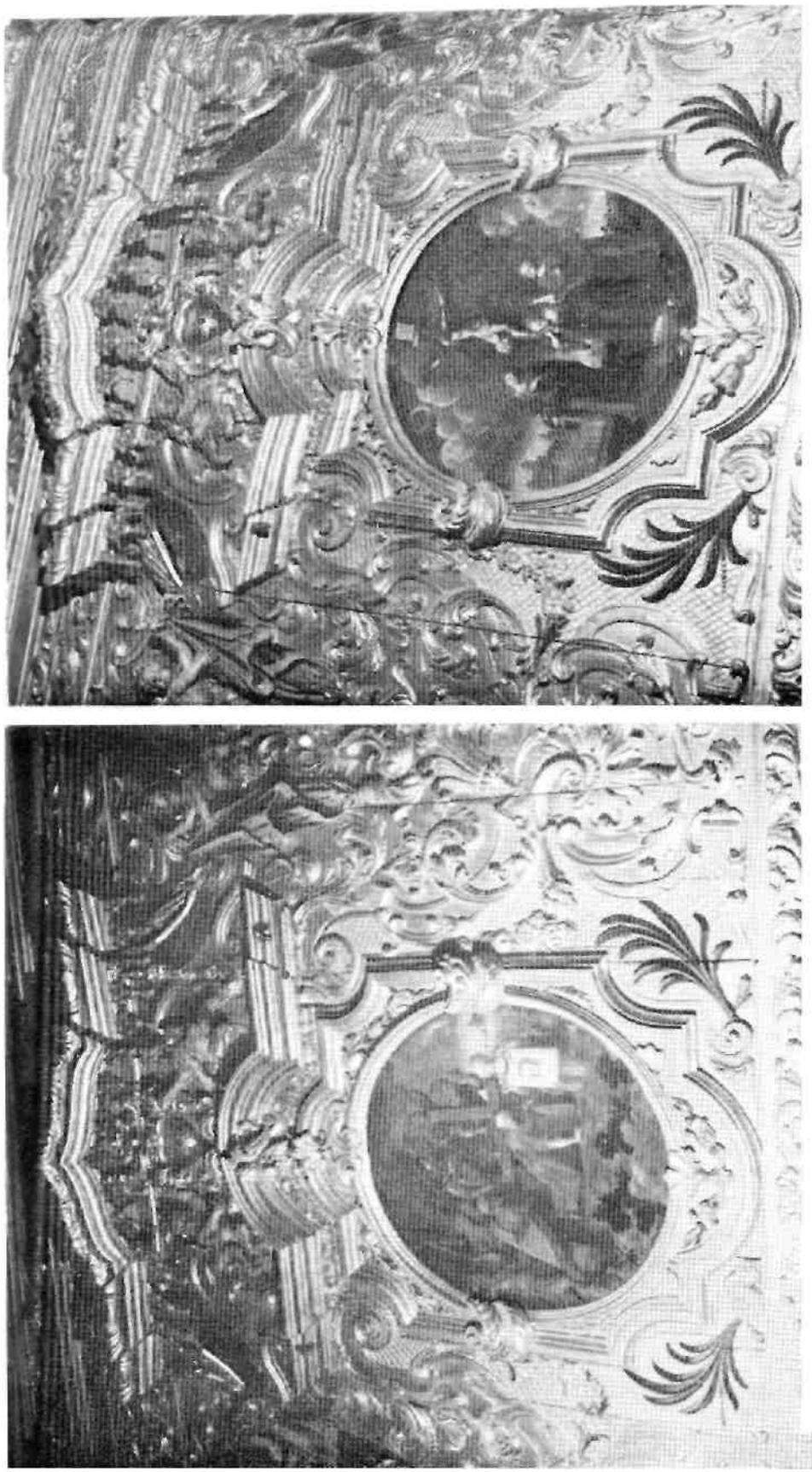
(Liv. do Reg. Civil, Guimarães S. Sebastião. Misto. Ob.
— 5/8/1708 — 25/5/1732. Cas. — 10/1/1706 — 17/11/1729, n.º
4, pág. 51).



Fig. 2 S. Gertrudes (Hoje num do
altares laterais de S. Romão do Neiva

Fig. 3 — Tibães. Almofada das ilhargas
da Capela de S. Gertrudes





Figs. 4 e 5 — Tibões. Ilhargas (actualiz.) da Capela do Descendimento

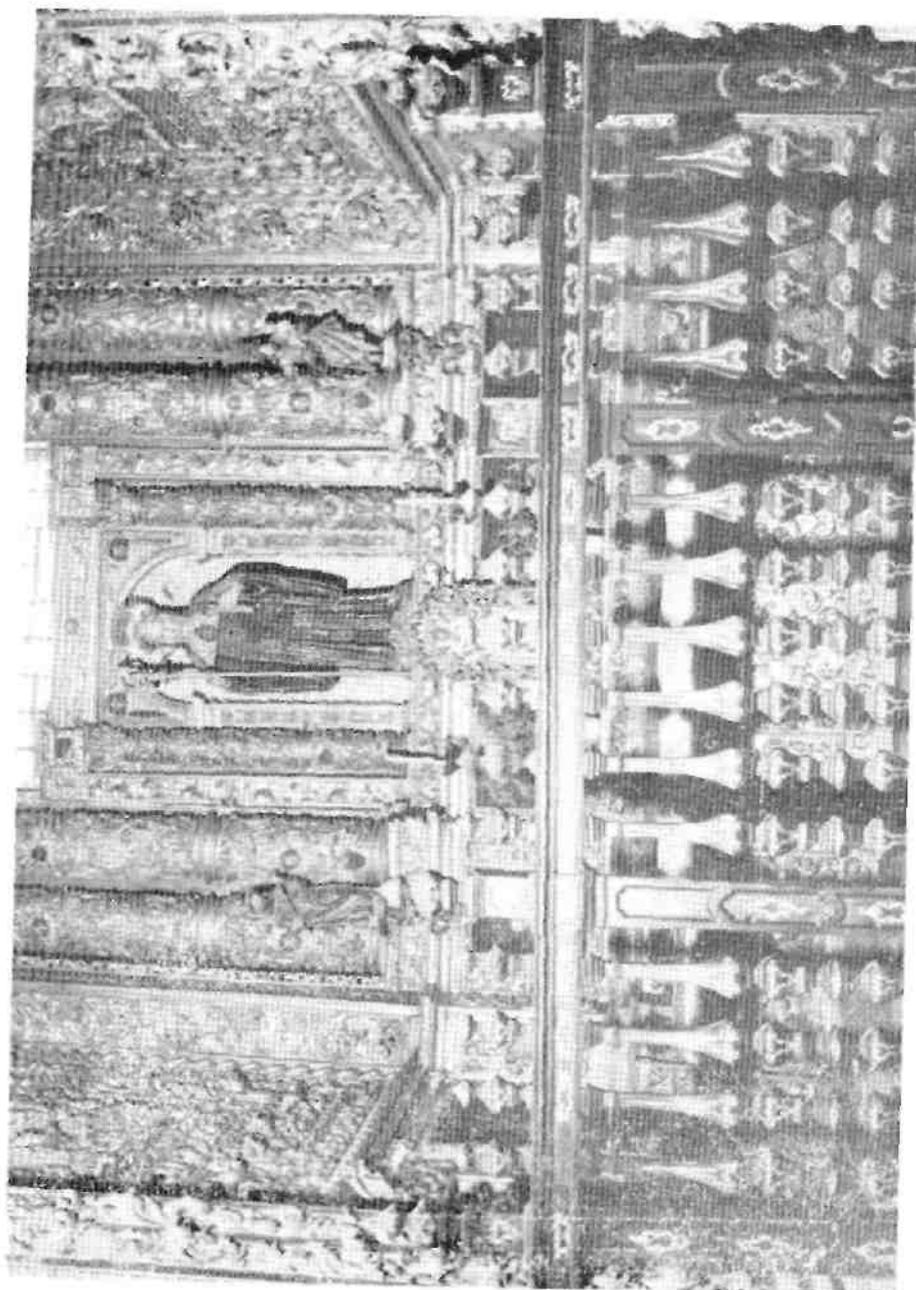


Fig. 6 — Tibães. Aspecto parcial da Capela de S. Gerímios



EST.

Fig. 7 S. Komão do Neiva. Pormenor do entahlamento e tecto tribuna (Antigo Retábulo de Trhäfts)



Fig. 8 S. Romão do Neiva. Pormenor das almofadas das paredes laterais da tribuna;



fig. 9 S. Romão do Neiva. Retábulo. Pormenor do frontal do altar da tribuna



Fig. 10 — Tibães. Capela de S. Gertrudes. Painel e talha lateral

Fig. 13 — Tibães, Capela de S. Gertrudes. Painel e talha lateral

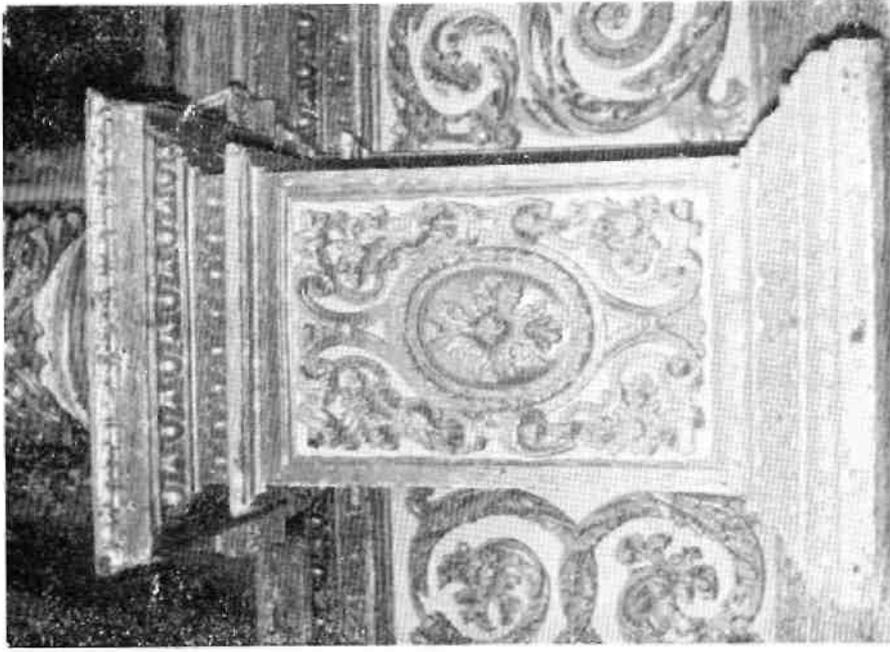


Fig. 15 — S. Romão do Neiva. Retábulo Plinto das colunas interiores





Fig. 12 — S. Romão do Neiva. Retábulo.
Plinto da coluna exterior do 1.º andar

Fig. 13 — S. Romão do Neiva. Retábulo.
Face interior do mesmo plinto



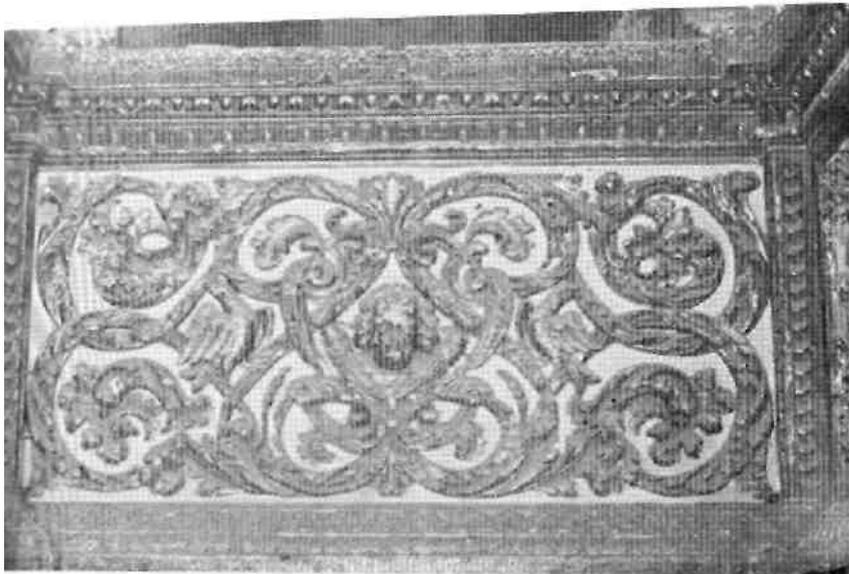


Fig. 14 — S. Romão d' Neiva. Retábulo. Cartão do friso da base dos nichos

Fig. 16 — S. Romão. Retábulo. Base do 1.º andar

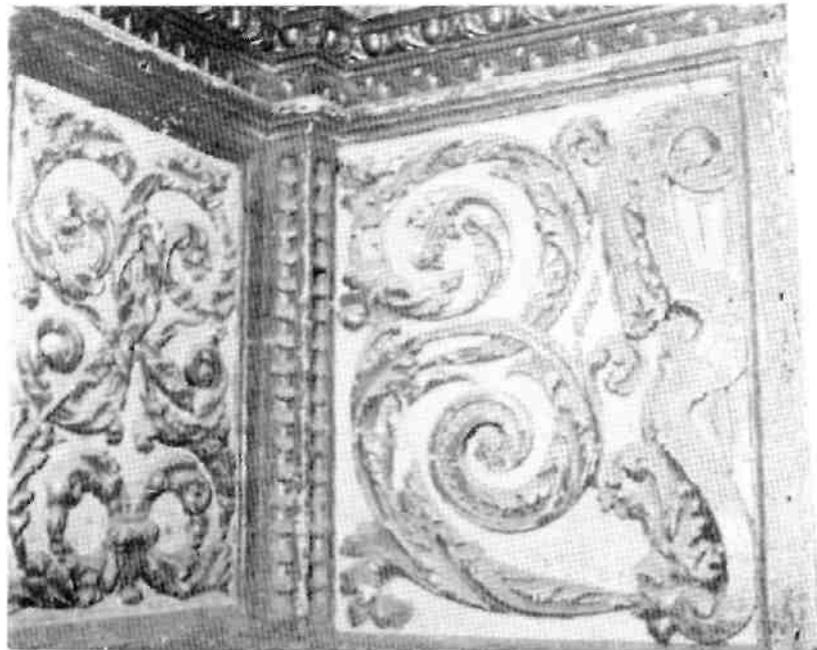


Fig. 17 — S. Romão. Retábulo. Pormenor das colunas interiores do 2.º andar

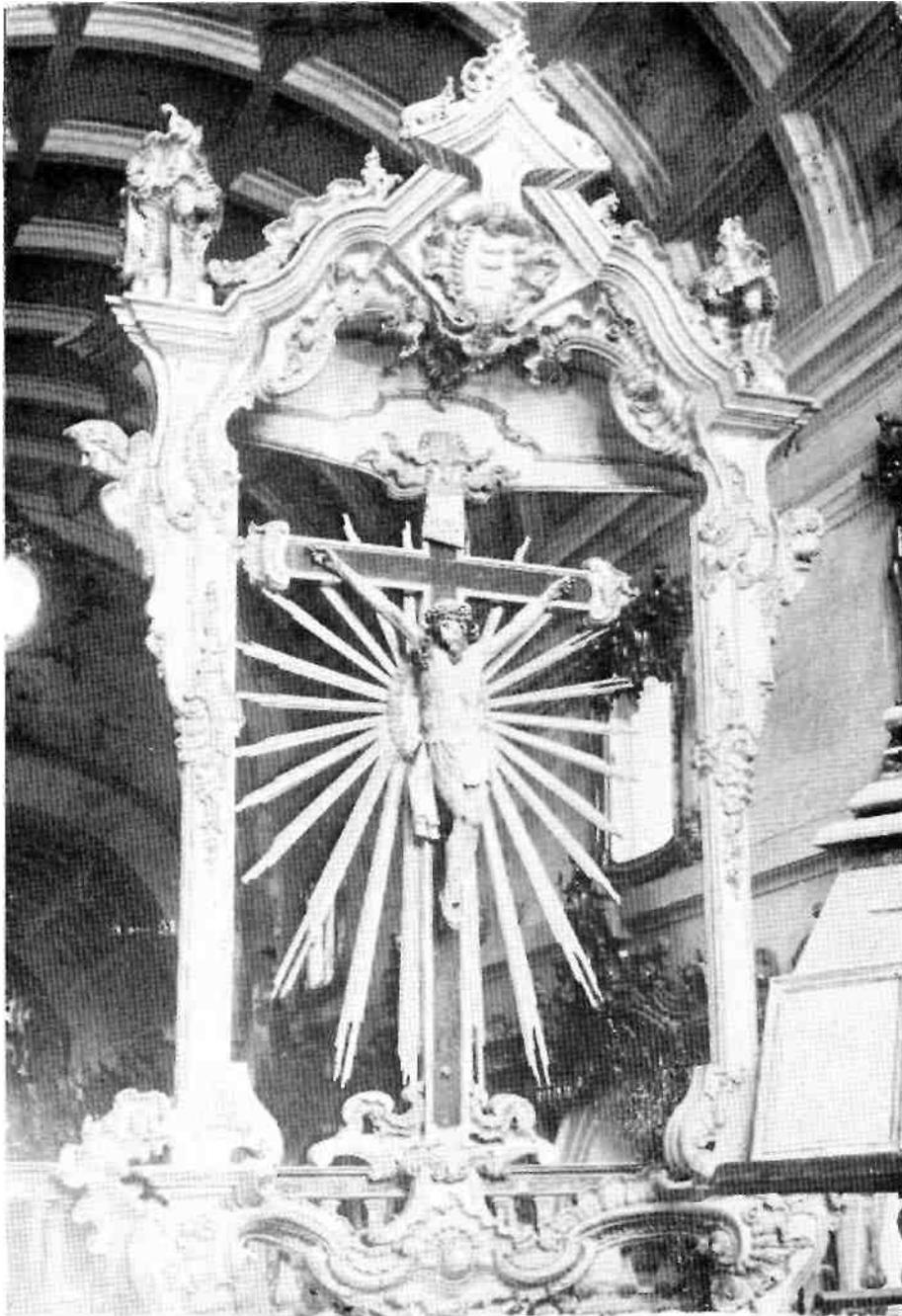


Fig. 18 — Tibães, Oratório do Coro



Fig. 19 Tibães. Pormenor do Oratório do coro

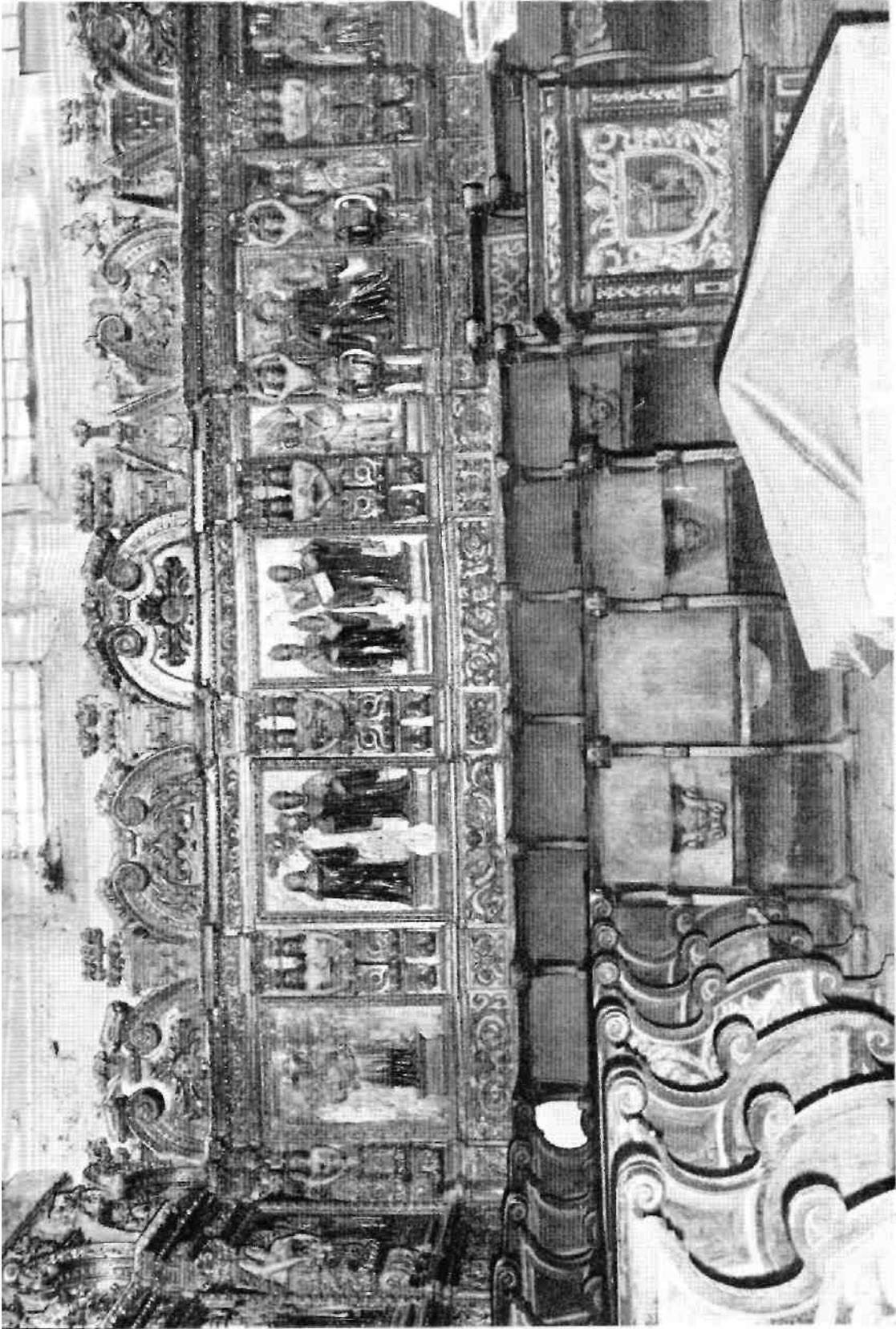


Fig. 20 — Tibães, Pano Poente do 1.º Coro

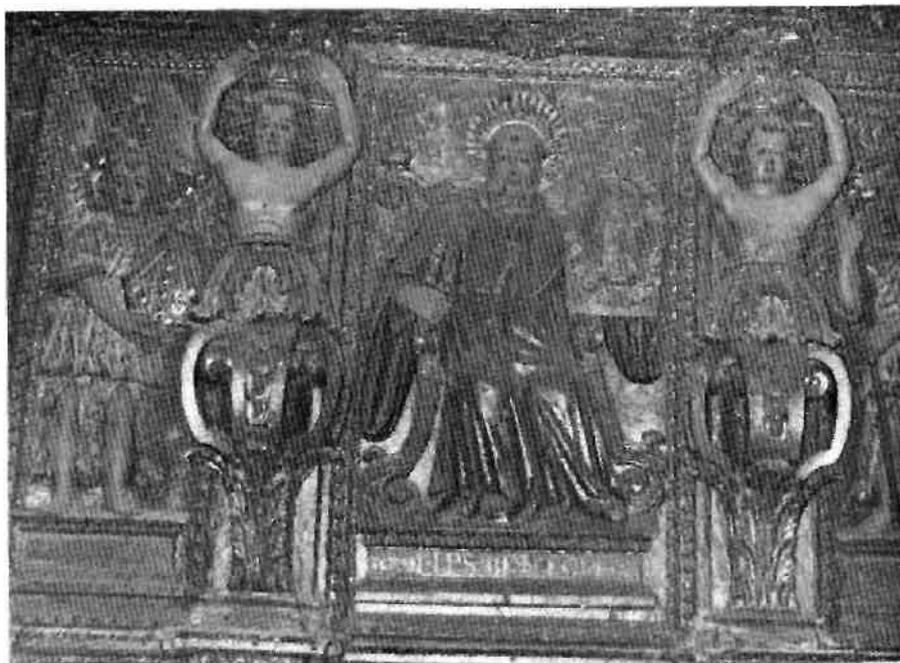


Fig. 20-A.—Tibães. S. Bento. Pormenor do pano Poente do Coro

EST.

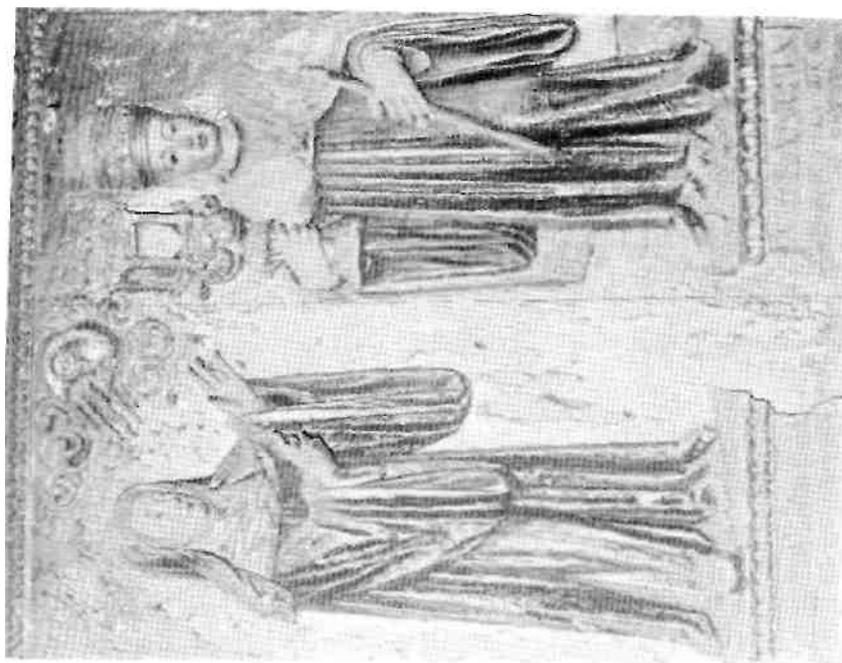
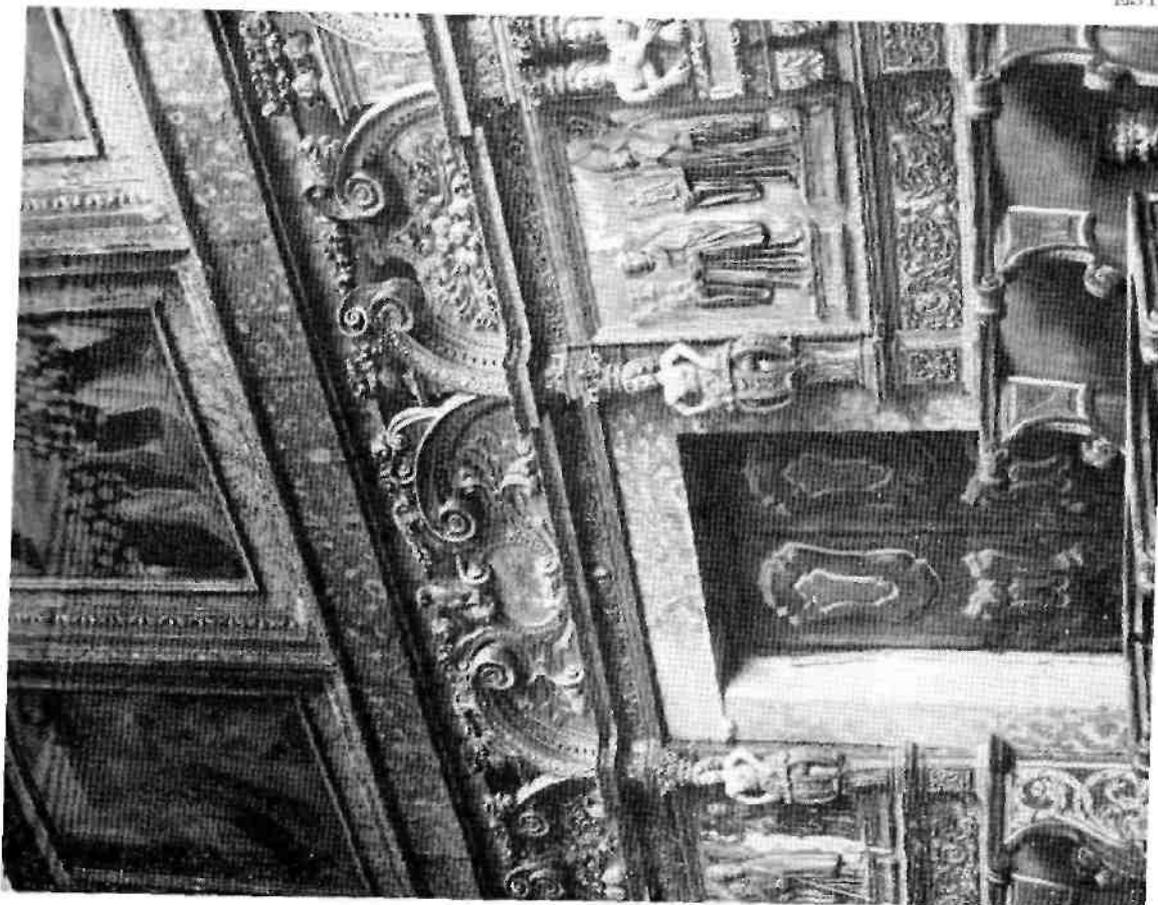


Fig. 21 — Tibiães, Coro, Urbano IV e S. Juliana



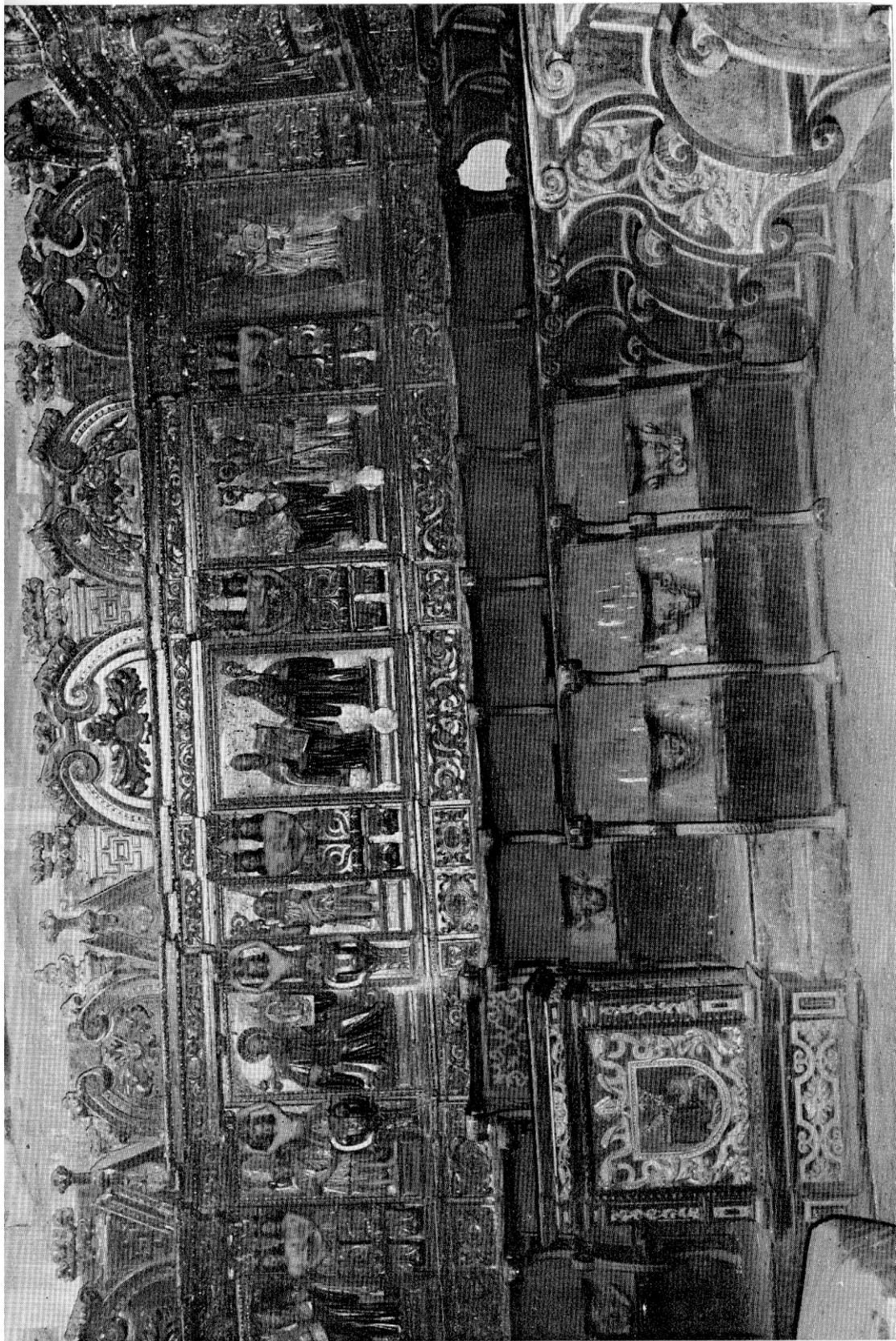


Fig. 24 — Tibães. Pano Poente do 2.º Coro

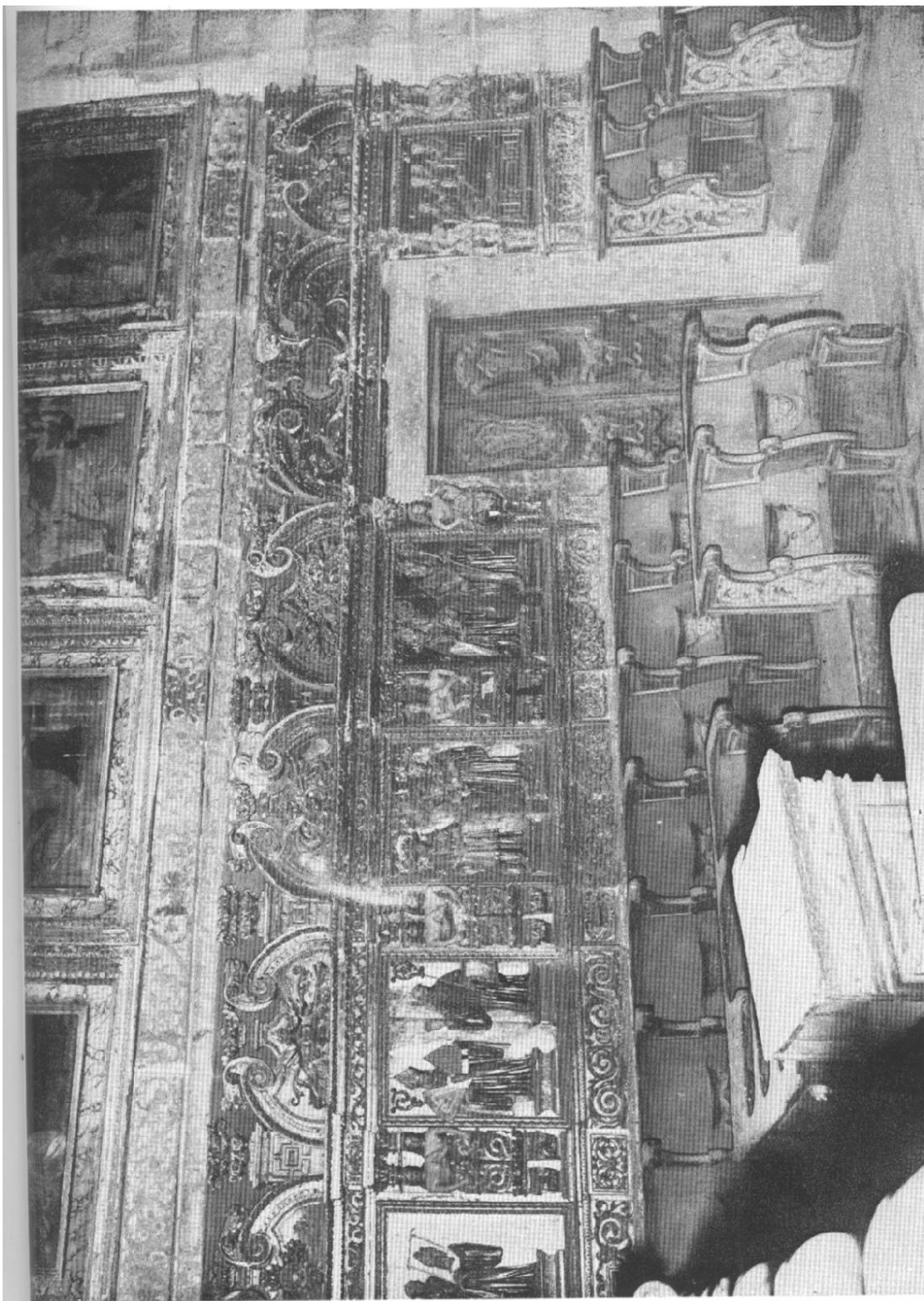


Fig. 25 — Tibães. Pano norte do 2.º Coro



Fig. 26 Tibães- Pormenor do 2.º Coro



Fig. 27 -Tibães.
Um pormenor do friso
do Coro



Fig. 29 — Ibães. Pormenor do Pano Poente do Coro



Fig. 31 — Tibães, Misericórdia do Coro



Fig. 32 — Tibães, Última misericórdia do Coro



Fig. 30 — Tibães, Formeja do Cadeiral do Coro

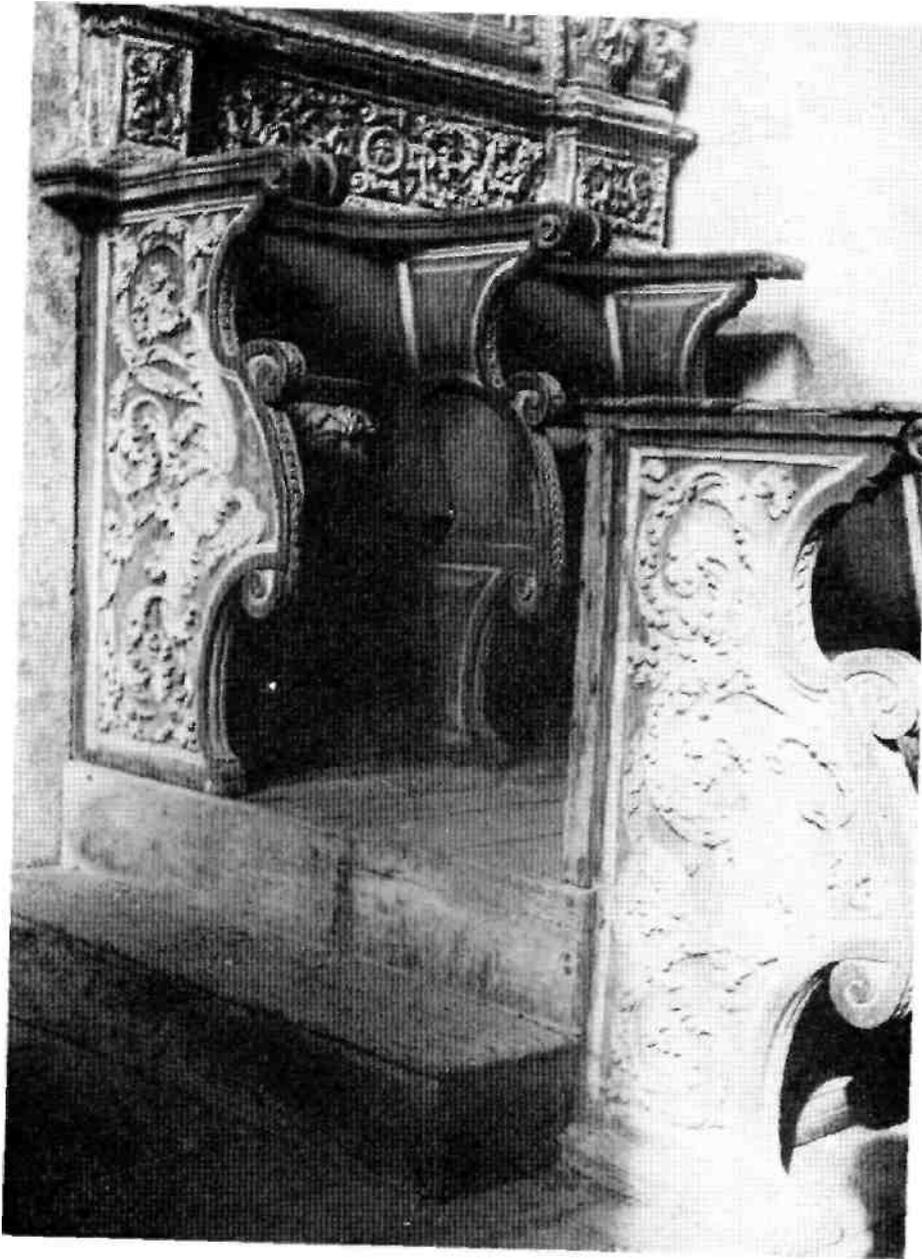
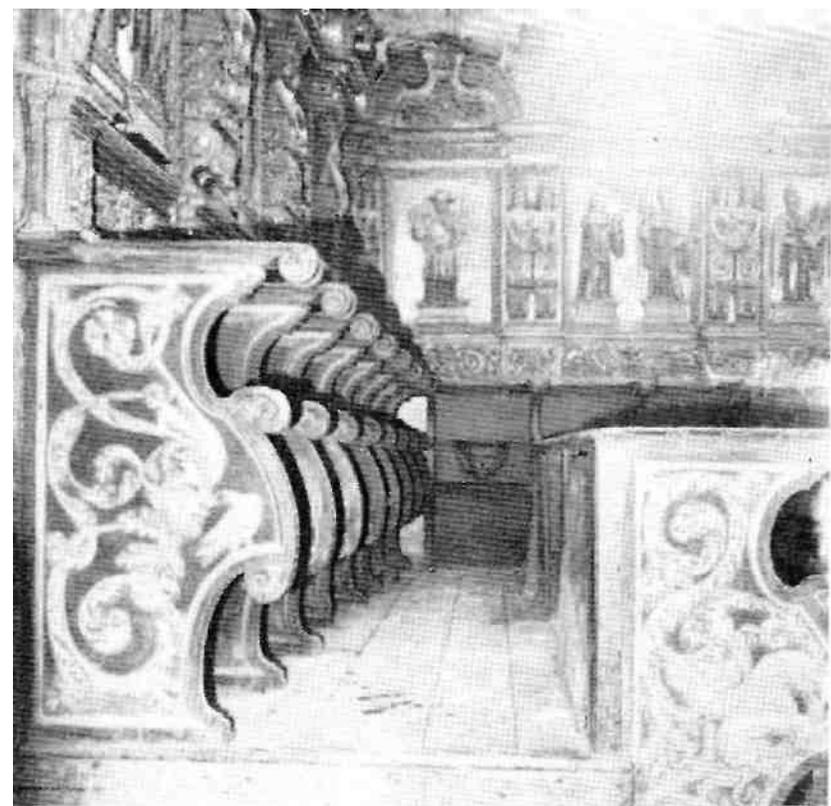


Fig. 33 - Tibãrs. Pormenor da face lateral dos cadeirais



g. 34 — Tibães. Uma perspectiva do cadeiral perior do Coro e face lateral do inferior

Fig. 35 — Tibães. Uma das fontes de Jardim de S. Bento



EST. XXI

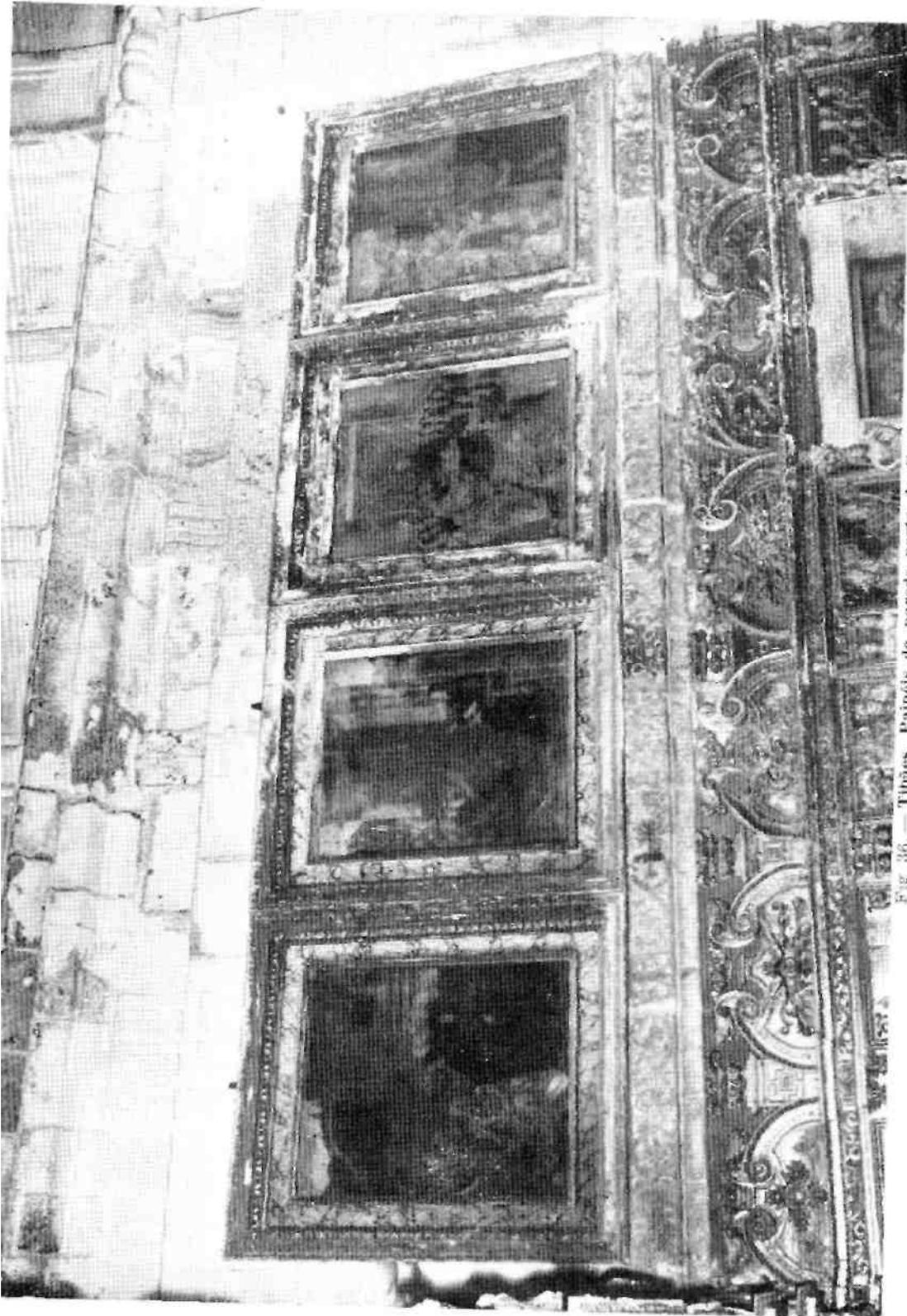


Fig. 36. — Tinas. Painéis da parede norte do Coro



Fig. 37 — Tibães, Painéis da parede sul do Coro